

PAULO COELHO

autor de O DIÁRIO DE UM MAGO e O ALQUIMISTA

BRIDA

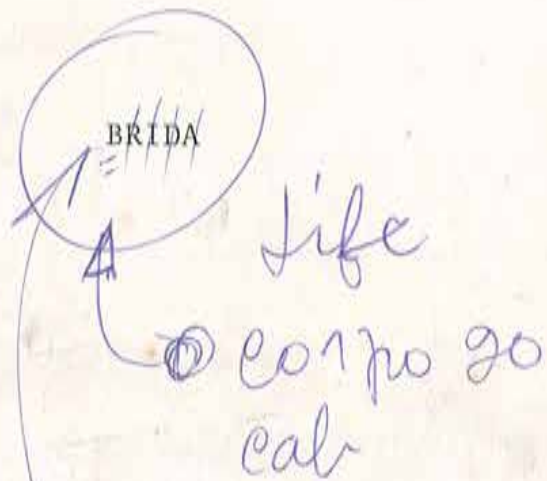




Estados com
compensador para a
capa.

PAG. IMPAR

I



Brida

PÁG. PAR
life corpo 10/11

T
7 cic

Obras do autor: 7 gnto

1 cic #

O TEATRO NA EDUCAÇÃO - Ed. Forensense Univer-
sitária, 1974 (3a. Edição 1986).

O MANIFESTO DE KRIG-HA (c/Raul Seixas) - Ed.
Intersong, 1974.

ARQUIVOS DO INFERNO - Shogun Arte, 1982 (2a.
Edição 1987).

MANUAL PRÁTICO DO VAMPİRISMO (c/Nelson Lian-
no) - Editora ECO, 1986. 1987 -

O DIÁRIO DE UM MAGO - (Editora Rocco, 31a. Edi-
ção 1990) 1988-

O ALQUIMISTA - (Editora Rocco, 35a. Edição, 1990)

2 cic

Em Espanhol :

1 cic #

EL DIARIO DE UN MAGO - Ed. Martinez Roca, Barcelona

EL ALQUIMISTA - Editorial Obelisco, Barcelona

| ← 20 cic → |

PAULO COELHO

maudis

life corpo 16
calta centras

10ae

BRIDA

life
corpo 30
cab

Roco

Pag. par life e. 8/8 centran

IV

Copyright © 1990 by Paulo Coelho

#3aie

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua da Assembléia, 10 Gr. 3101
CEP 20011 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 224-5859
Telex: 38462(EDIC BR)

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

[e. 7]

#3aie

capa

CHRISTINA OITICICA

[e. 8 vv. e vte]

#3aie

foto da capa

LEWI MORAES

[e. 8 vv e vte]

#3aie

revisão

JOSE ANESI FERNANDES

[e. 8 vv e vte]

e. 8 centran

Correspondência para o autor
Caixa Postal 43.003 - CEP 22052 - RJ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ficha catalográfica

Pág. ímpar
Texto *Trifec* c. 10

manchur

V
II

_____ Para:

N.D.L., que realizou os milagres;
ent.

Christina, que faz parte de um deles;

ent.
e Bida. _____ *maucha*

Pág. ímpar

texto [redacted] corpo 15711

VII

mancha

Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente, até encontrá-la?

E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas dizendo: Alegrai-vos porque achei a dracma que eu havia perdido.

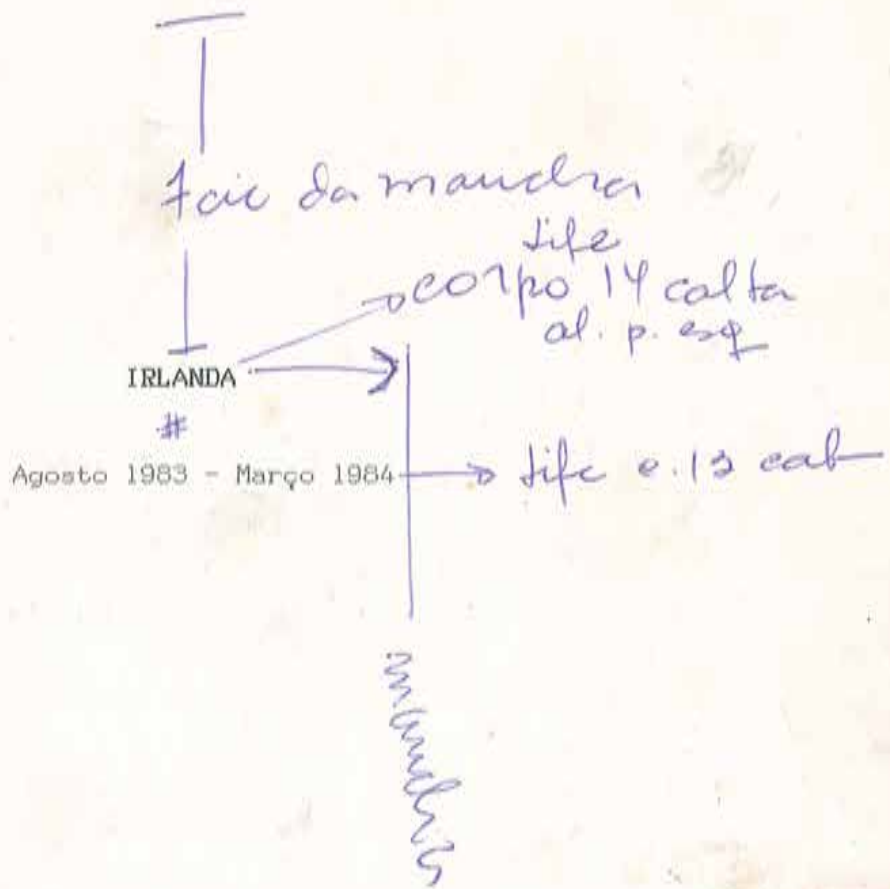
#

LUCAS 15, 8-9

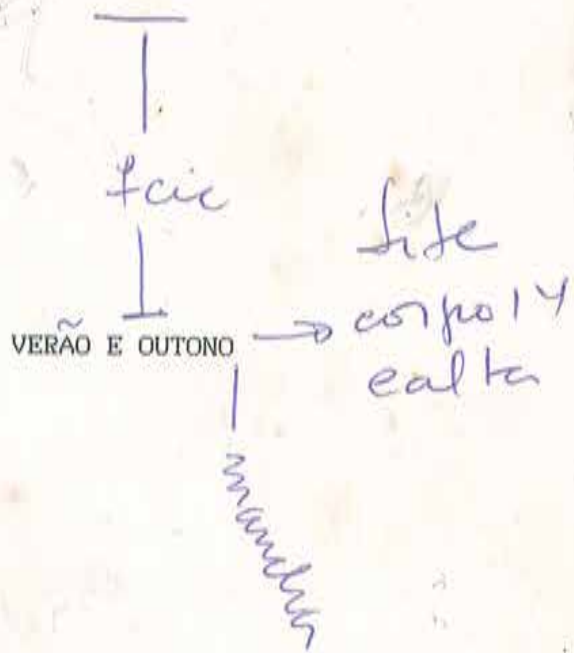
mancha

v.c. 8

Pág. Impar



Alin pg. ímpar



Traco

TITULO:
AUTOR:

BRIDA

9/10

LAFDA N°

I

PAG. IMPAR

Texto lido e. 19/12

mancha: 19 x 37 cic e/uo

COMPO R

I
licic
I

[ADVERTÊNCIA]

I — Licic — #
No livro O Diário de Um Mago, troquei duas das Práticas de RAM por exercícios de percepção, que havia aprendido na época em que lidei com teatro. Embora os resultados práticos fossem rigorosamente os mesmos, isto me valeu uma severa reprimenda de meu Mestre. "Não importa se existem meios mais rápidos ou mais fáceis; a Tradição jamais pode ser trocada", disse ele.

guito

I — Licic —
Por causa disto, os poucos rituais descritos em ~~BRIDA~~ são os mesmos praticados durante séculos pela Tradição da Lua - uma Tradição específica, que requer experiência e prática na sua execução. Utilizar tais rituais sem orientação é perigoso, desaconselhável, desnecessário, e pode prejudicar seriamente a Busca Espiritual.

rito

Licic

PAULO COELHO

→

(compo calta)

← 19 cic →

↑
11ac da mancha
↓

1ac - Quero aprender magia - disse a moça.
O Mago olhou para ela. Jeans, desbotada, camiseta, e ^o ar de desafio que toda pessoa tímida costuma usar quando não devia. "Devo ter o dobro da idade dela", pensou. E, apesar disto, sabia que estava diante da sua Outra Parte.

□ - Meu nome é' Brida - continuou ela. - Desculpe não ter me apresentado. Esperei muito por este momento, e estou mais ansiosa do que pensava.

□ - Para que você quer aprender magia? - perguntou ele.

□ - Para responder algumas perguntas de minha vida. Para conhecer os poderes ocultos. E, talvez, para viajar ao passado e ao futuro.

Não era a primeira vez que alguém ia até' o bosque lhe pedir isto. Houve ~~uma~~ época em que fora um Mestre muito conhecido e respeitado pela Tradição. Aceitara vários discípulos, e acreditara que o mundo mudaria na medida em que ele pudesse mudar aqueles que o cercavam. Mas havia cometido um erro. E os Mestres da Tradição não podem cometer erros.

- Você não se acha muito jovem para isto?

- Tenho 21 anos - disse Brida. - Se quisesse aprender ballet agora, já' seria velha demais.

consolidada

O Mago fez um sinal para que ela o acompanhasse. Os dois começaram a caminhar juntos pelo bosque, em silêncio. "Ela é' bonita", pensava ele, enquanto as sombras das árvores iam mudando rapidamente de posição - porque o sol já' estava perto do horizonte. "Mas tenho o dobro da idade dela". Isto significava que possivelmente iria sofrer.

Brida estava irritada com o silêncio do homem que caminhava ao seu lado; sua última frase não merecia sequer ~~um~~ comentário da parte dele. O chão da floresta estava ~~úmido~~ ^{úmido}, coberto de folhas secas; ~~ela também reparou~~ ^{as sombras mudando e} ~~uma a noite~~ ^{alguma} caindo rapidamente. Daqui a pouco ia escurecer, e eles não estavam carregando ~~nenhuma~~ ^{alguma} lanterna.

"Preciso confiar nele", encorajava a si mesma. "Se acredito que ele pode me ensinar magia, acredito também que ele pode me guiar por uma floresta."

Continuaram caminhando. Ele parecia andar sem qualquer rumo, de um lado para outro, ~~às vezes~~ mudando de direção sem que qualquer obstáculo estivesse interrompendo seu caminho. Mais de uma

off

compon

del

vez andaram em círculos, passando três ou quatro vezes pelo mesmo lugar. "Quem sabe está me testando". Estava resolvida a ir até o fim com aquela experiência, e procurava demonstrar que tudo que estava ocorrendo - inclusive as caminhadas em círculo - eram coisas perfeitamente normais.

^{depois de esperar}
Viera de muito longe, ~~o que a esperava~~ muito por aquele encontro. Dublin ficava a quase 150 quilômetros de distância, e os ônibus até aquela aldeia eram desconfortáveis e saíam em horários absurdos. Ela teve que acordar cedo, viajar três horas, perguntar por ele na cidadezinha, explicar o que desejava com um homem tão estranho. Finalmente lhe indicou a área do bosque onde ele costumava ficar durante o dia - mas não sem antes alguém ^{prever a de} comentar que ele já tentara seduzir uma das moças da aldeia.

le havia roptado

"Ele é um homem interessante", pensou consigo mesmo. O caminho agora era uma subida, e ela começou a torcer para que o sol demorasse ainda um pouco mais no céu. Tinha medo de escorregar nas folhas úmidas que estavam no chão.

- Por que você quer mesmo aprender magia?

Brida ficou contente porque o silêncio havia sido quebrado. Repetiu a mesma resposta que dera antes.

Mas ele não se satisfaz.

- Talvez você queira aprender magia porque ela é misteriosa e oculta. Porque tem respostas que poucos seres humanos conseguem encontrar em sua vida inteira. Mas, sobretudo, porque ela lembra um passado ^{romântico}.

Europa

Brida não disse nada. Não sabia o que precisava dizer. Ficou desejando que ele voltasse ao seu silêncio habitual, porque estava com medo de dar uma resposta que não gostasse.

#3 ou o Mago

Chegaram finalmente ao alto de um monte, depois de cruzarem o bosque inteiro. O terreno ali ficava rochoso, e despido de qualquer vegetação; mas era menos escorregadio, e Brida acompanhou o Mago sem qualquer dificuldade.

atravessaram

Ele sentou-se na parte mais alta, e pediu que Brida fizesse o mesmo.

- Outras pessoas já estiveram aqui antes - disse o Mago. - Vieram me pedir que eu lhes ensinasse magia. Mas eu já ensinei tudo que precisava ensinar, já devolvi à humanidade o que ela me deu. Hoje quero ficar sozinho, subir as montanhas, cuidar das plantas, e comungar com Deus.

- Não é verdade - respondeu a moça à sua frente.

c. 18/12

5

100

- O que não é verdade? - Ele estava surpreso.
- Talvez queira comungar com Deus. Mas não é verdade que queira ficar sozinho.

Brida arrependeu-se. Disse tudo aquilo num impulso, e agora era tarde demais para consertar seu erro. Talvez existissem pessoas que gostassem de ficar sozinhas. Talvez as mulheres precisassem mais dos homens do que os homens das mulheres.

O Mago, entretanto, não parecia irritado quando tornou a falar.

- Vou lhe fazer uma pergunta - disse. - Você tem que ser absolutamente verdadeira em sua resposta. Se me falar a verdade, eu lhe ensino o que me pede. Se mentir, nunca mais deve voltar a esta floresta.

Brida respirou aliviada. Era apenas uma pergunta. Não precisava mentir, isto era tudo. Sempre achou que os Mestres, para aceitarem seus discípulos, exigiam coisas mais difíceis.

Ele sentou-se bem na sua frente. Seus olhos estavam brilhantes.

- Suponhamos que eu comece a lhe ensinar o que aprendi - falou, com os olhos fixos nos olhos dela. - Comecei a lhe mostrar os universos paralelos que nos rodeiam, os anjos, a sabedoria da natureza, os mistérios da Tradição do Sol e da Tradição da Lua. E certo dia, quando você desce a cidade para comprar alguns alimentos, encontra no meio da rua o homem de sua vida.

"Não saberia reconhecê-lo", pensou ela. Mas resolveu ficar calada; a pergunta parecia mais difícil do que tinha imaginado.

- Ele percebe a mesma coisa, e consegue aproximar-se de você. Os dois se apaixonam. Você continua seus estudos comigo, eu lhe mostro a sabedoria do Cosmos durante o dia, ele lhe mostra os encantamentos do Amor durante a noite. Mas chega determinado momento em que as duas coisas não podem mais caminhar juntas. Você precisa escolher.

O Mago parou de falar por alguns instantes. Antes mesmo de perguntar, teve medo da resposta da moça. Sua vinda, naquela tarde, significava o final de uma etapa na vida de ambos. Ele sabia disto, porque conhecia as tradições e os desígnios dos Mestres. Precisava tanto dela quanto ela dele. Mas ela devia falar a verdade naquele momento; era a única condição.

- Agora me responda com toda franqueza - disse, enfim, tomando coragem. - Você largaria tudo o que aprendera até então, todas as possibilidades e todos os mistérios que o mundo da magia poderia lhe proporcionar, para ficar com o nome da sua

vida?

Brida desviou os olhos dele. À sua volta estavam as montanhas, as florestas, e lá embaixo a pequena aldeia começava a acender suas luzes. As chaminés fumegavam, daqui a pouco as famílias estariam reunidas em torno da mesa para jantar. Trabalhavam com honestidade, temiam a Deus, e procuravam ajudar o próximo. Faziam aquilo tudo porque conheciam o amor. Suas vidas estavam explicadas, eram capazes de entender tudo que se passava no universo, sem jamais terem ouvido falar de coisas como a Tradição do Sol e a Tradição da Lua.

- Não vejo nenhuma contradição entre a minha busca e a minha felicidade - disse ela.

- Responda o que lhe perguntei. - Os olhos do Mago estavam fixos nos seus olhos. - Você largaria tudo por esta pessoa?

Brida sentiu uma vontade imensa de chorar. Não era apenas uma pergunta, era uma escolha, a escolha mais difícil que as pessoas têm que fazer na vida. Já pensara muito sobre isto. Houve uma época em que nada mais no mundo tão importante - ela mesma. Têve muitos namorados, sempre acreditou que amava cada um, e sempre viu o amor acabar de uma hora para a outra. De tudo que conhecia até então, o amor era o mais difícil. Agora estava apaixonada por alguém que tinha pouco mais que sua idade, que estudava Física e via o mundo de um modo completamente diferente do que ela via. Mais uma vez estava acreditando no amor, apostando nos seus sentimentos, mas se decepcionara tantas vezes que não tinha mais certeza de nada. Mesmo assim, esta era ainda a grande aposta da sua vida.

Evitou olhar para o Mago. Seus olhos fixaram-se na cidade com chaminés fumegando. Era através do amor que todos procuravam entender o universo desde o começo dos tempos.

- Eu largaria - disse finalmente.

Aquele homem na sua frente jamais iria entender o que se passava no coração das pessoas. Era um homem que conhecia o poder, os mistérios da magia, mas não conhecia as pessoas. Tinha os cabelos grisalhos, a pele queimada pelo sol, e o físico de quem está acostumado a subir e descer aquelas montanhas. Era encantador, com seus olhos refletindo sua alma cheia de respostas, mais uma vez decepcionado com os sentimentos dos

Ela também estava decepcionada consigo mesma, mas não podia mentir.

- Olhe para mim - disse o Mago.

Brida estava com vergonha. Mas olhou assim mesmo.

- Você falou a verdade. Eu vou lhe ensinar.

fic #

4

4 H

H 4

dela

1 #

1 era H quanto

H No momento

fic #

comuns.

e de via está seres humanos

7
Life e. 12/12

12/12

A noite caiu por completo, e as estrelas brilhavam num céu sem lua. Em duas horas Brida contou sua vida inteira para aquele desconhecido. Tentou buscar fatos que explicassem seu interesse por magia - como visões na infância, premonições, chamados interiores - mas não conseguiu encontrar nada. Sentia vontade de conhecer, e isto era tudo. E por causa disso já frequentara cursos de astrologia, tarot, numerologia.

- Isto são apenas linguagens - disse o Mago. - E não são as únicas. A magia fala todas as linguagens do coração do homem.

- O que é magia, então? - perguntou ela.

Mesmo no escuro, Brida percebeu que o Mago virou o rosto. Estava olhando o céu, absorto, quem sabe em busca de uma resposta.

- Magia é uma ponte - disse enfim. - Uma ponte que permite a você andar do mundo visível para o invisível. E aprender as lições de ambos os mundos.

- E como posso aprender a cruzar esta ponte?

- Descobrimo sua maneira de cruzá-la. Cada pessoa tem sua maneira.

- Foi isto que vim buscar aqui.

- Existem duas formas - respondeu o Mago. - A Tradição do Sol, que ensina os segredos através do espaço, das coisas que nos cercam. E a Tradição da Lua, que ensina os segredos através do Tempo, das coisas que estão presas na memória do tempo.

Brida havia entendido. A Tradição do Sol era aquela noite, as árvores, o frio no seu corpo, as estrelas no céu. E a Tradição da Lua era aquele homem na sua frente, com a sabedoria dos antepassados brilhando em seus olhos.

- Aprendi a Tradição da Lua - disse o Mago, como se estivesse adivinhando seus pensamentos. - Mas jamais fui um Mestre nela. Sou um Mestre na Tradição do Sol.

- Mostre-me a Tradição do Sol - falou Brida, desconfiada, porque havia pressentido uma certa ternura na voz do Mago.

- Vou lhe ensinar o que aprendi. Mas são muitos os caminhos da Tradição do Sol. E' preciso ter confiança na capacidade que cada pessoa tem de ensinar a si mesma.

Brida não estava enganada. Havia mesmo ternura na voz do Mago. Aquilo a assustava, ao invés de deixá-la mais à vontade.

- Sou capaz de entender a Tradição do Sol - disse.

O Mago parou de olhar as estrelas e se concentrou na menina.



Rocco

TÍTULO:
AUTOR:

LAUDA Nº

8

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70

à sua frente. Sabia que ela ainda não era capaz de aprender a Tradição do Sol. Mesmo assim, precisava ensiná-la. Certos discípulos escolhem os seus Mestres.

- Quero lembrar uma coisa, antes da primeira lição - disse. *deixa*
~~preciso~~. - Quando alguém deseja encontrar seu caminho, não pode ter medo. Precisa ter coragem suficiente para dar passos errados. As decepções, as derrotas, o desânimo, são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada.

- Ferramentas estranhas - Brida falou. - Muitas vezes fazem com que as pessoas desistam.

O Mago conhecia o motivo. Já havia experimentado no corpo e na alma estas estranhas ferramentas de Deus.

- Me ensine a Tradição do Sol - insistiu ela. *as*
Esperar-me

3ª lição

lição O Mago pediu que Brida encostasse numa saliência da rocha e ~~ficasse relaxada~~ *relaxasse*.

- Não precisa fechar os olhos. Veja o mundo ao seu redor, e perceba tudo que puder perceber. Em cada momento, diante de cada pessoa, a Tradição do Sol está mostrando a sabedoria eterna.

Brida fez o que o Mago estava mandando. *mas achou que ele estava indo muito rápido.*

- Esta é a primeira e mais importante lição - disse ele. - Foi criada por um místico espanhol, que entendeu o significado da fé. Seu nome era Juan de La Cruz.

Olhou para a menina ~~estava~~, entregue e confiante. No fundo do seu coração, torceu para que ela entendesse o que estava para lhe ensinar. Afinal de contas ela era a sua Outra Parte, *DO*
mesmo que ainda não soubesse, mesmo que ainda fosse muito jovem, e estivesse fascinada pelas coisas e pelas pessoas do mundo.

ABRIL 1971, texto Life c. 12/12
Maudslor: 19 x 37 cic s/no
19 x 40 cic e/no

19 cic
Brida enxergou através da escuridão, o vulto do Mago entrando no bosque e sumindo entre as árvores que ficavam a sua esquerda. Teve medo de ficar sozinha ali, ^e procurou manter-se relaxada. Esta era sua primeira lição, ~~e~~ não podia demonstrar qualquer nervosismo.

"Ele me aceitou como discípula. Não posso decepcioná-lo". Estava contente consigo mesma, e ao mesmo tempo surpresa com a rapidez com que tudo acontecera. Mas jamais havia duvidado de sua capacidade - tinha orgulho disto, e ~~isto~~ ^{de} que a ~~havia~~ ^{levava} levado até ali. Teve certeza ~~de~~ ^{de} que, ~~em~~ ^{em} algum lugar da rocha, o Mago estava olhando suas reações, para ver se era capaz de aprender a primeira lição de magia. Ele havia falado em coragem; mesmo com

medo - no fundo da sua mente começavam a surgir imagens de cobras e escorpiões que habitavam aquela rocha - ela ^{devia} demonstrar coragem. Daqui a pouco ele ~~ia~~ ^{ia} voltar, para ensinar a primeira lição.

"Sou uma mulher forte e decidida", repetiu baixo, para si mesma. Era uma privilegiada ~~de~~ ^{de} estar ali com aquele homem, que as pessoas adoravam ou temiam. Reviu toda a tarde que passaram juntos, ~~e~~ ^e lembrou-se do momento em que ~~sentia~~ ^{sentia} alguma ternura ~~na~~ ^{na} sua voz. "Quem sabe também me achou uma mulher interessante. Talvez até mesmo quisesse fazer amor comigo". Não seria uma experiência má; havia algo de estranho nos olhos dele.

19 cic "Que pensamentos tolos". Estava ali, atrás de algo muito concreto - um caminho de conhecimento - e de repente ~~ela~~ ^{ela} percebia como uma simples mulher. Procurou não pensar mais nisto, e foi quando se deu conta ^{de} que muito tempo ~~havia~~ ^{já} passado desde que o Mago a deixara sozinha.

3 cic
Começou a sentir um início de pânico; a fama que corria a respeito daquele homem era ~~o~~ ^o contraditória. Algumas pessoas diziam que ele ~~foi~~ ^{foi} o mais poderoso Mestre que ~~já~~ ^{já} conheceram, que ele era capaz de mudar a direção do vento, de abrir buracos em nuvens, utilizando apenas a força do ~~seu~~ ^{seu} pensamento. Brida, como todo mundo, era fascinada por prodígios desta natureza. Outras pessoas, ~~entretanto~~ ^{entretanto} - pessoas que frequentavam o mundo da magia, os mesmos cursos e aulas que ela frequentava - garantiam que ele era um feiticeiro negro, que certa vez havia destruído um homem com o seu Poder, porque se apaixonara pela mulher deste homem. ~~Ele~~ ^{Ele}, mesmo sendo um Mestre, ~~fôra~~ ^{fôra} condenado a vagar na solidão das florestas.

3 cic
"Talvez a solidão o tenha enlouquecido mais ainda", e Brida começou a sentir de novo um início de pânico. ~~Com~~ ^{Com} sua pouca idade, já conhecia os danos que a solidão era capaz de causar nas pessoas, principalmente quando ~~elas~~ ^{elas} ficavam mais velhas. Encontrara pessoas que haviam perdido todo o brilho de viver porque não conseguiam mais lutar contra a solidão, e acabaram ficando viciadas nela. Eram, em sua maioria, pessoas que achavam o mundo um lugar sem dignidade e sem glória, que gastavam suas tardes e noites falando sem parar dos erros que os outros haviam cometido. Eram pessoas que a solidão havia convertido em juizes do mundo, ~~e~~ ^e cujas sentenças ~~espalhavam~~ ^{espalhavam} aos quatro ventos, para quem quisesse ouvir. Talvez o Mago ~~tivesse~~ ^{tivesse} também enlouquecido com a solidão.

livros

De repente, um ruído mais forte ao seu lado fez com que ela desse um salto, e seu coração disparasse. Já não havia qualquer vestígio do relaxamento em que se encontrava algum tempo atrás. Olhou em volta e não podia distinguir nada. Uma onda de pavor parecia nascer de sua barriga e espalhar-se por seu corpo inteiro.

→ Sem

"Tenho que me controlar", pensou, mas era impossível. A imagem das cobras, dos escorpiões, os fantasmas de sua infância, começaram a aparecer na sua frente. Brida estava apavorada demais para conseguir manter o controle. Uma outra imagem surgiu: a de um feiticeiro poderoso, com um pacto demoníaco, que estava oferecendo em holocausto.

→ sua vida

- Onde está você? - gritou finalmente. Já não queria impressionar mais ninguém. Tudo que queria era sair dali.

Ninguém respondeu.

- Eu quero sair daqui! Me socorre!

Mas a floresta continuava apenas com seus ruídos estranhos. Brida sentiu-se tonta de medo, achou que ia desmaiar. Mas não podia desmaiar; agora que tinha a certeza de que ele não estava mais ali, desmaiar seria pior. Precisava manter o controle de si mesma.

havia apenas a floresta
→ estava longe,

Este pensamento fez com que descobrisse que alguma força dentro dela estava lutando para manter este controle. "Não posso continuar gritando", foi seu primeiro pensamento. Seus gritos podiam chamar a atenção de outros homens que viviam naquela floresta, e homens que vivem em florestas podem ser mais perigosos que animais selvagens.

Estava começando a entender que havia uma grande diferença entre perigo e medo.

"Tenho fé", começou a repetir baixinho. "Tenho fé em Deus, fé no meu anjo da guarda, que me trouxe até aqui e que permanece comigo. Não sei explicar como ele é, mas sei que ele está perto. Não tropeçarei em nenhuma pedra."

A última frase era de um salmo que aprendeu na infância, e que há muitos anos não passava pela cabeça. Sua avó, que morrera há pouco tempo, lhe havia ensinado. Gostaria que ela tivesse perto naquele momento; imediatamente, sentiu uma presença amiga.

→ por sua
→ por

"O que habita no esconderijo do Altíssimo..." era assim que começava o Salmo. Notou que estava lembrando de tudo, palavra por palavra, exatamente como se sua avó estivesse recitando naquele instante para ela. Recitou durante algum tempo, sem parar, e, apesar do medo, sentiu-se mais tranqüila. Não tinha nenhuma escolha naquele momento; ou acreditava em Deus, no seu

Anjo da Guarda, ou se desesperava.

Sentiu ^{uma} presença protetora ~~a sua volta~~. "Preciso acreditar nesta presença. Não sei explicá-la, mas ela existe. E ela irá estar aqui comigo a noite inteira, porque não sei sair daqui sozinha."

Quando ~~ela~~ ^{ela} criança, costumava acordar ^{no meio da noite}, apavorada de noite. Seu pai então, ia com ela até a janela e mostrava a cidade onde viviam. Ele falava dos guardas noturnos, do leiteiro que já estava entregando o leite, do padeiro fazendo o pão de cada dia. Seu pai ~~lhe dizia~~ ^{pedia} "tira os monstros que havia colocado na noite, e ~~substituí-los~~ ^{substitua-os} por estas pessoas, que vigiavam a escuridão." "A noite é apenas uma parte do dia", dizia.

para H

A noite era apenas uma parte do dia. E assim como ^{ela} sentia ~~se~~ protegida pela luz, podia sentir ~~se~~ protegida pelas trevas. As trevas faziam com que ela invocasse aquela presença protetora. Precisava confiar nela. E esta confiança se chamava Fé. Ninguém jamais poderia entender a Fé. A Fé era exatamente aquilo que estava experimentando agora, um mergulho sem explicação numa noite escura como aquela.

Existia, apenas porque se acreditava nela. Assim como os milagres não tinham qualquer explicação, mas aconteciam para quem acreditava em milagres.

também

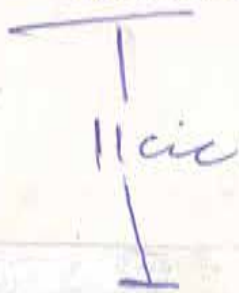
3 cic

"Ele me falou da primeira lição", disse ela, de repente se dando conta. A presença protetora estava ali, porque ela acreditava nela. Breda começou a sentir o cansaço de tantas horas de tensão. Começou a relaxar de novo, e sentia-se a cada momento mais protegida.

Tinha fé. E a fé não deixaria que a floresta fosse de novo povoada por escorpiões e cobras. A fé manteria seu Anjo da Guarda acordado, velando.

Recostou-se de novo na rocha, e dormiu sem perceber.

ABRIR PÁGINA PAR OU IMPAR
Jéto life c.18/12. mandra 19X37 cic



^{luz} Quando acordou já estava claro, e um lindo sol ~~de gente~~ ^{aluminava} tudo ao seu redor. Estava com um pouco de frio, ~~em~~ ^{roupa} suja, mas sua alma rejubilava-se. Havia passado uma noite inteira, sozinha, numa floresta. ^{mesmo sabendo a inutilidade de seu gesto.}
^{colônia} Procurou com os olhos o Mago, ~~mas sabia que não iria encontrá-lo agora.~~ Ele devia estar andando pelos bosques, procurando "comungar com Deus", e talvez perguntando a si mesmo se aquela menina da noite anterior ~~teve~~ ^{teve} coragem de aprender a

primeira lição da Tradição do Sol.

- Aprendi sobre a Noite Escura - disse ela para a floresta, que agora estava silenciosa. - Aprendi que a busca de Deus é uma Noite Escura. Que a Fé é uma Noite Escura.

"~~Entretanto,~~ Cada dia do homem é uma noite escura. Ninguém sabe o que vai acontecer no próximo minuto, e mesmo assim as pessoas andam para frente. Porque confiam. Porque tem Fé."

Não foi surpresa

Ou, quem sabe, porque não percebam o mistério encerrado no próximo segundo. Mas isto não tinha a menor importância importante era saber que ela havia entendido.

Que cada momento na vida era um ato de fé.

Que podia povoá-lo com cobras e escorpiões, ou com uma força protetora.

Que a fé não tinha explicações. Era uma Noite Escura. E cabia apenas aceitá-la ou não.

Brida olhou no relógio e viu que já estava ficando tarde. *precisava* tomar um ônibus, e viajar durante três horas, ~~Tinha que~~ pensar algumas explicações convincentes para dar ao seu namorado; ele jamais iria acreditar que ~~passaria~~ uma noite inteira, sozinha, numa floresta.

ela passou a

-É muito difícil a Tradição do Sol! - gritou para a floresta. - Tenho que ser minha própria Mestre, e não era isto que eu esperava!

Olhou a cidadezinha lá embaixo, traçou mentalmente seu caminho pelo ~~floresta~~, e começou a andar. Antes, ~~de entrar nos~~ porém, voltou-se mais uma vez para a rocha.

bosque

- Quero dizer outra coisa - gritou com voz solta e alegre. - Você é um homem muito interessante!

~~É a noite da queda.~~

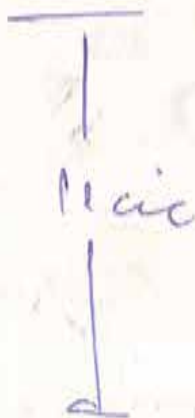
#3 vic

lá Encostado no tronco de uma velha árvore, o Mago viu a menina sumir no bosque. Tinha escutado seu medo e ouvido seus gritos durante a noite. Em certo momento chegou a pensar em abraçá-la, protegê-la do seu pavor, dizer que ela não precisava daquele tipo de desafio.

aproximar-se,

Agora estava contente ~~por~~ não ter feito isto. E orgulhoso que aquela menina, com toda a sua confusão juvenil, fosse a sua Outra Parte.

Mancha: 19x37 cic e/uo
19x39 cic e/uo



19 cic

No centro de Dublin ^{existe} havia uma livraria especializada em tratados de ocultismo mais avançados. Era uma livraria que jamais fez qualquer publicidade em jornais ou revistas - as pessoas só chegavam lá indicadas por outras pessoas, e o livreiro fica contente, porque ~~tem~~ ^{tem} um público seletivo e especializado.

Mesmo assim, a livraria ^{está} sempre cheia. Depois de ouvir falar muito dela, Breda finalmente conseguiu o endereço com o professor de um curso de viagem astral que frequentando. Foi lá certa tarde, ~~após~~ ^{estava} ~~o~~ ^{após} trabalho, e ficou encantada com o lugar. A partir daí, sempre que podia, ia olhar os livros - apenas olhar, porque eram todos importados e muito caros. Costumava folhear um por um, prestando atenção nos desenhos e símbolos que alguns volumes traziam, e sentindo intuitivamente a vibração de todo aquele conhecimento acumulado.

As vezes costumava reclamar de si mesma, porque só conseguia participar de coisas que pudesse entender. Pressentia que estava perdendo algo importante nesta vida, que desta maneira iria sempre ter experiências repetidas. Mas não tinha coragem de mudar. Precisava estar sempre enxergando o seu caminho; agora que conhecia a Noite Escura, sabia que não desejava andar por ela.

E apesar de ficar insatisfeita consigo mesma algumas vezes, era impossível ir além de seus próprios limites.

Os livros eram mais seguros. As estantes continham reedições de tratados escritos ~~há~~ ^{há} centenas de anos atrás - muito pouca gente arriscava ~~se~~ ^{se} fazer algo de novo nesta área. E a sabedoria oculta parecia sorrir ~~em~~ ^{em} aquelas páginas, distante e ausente, sorrindo do esforço dos homens ~~de~~ ^{de} tentar desvendá-la a cada geração.

Além dos livros, Breda tinha outro grande motivo para frequentar o local: ficava observando ~~as~~ ^{as} pessoas que vinham sempre ali. As vezes fingia folhear respeitáveis tratados alquímicos, mas seus olhos estavam concentrados nas pessoas - homens e mulheres, geralmente mais velhos que ela - que sabiam o que desejavam e iam sempre na prateleira certa. Tentava imaginar como deviam ser na intimidade. ~~As~~ ^{As} vezes pareciam sábios, capazes de despertar força e poder que os mortais não conheciam. Outras vezes pareciam apenas pessoas desesperadas, tentando descobrir ~~de~~ ^{de} novo

Tinha ficado mais cautelosa depois da experiência com o Lago.

uma resposta que ^{esqueceram} ~~havia esquecido~~ ha' muito tempo - e sem a qual ^{no} a vida deixava de ter sentido.

La Reparou também que os fregueses mais constantes costumavam conversar sempre com o livreiro. Falavam de coisas estranhas, como fases da lua, propriedade de pedras, e pronúncia correta de ^{as} palavras rituais.

Certa tarde, Brida tomou coragem para fazer a mesma coisa. Estava voltando do seu trabalho, onde ~~dera tudo certo~~. Achou que devia aproveitar ~~o dia de sorte~~.

- Sei que existem sociedades secretas - disse ela. Achou que era um bom começo para a conversa. Ela "sabia" de alguma coisa.

Mas tudo que o livreiro fez foi ^{levantar} a cabeça das contas que estava fazendo, e olhar espantado para a moça.

- Estive com o Mago de Folk - disse uma Brida já meio desconcertada, sem saber como continuar. - Ele me explicou sobre a Noite Escura. Ele me disse que o caminho da sabedoria é não ter medo de errar.

Reparou que o livreiro já estava prestando mais atenção as suas palavras. Se o Mago ensinara alguma coisa a ela, é porque ela devia ser uma pessoa especial.

- Se você sabe que o caminho é a Noite Escura, então por que buscar os livros? - disse ele finalmente, e ela entendeu que a referência ao Mago não tinha sido uma boa idéia.

- Porque não quero aprender daquela maneira - ^{consertou} ela.

emendou

#3 cic

O livreiro ficou olhando para a menina a sua frente. Ela possuía um Dom. Mas era estranho que, apenas por isto, o Mago de Folk houvesse ~~dad~~ tanta atenção a ela. Devia haver outra coisa. Podia também ser mentira, mas ela comentara sobre a Noite Escura.

dedicado

- Tenho visto você sempre por aqui - disse. - Entra, folheia tudo, e nunca compra livros.

- São caros - disse Brida, ^{pressentindo} ~~Ele pressentiu~~ que ele estava interessado em continuar a conversa. - Mas já li outros livros, frequentei vários cursos.

Disse o nome dos professores. Talvez o livreiro ficasse ainda mais impressionado.

De novo a coisa funcionou contra suas ^{expectativas}. O livreiro a interrompeu ~~no meio~~, e foi dar atenção a um freguês que queria saber se o almanaque com as posições planetárias para os próximos cem anos ~~o~~ havia chegado.

O livreiro consultou uma série de pacotes que estavam debaixo

15
do balcão. Brida reparou que os pacotes traziam carimbos de diversos cantos do mundo.

Sei Estava cada vez mais nervosa; sua coragem inicial havia passado por completo. Mas teve que esperar o freguês conferir o livro, pagar, receber o troco, ir embora. Só então o livreiro voltou-se novamente para ela.

- Não sei como continuar - disse Brida. Seus olhos estavam começando a ficar vermelhos.

- O que você sabe fazer bem? - perguntou *ele*.

- Ir atrás do que acredito. - Não havia *apenas* outra resposta. Vivia correndo atrás do que acreditava. O problema é que cada dia acreditava em uma coisa diferente.

O livreiro escreveu um nome no pedaço de papel onde estava fazendo suas contas. Rasgou o pedaço onde havia escrito, e ficou segurando nas mãos.

□ - Vou lhe dar um endereço - disse.

- Houve uma época em que as pessoas aceitavam as experiências mágicas como coisas naturais. Nesta época não havia sequer sacerdotes. E ninguém saía correndo atrás de segredos ocultos.

□ Brida não sabia se ele estava se referindo a ela.

□ - Você sabe o que é magia? - perguntou ele.

□ - É uma ponte. Entre o mundo visível e invisível.

□ O livreiro estendeu um papel para ela. Ali estava um telefone e um nome: Wicca.

Brida agarrou rapidamente o papel, agradeceu, e saiu. Ao chegar na porta, voltou-se para ele.

- E também sei que a magia fala muitas linguagens. Inclusive a de livreiros, que se fingem de difíceis, mas que são generosos e acessíveis.

Mandou um beijo e sumiu porta afora. O livreiro interrompeu suas contas, e ficou olhando a própria loja. "O Mago de Folk ensinou estas coisas para ela", pensou. Um Dom, por melhor que fosse, não era suficiente para que o Mago se interessasse; devia existir outro motivo. Wicca seria capaz de descobrir qual era.

Já estava na hora de fechar. O livreiro *estava notando* ~~andava reparando~~ que o público de sua loja começava a mudar. Estava, cada vez mais jovem - ~~que sabe~~, como diziam os velhos tratados que atulhavam suas estantes, as coisas ~~estavam~~ finalmente *começavam* ~~estavam~~ finalmente *a voltar* para o lugar de onde partiram.

laie

laie

O prédio antigo ficava no centro da cidade, num lugar que hoje em dia só é frequentado por turistas em busca do romantismo do século passado. Brida precisou esperar uma semana até que Wicca resolvesse atendê-la; e agora estava diante de uma construção cinzenta e tentando conter sua excitação. Aquele edifício se encaixava perfeitamente no modelo de sua busca; era exatamente num lugar como aquele que deviam viver as pessoas que frequentavam a livraria.

→ misteriosa

O lugar não possuía elevador. Subiu as escadas lentamente, para não chegar ofegante ao seu destino. Tocou a campainha da única porta do terceiro andar.

Um cachorro latiu do lado de dentro. Depois de alguma demora, uma mulher magra, bem vestida, e com um ar severo, veio atendê-la.

- Fui eu quem telefonou - disse Brida.

Wicca fez um sinal para que entrasse, e Brida encontrou-se numa sala toda branca, com obras de arte moderna nas paredes e nas mesas. Cortinas igualmente brancas ajudavam a filtrar a luz do sol; o ambiente estava dividido em vários planos, distribuindo com harmonia os sofás, a mesa de jantar, e a biblioteca farta em livros. Tudo parecia decorado com extremo bom gosto, e Brida lembrou-se de certas revistas de arquitetura que costumava folhear nas bancas de revistas.

"Deve ter custado muito caro", foi o único pensamento que lhe ocorreu.

Wicca levou a recém-chegada até um dos ambientes da imensa sala, onde havia duas poltronas de design italiano, feitas em couro e aço. Entre as duas poltronas estava uma mesinha baixa, de vidro, com os pés também de aço.

- Você é muito jovem - disse Wicca, finalmente.

Não adiantava falar das bailarinas, etc. Brida ficou em silêncio, esperando o próximo comentário, enquanto tentava imaginar o que um ambiente como aquele fazia num prédio tão antigo. Sua ideia romântica da busca do conhecimento havia novamente se dissipado.

→ tão moderno

- Ele me telefonou - disse Wicca. ~~Brida entendeu que ela devia estar se referindo ao livreiro.~~

Brida entendeu que ela estava se referindo ao livreiro

- Vim em busca de um Mestre. Quero trilhar o caminho da magia.

Wicca olhou para a menina à sua frente. Ela de fato possuía um Dom. Mas precisava saber porque o Mago de Folk se interessara

17

tanto por ela. O Dom, apenas, não era o bastante. Se o Mago de Folk estivesse começando na magia, poderia ficar impressionado pela clareza com que o Dom se manifestava na menina. Mas ele já vivera o suficiente para aprender que toda e qualquer pessoa possuía um Dom; já não era mais sensível a estas armadilhas.

Levantou-se, foi até a estante e pegou o seu baralho preferido.

- Sabe jogar? - perguntou.

Brida balançou afirmativamente a cabeça. Tinha feito alguns cursos, sabia que o baralho na mão da mulher era um Tarot, com suas setenta e oito cartas. Aprendera algumas maneiras de colocar o tarot, e ficou contente por ter uma chance de mostrar seus conhecimentos.

Mas a mulher manteve o baralho com ela. ~~Deitou as~~ ^{Misturou} cartas, colocou ~~elas~~ na mesinha de vidro, com as faces voltadas para baixo. Ficou olhando as cartas nesta posição, completamente desorganizadas, diferente de qualquer método que Brida aprendera em seus cursos. Depois, disse algumas palavras numa língua estranha, e virou apenas uma das cartas da mesa.

Era a carta número 23. Um rei de paus.

- Boa proteção - disse ela. - De um homem poderoso, forte, de cabelos negros.

Seu namorado não era nem poderoso nem forte. E o Mago tinha os cabelos grisalhos.

- Não pense em seu aspecto físico - disse Wicca, como se estivesse adivinhando seu pensamento. - Pense na sua Outra Parte.

- O que é a Outra Parte? - Brida estava surpresa com a mulher. Ela lhe inspirava um respeito misterioso, uma sensação diferente da que tivera com o Mago, ou com o livreiro.

Wicca não respondeu à pergunta. Tornou a embaralhar as cartas, e mais uma vez espalhou-as desordenadamente sobre a mesa - só que desta vez com os desenhos voltados para cima. A carta que estava no centro daquela aparente confusão era a carta número 11. A Força. Uma mulher abrindo a boca de um leão.

Wicca retirou a carta e pediu que ela segurasse. Brida segurou, sem saber ~~qual~~ o que devia fazer. ^{À direita}

- Seu lado mais forte sempre foi mulher em outras encarnações - disse ela.

- O que é a Outra Parte? - insistiu Brida. Era a primeira vez que desafiava aquela mulher. Mesmo assim, era um desafio ^{cheio} de timidez.

Wicca ficou um momento em silêncio. Uma suspeita passou pelo fundo da sua mente - o Mago não ensinara a Outra Parte para aquela menina. "Bobagem", disse para si mesma, e deixou o pensamento de lado.

- A Outra Parte é a primeira coisa que as pessoas aprendem quando querem seguir a Tradição da Lua - respondeu. - Só entendendo a Outra Parte é que se entende como o conhecimento pode ser transmitido através do tempo.

Ela ia explicar. Brida ficou em silêncio, ansiosa.

- Somos eternos, porque somos manifestações de Deus - disse Wicca. - Por isso passamos por muitas vidas e por muitas mortes, saindo de um ponto que ninguém sabe, e nos dirigindo a outro ponto que tampouco sabemos.

Acostume-se com o fato de que muitas coisas na magia não são e nunca serão explicadas. Deus resolveu fazer certas coisas de certa maneira, e porque Ele fez isto é um segredo que só Ele conhece.

"A Noite Escura da Fé", pensou Brida. Ela também existia na Tradição da Lua.

- O fato é que isto acontece - continuou Wicca. - E quando as pessoas pensam em reencarnação, elas sempre se defrontam com uma pergunta muito difícil: se no começo existiam tão poucos seres humanos sobre a face da Terra, e hoje existem tantos, de onde vieram estas novas almas?

Brida estava com a respiração suspensa. Já fizera esta pergunta a si mesma muitas vezes.

- A resposta é simples - disse Wicca, depois de saborear por algum tempo a ansiedade da menina. - Em certas reencarnações, nós nos dividimos. Assim como os cristais e as estrelas, assim como as células e as plantas, também nossas almas se dividem.

"A nossa alma se transforma em duas, estas novas almas se transformam em outras duas, e assim, em algumas gerações, estamos espalhados por toda a parte da Terra."

- E só uma destas partes tem a consciência de quem é? - perguntou Brida. Ela ^{guardava} muitas perguntas, mas queria fazer uma de cada vez; esta lhe parecia a mais importante.

- Fazemos parte do que os alquimistas chamam de Anima Mundi, a Alma do Mundo - disse Wicca, sem responder à Brida. - Na verdade, se a Anima Mundi fosse apenas se dividir, ela estaria crescendo, mas também ficando cada vez mais fraca. Por isso, assim como nos dividimos, também nos reencontramos. E este reencontro chama-se Amor. Porque quando uma alma se divide, ela sempre se divide numa parte masculina e numa parte feminina.

1ac

"Assim está explicado no livro do Gênesis: a alma de Adão dividiu-se, e Eva nasceu de dentro dele."

Wicca parou de repente e ficou olhando o baralho espalhado sobre a mesa.

- São muitas cartas - continuou, - mas fazem parte do mesmo baralho. Para entendermos sua mensagem, precisamos de todas, todas são igualmente importantes. Assim também são as almas. Os seres humanos estão todos interligados, como as cartas deste baralho.

"Em cada vida temos uma misteriosa obrigação de encontrar pelo menos uma dessas Outras Partes de novo. O Amor Maior, que as separou, fica contente com o Amor que as torna a unir."

- E como posso saber quem é a minha Outra Parte? -ela considerava esta pergunta como uma das mais importantes que fizera em toda a sua vida.

Wicca riu. Também já se perguntara ^{sobre a resposta dentro} ~~Visto~~, com a mesma ansiedade que aquela menina a sua frente. Era possível conhecer a Outra Parte pelo brilho nos olhos - assim, desde o início dos tempos, as pessoas reconheciam seu verdadeiro amor. A Tradição da Lua tinha um outro processo: um tipo de visão que mostrava um ponto luminoso acima do ombro esquerdo da Outra Parte. Mas ainda não ia contar isto para ela; talvez ela terminasse aprendendo a ver este ponto, talvez não. Em breve teria a resposta.

- Correndo riscos - disse para Brida. - Correndo o risco do fracasso, das decepções, das desilusões, mas nunca deixando de buscar o Amor. Quem não desistir da busca, ^{o tempo} ~~o tempo~~ vencerá.

Brida lembrou-se que o Mago ^{algo semelhante} ~~algo semelhante~~, quando se referiu ao caminho da magia. "Talvez seja uma coisa só", pensou.

Wicca começou a recolher o baralho da mesa, e Brida pressentiu que seu tempo estava terminando. Entretanto, havia ainda outra pergunta a fazer.

- Podemos encontrar mais de uma Outra Parte em cada vida?

"Sim", pensou Wicca, com certa amargura. E quando isto acontecia, o coração ficava dividido, e o resultado era dor e sofrimento. Sim, podíamos encontrar três ou quatro Outras Partes, porque somos muitos, e estamos muito espalhados. A menina estava fazendo as perguntas certas, e ela precisava escapar destas perguntas.

- A essência da Criação é uma só - disse. - E esta essência chama-se Amor. O Amor é a força que nos reúne de volta, para condensar a experiência espalhada em muitas vidas, em muitos lugares do mundo.

"Somos responsáveis pela Terra inteira, porque não sabemos

dissera
pe esgotando

20

onde estão as Outras Partes que fomos desde o início dos tempos; se elas estiverem bem, também seremos felizes. Se estiverem mal, sofreremos, ainda que inconscientemente, uma parcela desta dor. Mas, sobretudo, somos responsáveis por reunir de volta, pelo menos uma vez em cada encarnação, a Outra Parte que com certeza irá cruzar o nosso caminho. Mesmo que seja por instantes, apenas; porque estes instantes trazem um Amor tão intenso que justifica o resto de nossos dias.

O cachorro latiu na cozinha. Wicca acabou de recolher o baralho da mesa e olhou mais uma vez para Brida.

- Também podemos deixar ~~com~~ que nossa Outra Parte siga adiante, sem aceitá-la, ou sem sequer percebê-la. Então precisaremos de mais uma encarnação para nos encontrar com ela.

Acia "E por causa do nosso egoísmo, seremos condenados ao pior suplício que inventamos para nós mesmos: a solidão."

Wicca levantou-se e conduziu Brida até a porta.

- Não foi para saber da Outra Parte que você veio até aqui - disse ela, antes de se despedir. - Você tem um Dom, e depois que eu souber que Dom é este, talvez possa lhe ensinar a Tradição da Lua.

Brida sentiu-se uma pessoa especial. Precisava sentir-se assim - aquela mulher inspirava um respeito que pouca gente lhe havia inspirado.

- Farei o possível. Quero aprender a Tradição da Lua.

"Porque a Tradição da Lua não precisa de florestas escuras", pensou consigo mesma.

- Preste atenção, menina - disse Wicca com severidade. - Todos os dias a partir de hoje, numa mesma hora que você irá escolher, fique sozinha e abra um baralho de tarô sobre a mesa. Abra ao acaso, e não procure entender nada. Apenas contemple as cartas. Elas, no devido tempo, vão lhe ensinar tudo que você precisa saber no momento.

"Parece a Tradição do Sol; eu de novo ensinando a mim mesmo", pensou Brida, enquanto descia as escadas. E só quando estava no ônibus foi que se deu conta que a mulher havia falado de um Dom. Mas poderia conversar isto no próximo encontro.

Wicca

Wicca Durante uma semana, Brida dedicou meia hora por dia para espalhar seu baralho na mesa da sala. Costumava deitar-se às dez da noite e colocar o despertador para uma da madrugada. Levantava-se, fazia um rápido café, e sentava para contemplar as cartas, procurando entender sua linguagem oculta.

A primeira noite foi cheia de excitação. Brida estava convencida que Wicca havia lhe passado alguma espécie de ritual secreto, e tentou colocar o baralho exatamente como ela o fizera, certa de que mensagens ocultas terminariam por se revelar. Depois de meia hora, exceto por algumas pequenas visões que ela considerou frutos de sua imaginação, nada mais de especial aconteceu.

Brida repetiu a mesma coisa na segunda noite. Wicca dissera que o baralho iria lhe contar sua própria história, e a julgar pelos cursos que ela frequentara - era uma história muito antiga, de mais de três mil anos de idade, quando os homens ainda estavam perto da sabedoria original.

"Os desenhos parecem tão simples", pensava. Uma mulher abrindo a boca de um leão, um carro puxado por dois animais misteriosos, um homem com uma mesa cheia de objetos a sua frente. Aprendera que aquele baralho era um livro - um livro onde a Sabedoria Divina ~~fraseava~~ as principais mudanças do homem em sua viagem pela vida. Mas seu autor, sabendo que a humanidade lembrava-se com mais facilidade do vício do que da virtude, fez com que o livro sagrado fosse transmitido através das gerações sob a forma de um jogo.

próximas

→ anotou

"Não pode ser tão simples assim", pensava Brida, cada vez que espalhava as cartas sobre a mesa. Conhecia métodos complicados, sistemas elaborados, e cartas desordenadas começaram também a desordenar seu raciocínio. Na sexta noite atirou todas as cartas no chão, irritada. Por um momento pensou que aquele seu gesto tivesse qualquer inspiração mágica, mas os resultados foram igualmente nulos; apenas algumas intuições que ela não conseguia definir, e que sempre considerava como fruto de sua imaginação.

O baralho era uma invenção dos deuses.

→ aquelas

Ao mesmo tempo, a idéia da Outra Parte não lhe saía da cabeça um minuto sequer. No começo achou que estava voltando à sua adolescência, aos sonhos do príncipe encantado que cruzava montanhas e vales para buscar a dona de um sapatinho de cristal, ou beijar uma mulher adormecida. "Os contos de fada sempre falam da Outra Parte", brincava consigo mesmo. Os contos de fada foram seu primeiro mergulho no universo mágico que ela agora estava ansiosa por entrar, e mais de uma vez se perguntou porque as pessoas terminavam se afastando tanto deste mundo, mesmo sabendo as imensas alegrias que a infância deixava em suas vidas. "Talvez porque não estejam contentes com a alegria". Achou sua

frase meio absurda, mas registrou no seu diário como algo criativo.

Depois de uma semana com a ideia da Outra Parte na cabeça, Brida começou a ser possuída por uma sensação aterradora: a possibilidade de escolher o homem errado. Na oitava noite, ao acordar mais uma vez para contemplar sem qualquer resultado as cartas de tarot, resolveu convidar seu namorado para jantar no dia seguinte.

I
||
||
||
I

I Escolheu um restaurante que não fosse muito caro, pois ele sempre fazia questão de pagar as contas - apesar de seu salário como assistente do catedrático de Física na Universidade ser bem menor do que o dela como secretária. Ainda era verão, sentaram-se numa das mesas que o restaurante colocava na calçada, a beira do rio.

- Quero saber quando os espíritos vão me deixar dormir com você de novo - disse Lorens, bem-humorado.

Brida olhou para ele com ternura. Pedira que ele ficasse quinze dias sem ir ao apartamento, e ele havia aceito, fazendo apenas reclamações suficientes para que ela entendesse quanto a amava. Também ele, à sua maneira, procurava os mesmos mistérios do Universo; se algum dia lhe pedisse para ficar quinze dias longe, ela teria que aceitar.

I Jantaram sem pressa e sem conversar muito, olhando as barcas que ~~passavam pelo~~ rio, e as pessoas que passeavam pela calçada. A garrafa de vinho branco que estava na mesa esvaziou-se e foi logo substituída por outra. Meia hora depois as duas cadeiras estavam juntas, e eles olhavam abraçados para o céu estrelado de verão.

- Repara este céu - disse Lorens, afagando os seus cabelos dela.
- Estamos olhando um céu de milhares de anos atrás.

Ele dissera aquilo no dia em que se encontraram. Mas Brida não quis interromper - esta era a maneira dele compartilhar o seu mundo com ela.

- Muitas destas estrelas já se apagaram e, no entanto, suas luzes ainda estão percorrendo o Universo. Outras estrelas nasceram longe e suas luzes ainda não chegaram até nós.

- Então ninguém sabe como é o céu verdadeiro? - Ela também fizera esta pergunta na primeira noite. Mas repetir momentos tão gostosos.

- Não sabemos. Estudamos o que vemos, e nem sempre o que vemos é o que existe.

- Quero lhe perguntar uma coisa. De que matéria somos nós? De onde vieram esses átomos que formam o nosso corpo?

Lorens respondeu, olhando o céu antigo.

- Foram criados juntos com estas estrelas e este rio que você está vendo. No primeiro segundo do Universo.

- Então, depois deste primeiro momento de Criação, nada mais

passaram o

era bom

foi acrescentado?

Lucy Nada mais. Tudo se moveu e se move. Tudo se transformou e continua se transformando. Mas toda a matéria do Universo é a mesma de bilhões de anos atrás. Sem que um átomo sequer tenha sido acrescentado.

Brida ficou olhando o movimento do rio, e o movimento das estrelas. Era fácil perceber o rio correndo sobre a Terra, mas era difícil notar as estrelas se movendo no céu. Entretanto, um e outro se moviam.

- Lorens - disse por fim, depois de um longo período em que os dois ficaram em silêncio vendo um barco passar.

Deixa eu te fazer uma pergunta que pode parecer absurda: é fisicamente possível que *os* átomos que compõem o meu corpo tenham estado no corpo de alguém que viveu antes de mim?

Lorens olhou para ela espantado.

- O que você está querendo saber?

- Só isto que lhe perguntei. É possível?

- Podem estar nas plantas, nos insetos, podem ter virado moléculas de hélio e estarem a milhões de quilômetros da Terra.

- Mas é possível que os átomos do corpo de alguém que já morreu estejam no meu corpo e no corpo de uma outra pessoa?

Ele ficou quieto por algum tempo.

- Sim, é possível - respondeu finalmente.

#3 cic

Uma música distante começou a tocar. Vinha de uma barcaça que cruzava o rio, e mesmo à distância, Brida podia distinguir a silhueta de um marinheiro emoldurada pela janela acesa. Era uma música que lhe lembrava a sua adolescência, e trazia de volta os bailes na escola, o cheiro do seu quarto, a cor da fita que costumava usar no rabo-de-cavalo. Brida percebeu que Lorens jamais havia pensado no que ela acabara de perguntar, e talvez neste momento estivesse procurando saber se em seu corpo estavam átomos de guerreiros vikings, de explosões vulcânicas, de animais pre-históricos misteriosamente desaparecidos.

Mas ela pensava em outra coisa. Tudo que queria saber era se o homem que a abraçava com tanto carinho havia sido, um dia, parte dela mesma.

A barca foi chegando perto e sua música começou a encher todo o ambiente *em* redor. Outras mesas pararam também de conversar para descobrir de onde vinha aquele som, porque todos tiveram algum dia uma adolescência, bailes na escola, e sonhos com contos de guerreiros e de fadas.

Em outras mesas interromperam também a conversa

Lucy #3 cic

- Eu amo, Lorens.

E Brida torceu para que aquele rapaz que *sabia tanta coisa* conhecia tanto sobre a luz das estrelas tivesse um pouco de alguém que ela fora um dia.

T
Wicca
↓

Wicca "Não vou conseguir".

Brida sentou-se na cama e procurou o maço de cigarros na mesinha de cabeceira. Contrariando todos os seus hábitos, resolveu fumar ainda em jejum.

Faltavam dois dias para encontrar-se de novo com Wicca. Durante aquelas duas semanas tinha certeza que ^{dera} o melhor de si. Colocou todas as suas esperanças no processo que aquela mulher bonita e misteriosa lhe havia ensinado, e lutou durante todo o tempo para não decepcioná-la; mas o baralho ^{recusou-se a revelar o} seu segredo. Nas três noites anteriores, sempre que acabava o exercício, sentia vontade de chorar. Estava desprotegida, sozinha, e com a sensação de que uma grande oportunidade estava escapando ^{entre} seus dedos. Mais uma vez ela sentia que a vida ^{lhe} tratava de uma maneira diferente das demais pessoas: dava todas as chances para que pudesse conseguir algo, e quando estava próxima de seu objetivo, o chão abria-se e ela era engolida. Tinha sido assim com os seus estudos, com alguns namorados, com certos sonhos que jamais dividira com outras pessoas. E estava sendo assim com o caminho que queria trilhar.

partilhava

Pensou no Mago; talvez ele pudesse ^{ajudar}. Mas havia prometido a si mesma que só voltaria a Folk quando entendesse de magia o suficiente para enfrentá-lo.

é agora parecia que isto jamais ia acontecer.

Wicca

Ficou um longo tempo na cama, antes de decidir levantar-se e preparar o café da manhã. Finalmente tomou coragem, e resolveu enfrentar mais um dia, mais uma "Noite Escura Cotidiana", como costumava chamar desde que tivera sua experiência na floresta. Preparou o café, olhou o relógio, e viu que ainda tinha tempo suficiente.

Foi até a estante e procurou, entre os livros, o papel que o livreiro ^{dera} ~~lhe~~. Existiam outros caminhos, consolava a si mesma. Se conseguia ^o Mago, se conseguia ^o chegar até Wicca, terminaria chegando até a pessoa que ~~lhe~~ ensinara de uma maneira que pudesse entender.

ir até
Wicca

Mas sabia que isto era apenas uma desculpa.

"Vivo desistindo de tudo que começo", pensou, com certa amargura. Talvez, em breve, a vida começasse a perceber isto, e ~~ele~~ ^{ela} ~~lhe~~ ^{deixa} desse as mesmas oportunidades que sempre ~~lhe~~ ^{deixa} talvez, desistindo sempre no começo, esgotasse todos os caminhos sem dar um passo sequer.

ou ~~lhe~~ ^{deixa} ~~lhe~~ ^{deixa}

Wicca Mas ela era assim, e sentia-se cada vez mais fraca, cada vez mais incapaz de mudar. Alguns anos atrás lamentava suas atitudes, ^{ainda} era capaz de alguns gestos de heroísmo; agora estava se acomodando aos seus próprios erros. Conhecia outras pessoas assim - ~~acomodavam-se ao~~ seus erros, e em pouco tempo ~~se acostumavam-se com~~ confundiam seus erros com virtudes. Então era muito tarde para mudar de vida.

Pensou em não ligar para Wicca, em simplesmente sumir. Mas existia a livraria, e ela não teria coragem de aparecer lá de novo. Se sumisse, simplesmente, o livreiro a trataria mal da próxima vez. "Muitas vezes, por causa de um gesto impensado meu com uma pessoa, terminei me afastando de outras que me eram queridas". Agora não podia ser assim. Estava num caminho onde os contatos importantes eram muito difíceis.

#3 Wicca

Tomou coragem e discou o número do papel. Wicca atendeu do outro lado.

- Não poderei ir aí amanhã - disse Brida.

- Nem você, nem o encanador - respondeu Wicca. Brida ficou alguns instantes sem entender o que a mulher estava dizendo.

Mas Wicca começou a reclamar que estava com um defeito na pia da cozinha, que já havia chamado várias vezes um homem para consertar, e que o homem nunca aparecia. Começou a contar uma longa história sobre os prédios antigos, cheios de imponência, mas com problemas insolúveis.

- Você está com seu tarô aí perto? - perguntou Wicca, no meio da história do encanador.

Brida, surpresa, disse que sim. Wicca pediu que ela espalhasse as cartas sobre a mesa, pois ia lhe ensinar um método de jogo para descobrir se o encanador iria ou não iria aparecer na manhã seguinte.

Brida, mais surpresa ainda, fez o que ela mandava. Espalhou as cartas e ficou olhando, ausente, para a mesa, enquanto esperava as instruções do outro lado da linha. A coragem de dizer o motivo do telefonema ia se esvaindo pouco a pouco.

Wicca não parava de falar, e Brida resolveu escuta-la com paciência. Talvez conseguisse ficar sua amiga. Talvez, então, ela fosse mais tolerante, e lhe ensinasse métodos mais fáceis de encontrar a Tradição da Lua.

Wicca, entretanto, emendava um assunto no outro, e depois de fazer todas as reclamações sobre os encanadores, começou a contar a discussão que tivera, ainda cedo, com a síndica, ^{sobre o} salário do porteiro do prédio. Depois emendou o

assunto com uma reportagem sobre as pensões que estavam pagando aos aposentados.

Brida acompanhava ~~aquele conversi~~ apenas com murmúrios afirmativos. Concordava com tudo que a outra dizia, mas já não estava conseguindo prestar atenção a nada. Um tédio mortal tomou conta dela; a conversa daquela mulher quase estranha, sobre encanadores, porteiros e aposentados, aquela hora da manhã, era uma das coisas mais aborrecidas que escutara em toda sua vida. Ficou tentando se distrair com as cartas em cima da mesa, olhando pequenos detalhes que haviam passado despercebidos das outras vezes.

De vez em quando Wicca perguntava se ela estava escutando, e ela resmungava que sim. Mas sua mente estava longe, viajando, passeando por lugares que jamais estivera. Cada detalhe das cartas parecia empurrá-la mais para essa viagem.

~~isso~~ - fundo na

De repente, como quem penetra em um sonho, Brida percebeu que já não conseguia escutar o que a outra falava. Uma voz, uma voz que parecia vir de dentro dela - mas que ela sabia que vinha de fora - começou a lhe sussurrar alguma coisa. "Você está entendendo?" Brida dizia que sim. "E, você está entendendo sim", disse a misteriosa voz.

Isto, entretanto, não tinha a menor importância. O Tarot a sua frente começou a mostrar cenas fantásticas; homens vestidos apenas com tangas, corpos bronzeados ao sol e cobertos de óleo. Alguns usavam máscaras que pareciam gigantescas cabeças de peixe. Nuvens passavam correndo pelo céu, como se tudo estivesse num movimento muito mais rápido que o normal, e a cena mudava de repente para uma praça, com edifícios monumentais, onde alguns velhos contavam segredos para alguns rapazes. Havia desespero no olhar dos velhos, como se um conhecimento muito antigo estivesse a ponto de se perder definitivamente.

e pressa

"Some o sete e o oito e você terá o meu número. Sou o demônio, e assinei o livro", disse um rapaz vestido com roupas medievais, depois que a cena mudou para uma espécie de festa. Algumas mulheres e homens sorriam, e estavam embriagados. As cenas mudaram para templos encravados em rochedos na beira do mar, e o céu começou a cobrir de nuvens negras, de onde saíam raios muito brilhantes.

Apareceu uma porta. Era uma porta pesada, como a porta de um velho castelo. A porta se aproximava de Brida, e ela presentiu que em pouco tempo ia conseguir abri-la.

"Volte daí", disse a voz.

- Volte, volte - disse a voz no telefone. Era Wicca. Brida

ficou irritada porque ela estava interrompendo uma experiência tão fantástica, para ficar fazendo de porteiros e encanadores.

*voltar a falar
+ responder.*

- Um momento - ~~Wicca~~ Lutava para retornar até aquela porta, mas tudo havia desaparecido da sua frente.

- Sei o que se passou - disse Wicca. Brida estava em estado de choque, completamente surpresa. Não conseguia entender nada do que estava se passando.

- Sei o que houve - repetiu Wicca, diante do silêncio de Brida. - Não vou mais falar do encanador; ele esteve aqui na semana passada, e já consertou tudo.

Antes de desligar, disse que a estava esperando na hora combinada.

Brida colocou o telefone no gancho, sem se despedir. Ficou ainda muito tempo olhando fixo a parede de sua cozinha, antes de cair num choro convulsivo e relaxante.

I ic

I ic

- Foi um truque - disse Wicca para uma assustada Bridesa, quando as duas acomodaram-se nas poltronas italianas.

- Sei como deve estar se sentindo - continuou Wicca. - As vezes entramos num caminho apenas porque não acreditamos nele. Então, é fácil: tudo que temos ^{uma} de ^{de} fazer é provar que ele não é o nosso caminho.

"Entretanto, quando as coisas começam a acontecer e o caminho se revela para nós, temos medo de seguir adiante."

Wicca disse que não entendia porque muita gente ^{tem} ^{preferir} passar a vida inteira destruindo os caminhos que não deseja percorrer, ao invés de andar pelo único que ^{ela} ^{de} conduziria a algum lugar.

- Não posso acreditar que foi um truque - disse Bridesa. Já não trazia mais aquele ar de arrogância e desafio. Seu respeito por aquela mulher aumentara consideravelmente.

- A visão não foi um truque. O truque a que me refiro foi ^{do} ~~no~~ telefone.

"Durante milhões de anos, o homem sempre ~~acostumava-se~~ ^{acostumava} com aquilo que conseguia ver. De repente, em apenas um século, o "ver" e o "falar" foram separados. Nós achamos que estamos acostumados com isto, e não percebemos o imenso impacto que isto causou em nossos reflexos. Nosso corpo simplesmente ainda não está acostumado."

O resultado prático é que, quando falamos ao telefone, conseguimos entrar num estágio muito parecido com o de certos transe mágicos. Nossa mente entra em outra frequência, fica mais receptiva ao mundo invisível. Conheço feiticeiras que têm sempre papel e lapis junto ao telefone; ficam rabiscando coisas aparentemente sem sentido, enquanto falam com alguém. Quando desligam, as coisas que rabiscaram são geralmente símbolos da Tradição da Lua."

- E por que o tarot se revelou para mim?
- Este é o grande problema de quem deseja estudar magia - respondeu Wicca. - Quando começamos o caminho, sempre temos uma idéia mais ou menos definida do que pretendemos encontrar. As mulheres geralmente buscam a Outra Parte, os homens ~~buscam~~ ^{buscam} o Poder. Tanto uns como outros não querem aprender: querem chegar até aquilo que estabeleceram como meta.

"Mas o caminho da magia - como, em geral, o caminho da vida - é e sempre será o caminho do Mistério. Aprender uma coisa significa entrar em contato com um mundo do qual não se tem a menor idéia. É preciso ser humilde para ~~faber~~ ^{saber} aprender."

tinha

falou

semelhante a

→ ^{foi} ^{preciso} ^{aprender}

Wicca

TÍTULO:
AUTOR:

LAUDA N.º

30

c.12/12

12/12 - É mergulhar na Noite Escura - disse Brida.
- Não me interrompa. - A voz de Wicca mostrava uma contida irritação. Brida percebeu que não era pelo seu comentário - afinal de contas, ela estava certa. "Talvez esteja irritada com o Mago", pensou. Quem sabe foi apaixonada por ele algum dia. Os dois eram mais ou menos da mesma idade.

- Desculpe - disse ela.
- Não tem importância. - Wicca também parecia surpresa com a sua reação.

- Você estava me falando do tarot.
- Quando você colocava as cartas sobre a mesa, sempre tinha uma ideia do que iria acontecer. Nunca deixou que as cartas contassem a história delas; estava tentando fazer com que elas confirmassem aquilo que você imaginava saber.

"Quando começamos a falar no telefone, eu percebi isto. Percebi também que ali estava um sinal, e que o telefone era o meu aliado. Comecei uma conversa aborrecida, e pedi que você olhasse as cartas. Você entrou no transe que o telefone provoca, e as cartas me conduziram para o seu mundo mágico."

Wicca pediu para que ela sempre reparasse nos olhos das pessoas que estavam falando ao telefone. Eram olhos muito

→ interessantes.

T
Wic

Wic

- Quero fazer outra pergunta - disse Brida, enquanto as duas tomavam chá. A cozinha de Wicca era surpreendentemente moderna e funcional. "Quero saber porque não deixou que eu abandonasse o caminho."

"Porque quero entender o que o Mago viu além do seu Dom", pensou Wicca.

- Porque você tem um Dom - respondeu.

- Como sabe que eu tenho um Dom?

- É simples. Pelas orelhas.

"Pelas orelhas. Que decepção", Brida falou para si mesma. "Eu pensava que ela estava vendo a minha aura".

- Todo mundo tem um Dom. Mas alguns nascem com este Dom mais desenvolvido, enquanto outros - como eu, por exemplo - têm que lutar muito para desenvolver este Dom.

"As pessoas com o Dom de nascença têm os lóbulos das orelhas pequenos e colados na cabeça".

Instintivamente Brida tocou nas suas orelhas. Era verdade.

- Você tem um carro?

Brida respondeu que não.

- Então prepare-se para gastar um bom dinheiro de táxi - disse Wicca, levantando-se. - Está na hora de dar o próximo passo.

"Tudo está indo muito rápido", pensou Brida, enquanto se levantava. A vida estava parecendo as nuvens que vinha no seu transe.



Wicca

No meio da tarde chegaram perto de umas montanhas que ficavam a uns 30 quilômetros ao sul de Dublin. "Podíamos ter feito o mesmo percurso de ônibus", Brida reclamou mentalmente, enquanto pagava o táxi. Wicca trouxera consigo uma sacola com algumas roupas.

- Se quiserem eu espero - disse o motorista. - Vai ser meio difícil encontrar outro táxi aqui. Estamos no meio da estrada.

- Não se preocupe - respondeu Wicca, para alívio de Brida. - Sempre conseguimos o que queremos.

O motorista olhou as duas com um ar esquisito e arrancou com o carro. Estavam diante de um bosque de eucaliptos, que chegava até a base da montanha mais próxima.

- Peça licença para entrar - disse Wicca. - Os espíritos da floresta gostam de gentilezas.

Brida pediu licença. O bosque, que antes era apenas um bosque comum, pareceu ganhar vida.

- Mantenha-se sempre na ponte entre o visível e o invisível - Wicca falou, enquanto andavam pelo meio dos eucaliptos. - Tudo no Universo tem vida, procure estar sempre em contato com esta vida. Ela entende sua linguagem. E o mundo começa a ganhar uma importância diferente para você.

Brida estava surpresa com a agilidade da mulher. Os pés dela pareciam ~~nao tocar~~ no chão, ~~nao faziam quase~~ barulho.

evitar - sem quase fazer

Chegaram a uma clareira, perto de uma enorme pedra. Enquanto procurava saber como aquela pedra ali, Brida notou restos de uma fogueira bem no centro do espaço aberto.

havia aparecido

O lugar era lindo. Ainda faltava muito para o entardecer, e o sol mostrava o colorido típico das tardes de verão. Passaros cantavam, uma brisa leve passeava pelas folhas das árvores. Estavam em uma elevação, e ela podia ver o horizonte lá embaixo.

Wicca tirou de dentro da sacola uma espécie de túnica árabe, que vestiu por cima de sua roupa. Depois levou a sacola para perto das árvores, de modo que não pudesse ser vista da clareira.

- Sente-se - disse ela.

Wicca estava diferente. Brida não sabia explicar se era a roupa, ou o profundo respeito pelo lugar inspirava.

- Antes de qualquer coisa, preciso explicar o que vou fazer. Vou descobrir como o Dom se manifesta em você. Só

que o

c.12/12

poderei lhe ensinar algo se souber alguma coisa a respeito do seu Dom.

Wicca pediu que Brida procurasse relaxar, que se entregasse à beleza do local, ~~como~~ como havia se deixado dominar *da mesma maneira.* pelo tarot.

- Em algum momento de suas vidas passadas, você já esteve no caminho da magia. Sei disso pelas visões do tarot que você me descreveu.

Brida fechou os olhos, mas Wicca pediu que ela tornasse a abri-los. Os lugares mágicos são sempre lindos, e merecem ser contemplados. São cachoeiras, montanhas, florestas, onde os espíritos da Terra costumam brincar, sorrir, e conversar com os homens. Você está num lugar sagrado, e ele está lhe mostrando os passarinhos e o vento. Agradeça a Deus por isto; pelos passarinhos, pelo vento, e pelos espíritos que povoam este lugar. Mantenha sempre aberta a ponte entre o visível e o invisível.

A voz de Wicca fazia com que ela relaxasse cada vez mais. Havia um respeito quase religioso pelo momento.

- Outro dia lhe falei de um dos maiores segredos da magia: a Outra Parte. Toda a vida do homem sobre a face da Terra se resume a isto - buscar a sua Outra Parte. Não importa se ele finge correr atrás da sabedoria, do dinheiro, ou do poder. Qualquer coisa que ele consiga vai estar incompleta se, ao mesmo tempo, ele não conseguir encontrar sua Outra Parte.

Com exceção de algumas poucas criaturas que descedem dos anjos - e que precisam da solidão para o seu encontro com Deus - o resto da humanidade só conseguirá a União com Deus se, em algum momento, em algum instante de sua vida, conseguiu comungar com a sua Outra Parte.

Brida notou uma estranha energia no ar. Por alguns momentos seus olhos encheram-se de água, sem que pudesse explicar o porquê.

- Na Noite dos Tempos, quando fomos separados, uma das partes ficou encarregada de manter o conhecimento: o homem. Ele passou a compreender a agricultura, a natureza, e os movimentos dos astros no céu. O conhecimento sempre foi o poder que manteve o Universo no seu lugar, e as estrelas girando em suas órbitas. Esta foi a glória do homem: manter o conhecimento. E isto fez com que a raça inteira sobrevivesse.

algo muito mais sutil, muito mais frágil, mas sem o qual todo o conhecimento não faz qualquer sentido: a transformação. Os homens deixavam o solo fértil, nós semeávamos, e este solo se transformava em árvores e plantas.

O solo precisa da semente, e a semente precisa do solo. Um só tem sentido com o outro. O mesmo se passa com os seres humanos. Quando o conhecimento masculino se une com a transformação feminina, está criada a grande união mágica, que se chama Sabedoria.

Sabedoria é conhecer e transformar.

Brida começou a sentir um vento mais forte, e percebeu que a voz de Wicca estava fazendo com que ela entrasse de novo em transe. Os espíritos da floresta pareciam vivos e atentos.

- Deite-se - disse Wicca.

Brida reclinou-se para trás, e estendeu as pernas. Em cima dela brilhava um profundo céu azul, sem nuvens.

- Vá em busca do seu Dom. Não posso ir com você hoje, mas vá sem medo. Quanto mais você entender de si mesma, mais entenderá do mundo.

E mais próxima estará da sua Outra Parte.

Wicca

TÍTULO:

AUTOR:

LAUDA Nº

34

ABRIL PÁGINA. Texto: . data e. 12/12

0 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70

Wicca

Wicca

Wicca abaixou-se e olhou a menina a sua frente. "Igual a quem fui um dia", pensou com carinho. "Em busca de um sentido para tudo, e capaz de olhar o mundo como as mulheres antigas, que eram fortes e confiantes, e não se incomodavam de reinar em suas comunidades."

Nesta época, entretanto, Deus era mulher. Wicca debruçou-se sobre o corpo de Brida, e desafivelou o seu cinto. Depois abaixou um pouco o zíper da calça jeans. Os músculos de Brida ficaram tensos.

- Não se preocupe - disse Wicca, com carinho.

Levantou um pouco a camiseta da menina, de modo que seu umbigo ficasse exposto. Então, tirou do bolso de seu manto um cristal de quartzo, e colocou sobre o umbigo.

- Quero que você feche os olhos agora, - disse com suavidade. - Quero que você imagine a mesma cor do céu, só que de olhos fechados.

Retirou do manto uma pequena ametista, e colocou entre os olhos fechados de Brida.

- Vá seguindo exatamente aquilo que eu lhe disser a partir de agora. Não se preocupe com mais nada.

"Você está no meio do Universo. Pode ver as estrelas a sua volta, e alguns planetas mais brilhantes. Sinta esta paisagem como algo que lhe envolve completamente, e não como uma tela.

Napela

Sinta prazer ao contemplar este Universo; nada mais pode
 lhe preocupar. ~~Você está~~ Você está concentrada apenas no seu
 prazer. Sem culpa."

preocupada

~~Logo~~ Brida viu o Universo estelado, e percebeu que era
 capaz de entrar neste Universo, ao mesmo tempo em que escutava a
 voz de Wicca. Esta pediu que ela visse, no meio do Universo, uma
 gigantesca catedral. ~~Ela~~ viu uma catedral gótica, com pedras escuras,
 e que parecia fazer parte do Universo a sua volta, por mais
 absurdo que aquilo pudesse parecer.

Nela

H Brida

"Caminhe até a catedral. Suba as escadas. Entre." Brida
 fez o que Wicca ~~estava dizendo~~ ^{mandava}. Subiu as escadas da catedral,
 sentido os pés descalços pisando na laje fria. Em determinado
 momento teve a impressão de estar acompanhada, e a voz de
 Wicca parecia sair de uma pessoa atrás dela. "Estou imaginando
 coisas", pensou Brida, e de repente lembrou-se que era preciso
 acreditar na ponte entre o visível e o invisível. Não podia
 ter medo de se decepcionar, nem de fracassar.

Brida estava agora diante da porta da catedral. Era uma
 porta gigantesca, trabalhada em metal, com desenhos das vidas de
 santos. Completamente distinta daquela que vira na sua viagem
 pelo tarot.

"Abra a porta. Entre!"

Brida sentiu o metal frio ~~em~~ ^{em} suas mãos. A porta abriu
 sem qualquer esforço, apesar do seu tamanho. Entrou numa imensa
 igreja.

Repare em tudo que você está vendo, disse Wicca.

~~Ela~~ notou que, apesar de estar escuro lá fora, muita
 luz ~~entrava~~ ^{entrava} pelos imensos vitrais da catedral. Podia distinguir
 os bancos, os altares laterais, as colunas adornadas, e algumas
 velas acesas. Tudo, entretanto, parecia um pouco abandonado; os
 bancos estavam cobertos de poeira.

"Caminhe para o seu lado esquerdo. Em algum lugar você vai
 encontrar outra porta. Só que, desta vez, muito pequena."

Brida caminhou pela catedral. Os seus pés descalços pisavam
 na poeira do chão, ~~e lhe dava~~ ^{ela} uma sensação desagradável. Em
 algum lugar, uma voz amiga ~~lhe~~ ^{lhe} guiava. Sabia que era Wicca, mas
 sabia também que não tinha mais controle sobre a sua imaginação.
 Estava consciente, e, no entanto, não conseguia desobedecer o que
 ela estava lhe pedindo.

H provocando

Encontrou a porta.

"Entre. Existe uma escada de caracol, que desce."

Brida teve que abaixar-se para entrar. A escada de
 caracol tinha archotes presos na parede, iluminando os degraus.
 O chão estava limpo; alguém estivera ali antes, para acender os

archotes.

“Você está indo de encontro a suas vidas passadas. No porão desta catedral existe uma biblioteca. Vamos até lá. Eu estou esperando no final da escada de caracol.”

Brida desceu por um tempo que não soube determinar. A descida lhe deixou um pouco tonta. Assim que chegou lá embaixo, encontrou Wicca, com seu manto. Agora ficava mais fácil, estava mais protegida. Ela estava dentro do seu transe.

Wicca abriu uma outra porta, que estava no final da escada.

“Agora vou deixar você sozinha aqui. Ficarei do lado de fora, esperando. Escolha um livro, e ele lhe mostrará o que precisa saber.”

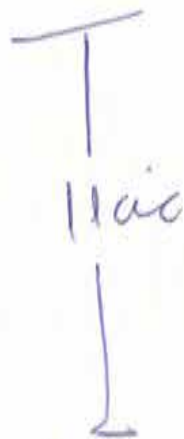
Brida nem percebeu que Wicca ficava para trás; contemplava os volumes empoeirados. “Tenho que vir mais aqui, deixar isto limpo”. O passado estava sujo e abandonado, e ela sentia muita pena de não haver lido todos aqueles livros antes. Talvez conseguisse trazer de volta para a sua vida algumas lições importantes que já havia esquecido.

Olhou os volumes na estante. “Como já vivi”, pensou. Devia ser muito antiga; precisava ser mais sábia. Gostaria de ler tudo de novo, mas não tinha muito tempo, e precisava confiar na sua intuição. Podia voltar quando quisesse, agora que havia aprendido o caminho.

Ficou algum tempo sem saber que decisão tomar. De repente, sem pensar muito, escolheu um volume e puxou. Não era um volume muito grosso, e Brida sentou-se no chão da sala. Colocou o livro no seu colo, mas tinha medo. Tinha medo de abrir, e não acontecer nada. Tinha medo de não conseguir ler o que estava escrito.

“Preciso correr riscos. Preciso não ter medo da derrota”, disse, ao mesmo tempo que abria o volume. De repente, ao olhar as páginas, sentiu-se mal. Estava tonta. *de novo*

“Vou desmaiar”, conseguiu refletir, antes que tudo escurecesse por completo.



Iaic

Acordou com a água pingando em seu rosto. Tivera um sonho muito estranho, e não sabia o que aquilo significava; eram catedrais soltas no ar, e bibliotecas cheias de livros. Ela nunca entrara numa biblioteca.

- Loni, você está bem?

Não, ela não estava. Não conseguia sentir mais o pé direito, e sabia que aquilo era um mau sinal. Tampouco estava com vontade de conversar, porque não queria esquecer o sonho.

- Loni, acorde.

Deve ter sido a febre, fazendo com que delirasse. Os delírios pareciam muito vivos. Queria que parassem de ~~lhe~~ chamá-la, porque o sonho estava desaparecendo, sem que ela conseguisse entendê-lo.

O céu estava nublado, e as nuvens baixas quase tocavam a torre mais alta do castelo. Ficou olhando as nuvens. Ainda bem que não conseguia ver as estrelas; os sacerdotes diziam que nem mesmo as estrelas eram completamente boas.

A chuva parou pouco depois de ~~haver aberto~~ ^{abrir} os olhos. Loni estava contente com a chuva - isto significava que a cisterna do castelo devia estar cheia de água. Desceu lentamente os olhos das nuvens e viu de novo a torre, as fogueiras no pátio, e a multidão que andava de um lado para outro, desorientada.

- Talbo - disse ela, baixinho.

Ele a abraçou. Ela sentiu o frio de sua armadura, e o cheiro de fuligem nos seus cabelos.

- Quanto tempo se passou? Em que dia estamos?

- Você ficou três dias desacordada - disse Talbo.

Ela olhou para Talbo e teve pena dele; estava mais magro, o rosto sujo, a pele sem vida. Mas nada disto tinha importância - ela o amava.

- Tenho sede, Talbo.

- Não há água. Os franceses descobriram o caminho secreto.

Escutou de novo As Vozes dentro de sua cabeça. Durante muito tempo tinha odiado aquelas Vozes. Seu marido era um guerreiro um mercenário que lutava a maior parte do ano, e ~~ela tinha~~ medo que as Vozes lhe contassem que ele havia morrido numa batalha. Tinha descoberto uma maneira de evitar que as Vozes falassem com ela - bastava concentrar seu pensamento numa árvore antiga que havia perto de sua aldeia. As Vozes sempre paravam de falar quando ela fazia isto.

que ela abriu
Baixou

ela ~~teve~~ tinha

aquilo

Mas agora estava fraca demais, e as Vozes tinham voltado. "Você vai morrer", disseram as Vozes. "Mas ele será salvo."

- Choveu, Talbo - insistiu ela. - Preciso de água.

- Foram apenas algumas gotas. Não deu para nada.

Loni olhou de novo as nuvens. Estavam ali a semana inteira, e tudo o que tinham feito era afastar o sol, deixar o inverno mais frio e o castelo mais sombrio. Talvez os católicos franceses tivessem razão. Talvez Deus estivesse do lado deles.

Alguns mercenários se aproximaram do lugar onde os dois estavam. Em toda a parte havia fogueiras, e Loni teve a sensação de que estava no inferno.

- Os sacerdotes estão reunindo todo mundo, comandante - disse um deles para Talbo.

- Fomos contratados para lutar, e não para morrer - falou outro.

- Os franceses ofereceram a rendição - respondeu Talbo. - Disseram que aqueles que se converterem de novo 'a fé' católica podem partir sem problemas.

"Os Perfeitos não vão aceitar", as Vozes sussurraram para Loni. Ela sabia disto. Conhecía bem os Perfeitos. Era por causa deles que Loni estava ali, e não ~~em sua casa~~ - onde costumava esperar que Talbo voltasse das batalhas. Os Perfeitos estavam sitiados naquele castelo há quatro meses, e as mulheres da aldeia conheciam o caminho secreto. Durante todo este tempo trouxeram comida, roupas, munições; durante todo este tempo puderam se encontrar com seus maridos, e por causa delas ~~havia sido~~ possível continuar a luta. Mas o caminho secreto havia sido descoberto, e agora ela não podia voltar. Nem as outras mulheres.

Tentou sentar-se. Seu pé não doía mais. As Vozes lhe diziam que aquilo era um mau sinal.

- Não temos nada a ver com o Deus deles. Não vamos morrer por causa disto, comandante - disse outro.

Um gongo começou a soar no castelo. Talbo levantou-se.

- Me leva com você, por favor ~~ela implorou~~. Talbo olhou os seus companheiros, e olhou para a mulher que tremia a sua frente. Houve um momento em que não sabia que decisão tomar; seus homens estavam acostumados 'a guerra - e sabiam que os guerreiros apaixonados costumam esconder-se durante uma batalha.

- Vou morrer, Talbo. Me leva com você, por favor.

Um dos mercenários olhou para o comandante.

- Não é bom deixá-la aqui sozinha - disse o mercenário. - Os franceses podem fazer novos disparos.

Talbo fingiu aceitar o argumento. Sabia que os franceses não iam fazer novos disparos; estavam numa tregua, negociando a rendição de Monsegur. Mas o mercenário entendia o que se passava no coração de Talbo - ele também devia ser um homem apaixonado.

"Ele sabe que você vai morrer", as Vozes disseram para Loni, enquanto Talbo a pegava gentilmente no colo. Loni não queria escutar o que as Vozes estavam dizendo; estava se lembrando de um dia em que ~~havia se casado~~ assim, através de um campo de trigo, numa tarde de verão. Naquela tarde também ficara com sede, e tinham bebido água num regato que descia da montanha.

Prosa

TÍTULO:

Texto life e. 12/12

LAUDA Nº

39

ABRIL PÁGINA

mancha 19 x 37 ac s/uo

0 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70

1cic

11ac

Todas as pessoas se reuniram junto da grande rocha que se confundia com a muralha ocidental da fortaleza de Monsegur. Eram homens, soldados, mulheres e meninos. Havia um silêncio opressivo no ar, e Loni sabia que não era ~~com~~ respeito aos sacerdotes - mas ^{com} medo do que poderia acontecer. Uma multidão

Os sacerdotes entraram. Eram muitos, os mantos negros com as imensas cruzes amarelas bordadas na frente. Sentaram-se na rocha, nas escadas externas, no chão em frente à torre. O último a entrar tinha os cabelos completamente brancos, e subiu até a parte mais alta da muralha. Seu vulto estava iluminado pelas chamas das fogueiras, e o vento sacudia o manto negro.

Quando ele parou, no alto, quase todas as pessoas se ajoelharam e, com as mãos postas, bateram três vezes com a cabeça no chão. Talbo e seus mercenários ficaram de pé; tinham sido contratados apenas para a luta.

- A rendição nos foi oferecida - disse o sacerdote, do alto da muralha. - Todos estão livres para partir.

Um suspiro de alívio correu toda a multidão.

- As almas do Deus Estrangeiro permanecerão no reino deste mundo. As do Deus verdadeiro voltarão para a sua infinita misericórdia. A guerra continuará, mas não é uma guerra eterna. Porque o Deus Estrangeiro será vencido no final, mesmo tendo corrompido uma parte dos anjos. O Deus Estrangeiro será vencido, não será destruído; permanecerá no inferno por toda a

1 por

e. 12/12

40

eternidade, junto com as almas que conseguiu seduzir.

As pessoas olhavam para o ~~fiança~~ no alto da muralha. Já não estavam tão certas que desejavam escapar agora e sofrer por toda a eternidade. homem
pe

- A Igreja Cátara é a verdadeira Igreja - ~~fentino~~ o sacerdote. Graças a Jesus Cristo e ao Espírito Santo, conseguimos chegar à comunhão com Deus. Não precisamos reencarnar outras vezes. Não precisamos voltar de novo ao reino do Deus Estrangeiro. continuou

Loni reparou que três sacerdotes saíram do grupo e abriram algumas Bíblias na frente da multidão.

- O consolamentum será distribuído agora aos que quiserem morrer conosco. Lá embaixo, nos espera uma fogueira. Será uma morte horrível, com muito sofrimento. Será uma morte lenta, e a dor das chamas queimando nossa carne não se compara com nenhuma dor que vocês experimentaram antes.

Entretanto, nem todos terão esta honra; só os verdadeiros cátaros. Os outros estão condenados à vida. tenham experimentado

Dois mulheres se aproximaram timidamente dos sacerdotes que tinham as Bíblias abertas. Um adolescente conseguiu libertar-se dos braços de sua mãe e também se apresentou.

Quatro mercenários aproximaram-se de Talbo.

- Queremos receber o sacramento, comandante. Queremos ser batizados.

"E assim que a Tradição é mantida", disseram as Vozes. "Quando as pessoas são capazes de morrer por uma ideia". Loni ficou aguardando a decisão de Talbo. Os mercenários tinham lutado a vida inteira por dinheiro, até descobrirem que certas pessoas eram capazes de lutar apenas por aquilo que julgavam certo.

Talbo finalmente assentiu. Mas estava perdendo alguns de seus melhores homens.

- Vamos sair daqui - disse Loni. - Vamos para as muralhas. Eles já disseram que quem quiser pode ir embora.

- É melhor a gente ~~se~~ descansar, Loni.

"Você vai morrer", sussurraram as Vozes de novo.

- Quero olhar os Pirineus. Quero olhar o vale mais uma vez, Talbo. Você sabe que eu vou morrer.

Sim, ele sabia. Era um homem acostumado com o campo de batalha, conhecia os ferimentos que acabavam com seus soldados. A ferida de Loni estava aberta há três dias, seu sangue ~~estava~~ envenenando

- As pessoas cujas feridas não cicatrizavam podiam durar dois dias ou duas semanas. Nunca mais que isto.

E Loni estava perto da morte. Sua febre havia passado. Talbo também sabia que isto era um mau sinal. Enquanto o pé doía

300
#

e. 12/12

41

e a febre queimava, o organismo ainda estava lutando. Agora já não havia mais luta - apenas a espera.

"Você não tem medo", disseram as Vozes. Não, Loni não tinha medo. Desde criança sabia que a morte

era apenas outro começo.

Naquela época, as Vozes eram suas grandes companheiras. E tinham rostos, corpos, gestos que só ela podia enxergar. Eram pessoas que vinham de mundos diferentes, conversavam, e nunca a deixavam sozinha. Tive uma infância muito divertida, utilizando seus amigos invisíveis, mudava coisas de lugar, fazia certos tipos de barulho, pequenos sustos. Nesta época sua mãe agradecia por viverem num país catão - "se os católicos estivessem por aqui, você seria queimada viva", costumava dizer ela. Os catãos não davam importância para aquilo - achavam que os bons eram bons, os maus eram maus, e nenhuma força do Universo era capaz de mudar isto.

Mas os franceses chegaram, dizendo que não existia um país catão. E desde a idade de oito anos, que tudo que havia conhecido era a guerra. A guerra lhe trouxera algo de muito bom: seu marido, contratado numa terra distante pelos sacerdotes catãos, que jamais pegavam numa arma. Mas também lhe trouxera algo de mau: o medo de ser queimada viva, porque os católicos estavam cada vez mais próximos de sua aldeia. Começou a ter medo dos seus amigos invisíveis, e eles foram desaparecendo de sua vida. Mas ficaram as Vozes. Elas continuavam dizendo o que ia acontecer, e como devia agir.

Mas não queria a amizade delas, porque sempre sabiam demais; uma delas então lhe ensinou o truque da árvore sagrada. E desde que a última cruzada contra os catãos havia começado, e que os católicos franceses venciam uma batalha atrás da outra, ela não ouvia mais as Vozes.

Hoje, entretanto, não tinha mais forças para pensar na árvore. As Vozes estavam de novo ali, e ela não se incomodava com isto. Ao contrário, precisava delas; elas iriam lhe ensinar o caminho, depois que morresse.

- Não se preocupe comigo, Talbo. Não tenho medo de morrer - disse ela.

inimiga

Voz

T
|
|
|||
|
|

~~A~~

1016 Chegaram ao alto da muralha. Um vento frio soprava sem parar, e Talbo procurou abrigar-se em sua capa. Loni não sentia mais frio. Olhou para as luzes de uma cidade no horizonte, e para as luzes do acampamento nos pés da montanha. Havia fogueiras em quase toda a extensão do vale. Os soldados franceses aguardavam a decisão final.

1017 Escutaram o som de uma flauta vinda lá de baixo. Algumas vozes cantavam.

- São soldados - disse Talbo. Sabem que podem morrer a qualquer instante, e por isso a vida é sempre uma grande festa. / #

Loni sentiu um imensa raiva da vida. As Vozes estavam lhe contando que Talbo ia encontrar outras mulheres, ter filhos, e ficar rico com saques de cidades. "Mas jamais tornará a amar alguém como você, porque você é parte dele para sempre", disseram as Vozes.

Ficaram algum tempo olhando a paisagem lá embaixo, abraçados, escutando o canto dos guerreiros. Loni sentiu que aquela montanha fora palco de outras guerras no passado, um passado tão remoto que nem mesmo as Vozes conseguiam se lembrar.

- Somos eternos, Talbo. As Vozes me contaram isto, em que eu podia ver seus corpos e seus rostos.

Talbo conhecia o Dom de sua mulher. Mas fazia muito tempo que ela não tocara ao assunto. Talvez fosse o delírio.

- Mesmo assim, nenhuma vida é igual à outra. E pode ser que não nos encontremos nunca mais. Preciso que você

... Te amei a minha vida inteira. Te amei antes de te conhecer. Você é parte de mim.

Vou morrer. E como amanhã é um dia tão bom para morrer quanto qualquer outro, gostaria de morrer junto com os sacerdotes. Eu nunca entendi o que eles pensavam do mundo, mas eles sempre me entenderam. ~~Estaria~~ acompanhá-los até a outra vida. Talvez eu possa ser uma boa guia, porque já estive / nestes outros mundos. + Quero / antes

Loni pensou na ironia do destino. Tivera medo das Vozes porque elas podiam levá-la ao caminho da fogueira. E, entretanto, a fogueira estava no seu caminho, de qualquer jeito.

Talbo olhava a sua mulher. Os olhos dela estavam perdendo o brilho, mas ela ainda conservava o mesmo encanto de quando a havia conhecido. Nunca lhe dissera certas coisas - não havia lhe contado sobre mulheres que recebeu como prêmio de batalhas, mulheres que encontrou enquanto viajava pelo mundo, mulheres que estavam esperando ele voltar um dia. Não lhe contara isto porque tinha certeza que ela sabia de tudo. Ilhe perdoava porque ele era o seu grande Amor, e o grande amor está acima das coisas deste mundo.

Mas havia outras coisas que ele não contava, e que possivelmente ela jamais iria descobrir; que tinha sido ela, com o seu carinho e a sua alegria, a grande responsável por ele ~~haver~~ + havia + ter

o tempo

aba que

encontrado de novo o sentido da vida. Que foi o amor daquela mulher que o empurrou^{ava} ate' os mais distantes confins da terra, porque precisava ser rico bastante para comprar um campo e viver em paz, com ela, pelo resto dos seus dias. Foi a imensa confiança naquela criatura frágil, cuja alma estava se apagando, que o obrigara a lutar com honra, porque sabia que depois da batalha podia esquecer os horrores da guerra no seu colo. O único colo que era realmente seu, apesar de todas as mulheres do mundo. O único colo onde conseguia fechar os olhos e dormir como um menino.

- Va' chamar um sacerdote, Talbo - disse ela. - Quero receber o batismo.

#3cie

Talbo vacilou um momento; so' os guerreiros escolhiam a maneira de morrer. Mas a mulher a sua frente dera sua vida por amor - talvez, para ela, o amor fosse uma forma desconhecida de guerra.

Levantou-se e desceu as escadas da muralha. Loni tentou concentrar-se na música que vinha la' de baixo, que fazia a morte mais fácil. Entretanto, as Vozes não paravam de falar.

"Toda mulher, em sua vida, pode usar os Quatro Anéis da Revelação. Você usou um anel so', e era o anel errado", disseram as Vozes.

Loni olhou os seus dedos. Estavam feridos, as unhas sujas. Não havia qualquer anel. As Vozes riram.

"Você sabe do que estamos falando", disseram. "A virgem, a santa, a mártir, a bruxa".

Loni sabia em seu coração o que as Vozes ^{diziam} falavam. Mas não se lembrava. Soubera disto ha' muito tempo, numa época em que as pessoas se vestiam diferente, e enxergavam o mundo de outra maneira. Naquele tempo ela possuía um outro nome, e falava outra língua.

"São estas as quatro maneiras da mulher comungar com o Universo", as Vozes disseram, como se fosse importante/ela lembrar coisas tão antigas. "A Virgem possui o poder do homem e da mulher. Está condenada à Solidão, mas a Solidão revela seus segredos. Este é o preço da Virgem - não precisar de ninguém, consumir-se em seu amor por todos, e através da Solidão descobrir a sabedoria do mundo."

} para
AQUI

Loni continuava olhando o acampamento la' embaixo. Sim, ela sabia.

"E a Mártir", continuaram as Vozes, "a Mártir possui o poder daqueles a quem a dor e o sofrimento não podem causar mal. Entrega-se, sofre, e através do Sacrifício descobre a sabedoria do mundo."

} →

e.12/12

43-d

Loni tornou a olhar suas mãos. Ali, com brilho invisível, o anel da Mártir circundava um de seus dedos.

"Podia ter escolhido a revelação da Santa, mesmo que não fosse este o seu anel", as Vozes disseram. "A Santa possui a coragem daquelas para quem Dar é a única maneira de receber. São um poço sem fundo, onde as pessoas bebem sem parar. E, se falta água em seu poço, a Santa entrega seu sangue, para que as pessoas não cessem jamais de beber. Através da Entrega, a Santa descobre a Sabedoria do mundo. "

#3aic

As Vozes calaram-se. Loni escutou os passos de Talbo subindo a escada de pedra. Sabia qual era o seu anel nesta vida, porque era o mesmo que usara em suas vidas passadas - quando tinha outros nomes e falava línguas diferentes. Em seu anel, a Sabedoria do Mundo era descoberta através do Prazer.

Mas não queria lembrar-se disto. O anel da Mártir brilhava, invisível, ~~na~~ seu dedo. H em

T
Wicca
J

Wicca aproximou-se.

Talbo levantou-se. E de repente, ao erguer os olhos para ele, Loni reparou que a noite estava cheia de um brilho mágico, como se fosse um dia de sol.

Adultra

Acorde, diziam as Vozes.

Mas eram vozes diferentes, que ela nunca havia escutado. Sentiu alguém massageando o seu pulso esquerdo.

19

- Vamos, Brida, levante.

Abriu os olhos e fechou rapidamente, porque a luz do céu era muito intensa. *A Noite era algo estranho.*

- Abra os olhos - insistiu Wicca mais uma vez.

Mas ela precisava voltar até o castelo. Um homem que amava, ~~tinha saído~~ para buscar o sacerdote. Não podia fugir assim. Ele estava sozinho, e precisava dela.

Seu

- Conte-me do seu Dom.

Wicca não lhe dava tempo para pensar. Sabia que ela havia participado de algo extraordinário, algo mais forte que a experiência do tarot. Mesmo assim não lhe dava tempo. Não entendia e não respeitava seus sentimentos; tudo que queria era descobrir o seu Dom.

#3 Wicca

- Me fale de seu Dom - repetiu Wicca mais uma vez.

Ela respirou fundo, contendo sua raiva. Mas não havia jeito. A mulher ia insistir até que ela contasse alguma coisa.

- Fui uma mulher apaixonada por...

Wicca tapou rapidamente sua boca. Depois levantou-se, fez alguns gestos estranhos no ar, e tornou a olhar para ela.

- Deus é a palavra. Cuidado! Cuidado com o que você fala, em qualquer situação ou instante de sua vida.

Brida não entendia porque a outra estava reagindo assim.

Deus se manifesta em tudo, mas a palavra é um dos seus meios favoritos de agir. Porque a palavra é o pensamento transformado em vibração; você está colocando no ar a sua volta aquilo que antes era apenas um sentimento. Muito cuidado com tudo que disser, continuou Wicca.

+ energia

"A palavra tem um poder mais forte" que muitos rituais."

(maior)

Brida continuava sem entender. Não tinha outra maneira de contar sua experiência, a não ser através de palavras.

- Quando você se referiu a uma mulher - continuou Wicca -

você não foi ela. Você foi uma parte dela. Outras pessoas podem ter a mesma memória que você.

Brida sentia-se roubada. Aquela mulher era forte, e não gostaria de dividi-la com mais ninguém. Além do mais, havia Talbo.

- Fale-me do seu Dom - disse mais uma vez Wicca. Não podia deixar que a menina ficasse deslumbrada com a experiência. As viagens no tempo geralmente acarretavam muitos problemas.

- Tenho muita coisa para falar. E preciso falar com você, porque ninguém mais vai acreditar.

Poi-tawn - immitam Brida.

Começou a contar tudo, desde o momento em que a chuva pingou em seu rosto. Tinha uma chance e não podia perder a chance de estar com alguém que acreditava no fantástico. Sabia que ninguém mais iria ouvi-la com o mesmo respeito, porque as pessoas tinham medo de saber como a vida era mágica; estavam acostumadas com suas casas, seus empregos, suas expectativas, e se alguém aparecesse dizendo que era possível viajar no tempo - era possível ver castelos no Universo, tarots que contavam histórias, homens que caminhavam pela noite escura - as pessoas iriam se sentir roubadas pela vida, porque elas não tinham aquilo, a vida delas era o dia sempre igual, a noite sempre igual, os finais de semana, iguais. Por isso, Brida precisava aproveitar aquela chance; se as palavras eram Deus, então que ficasse registrado no ar à sua volta que ela viajara até o passado, e se lembrava de cada detalhe como se fosse o presente, como se fosse o bosque à sua volta. Assim, quando mais tarde alguém conseguisse provar para ela que não havia acontecido nada daquilo, quando o tempo e o espaço fizessem com que ela mesma duvidasse de que ~~ela havia se passado~~, quando finalmente - ela mesma tivesse certeza de que ~~tudo~~ não passou de ilusão, as palavras daquela tarde, no bosque, ainda estariam vibrando no ar, e pelo menos uma pessoa, alguém para quem a magia era parte da vida, saberia que tudo aconteceu de fato.

pingava

→ Extraordinária.

1 #

→ 5 / #

*- → tudo
→ aquilo*

Descreveu o castelo, os sacerdotes com suas roupas negras e amarelas, a visão do vale com fogueiras acesas, o marido pensando coisas que ela conseguia captar. Wicca ouviu com paciência, demonstrando interesse apenas quando ela relatava as vozes que pareciam na cabeça de Loni. Nestes momentos interrompia, e perguntava se eram vozes masculinas ou femininas (eram de ambos os sexos), se passavam algum tipo de emoção, como agressividade ou consolo (não, eram vozes impessoais), e se ela podia despertar as vozes sempre que desejasse (não sabia, não teve tempo para isto).

Wicca

1 com

→ surgiram

3ic

- OK, podemos ir - disse Wicca no final, retirando a túnica e colocando de novo dentro da escola. Brida estava desapontada - pensou que ia receber algum tipo de elogio. Ou, no mínimo, uma explicação. Mas Wicca parecia um médico que ficava olhando o seu cliente com ar impessoal, mais interessado em anotar os sintomas que em entender a dor e o sofrimento que aqueles sintomas causam.

*com
→ centos médicas,
1 em*

Wicca

TÍTULO:
AUTOR:

LÁUDA Nº

46

ABRIR PÁGINA

Life c. 18/12

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 72

11c

11c

Fizeram uma longa viagem de volta. Todas as vezes que Brida queria tocar no assunto, Wicca mostrava-se interessada no aumento de custo de vida, no trânsito congestionado do final da tarde, e nas dificuldades que o síndico do seu prédio estava criando.

Só quando estavam sentadas de novo nas duas poltronas, que Wicca comentou a experiência.

- Quero lhe dizer uma coisa - falou. - Não se preocupe em explicar emoções. Viva tudo intensamente, e guarde o que sentiu como uma dádiva de Deus. Se você acha que não vai conseguir agüentar um mundo onde viver é mais importante do que entender, então desista da magia.

! A melhor maneira de destruir a ponte entre o visível e o invisível, é tentando explicar as emoções !

As emoções eram cavalos selvagens, e Brida sabia que em nenhum momento a razão conseguia dominá-las por completo. Certa vez ~~teve~~ um namorado, que havia partido por uma razão qualquer. Brida ficou em casa durante meses, explicando todo dia para si mesma as centenas de defeitos, as milhares de inconveniências daquele relacionamento. Mas toda manhã acordava e pensava nele, e sabia que se ele telefonasse,

terminaria aceitando um encontro.

#3c

O cachorro na cozinha latiu. Brida sabia que era um código, ~~uma~~ a visita estava no fim.

- Por favor, nem conversamos! - implorou ela. - E eu precisava fazer pelo menos duas perguntas.

Wicca levantou-se. A menina sempre achava um jeito de ter perguntas importantes justamente na hora de sair.

- Queria saber se os sacerdotes que vi realmente existiram.
- Temos experiências extraordinárias e menos de duas horas

encerrada

produz depois estamos tentando convencer a nós mesmos de que elas são os de nossa imaginação - disse Wicca, enquanto ia ate a estante. Brida lembrou-se do que havia pensado no bosque sobre pessoas que têm medo do extraordinário. E ficou com vergonha de si mesma.

Wicca voltou com um livro nas mãos.

m H- Os cátaros, ou os Perfeitos, eram sacerdotes de uma igreja criada no sul da França, no final do século XII. Acreditavam na reencarnação, e no Bem e Mal absolutos. O mundo era dividido entre os escolhidos e os perdidos. Não adiantava tentar converter ninguém.

600 H- O desprendimento dos cátaros com relação aos valores terrenos fez com que os senhores feudais da região do Languedoc adotassem aquela religião; não precisavam mais pagar as pesadas taxas que a Igreja Católica exigia na época. Ao mesmo tempo, como os bons e os maus já estavam definidos antes de nascer, os cátaros tinham uma atitude muito tolerante com relação ao sexo - e, principalmente, a mulher. Eram rigorosos apenas com aqueles que recebiam a ordenação sacerdotal.

/ "Tudo ia muito bem até que o catarismo começou a se espalhar por muitas cidades. A Igreja Católica sentiu a ameaça, e convocou uma cruzada contra os hereges. Durante quarenta anos, cátaros e católicos travaram batalhas sangrentas, mas as forças legalistas, com o apoio de varias nações, conseguiram finalmente destruir todas as cidades que haviam adotado a nova religião. Sobrou apenas a fortaleza de Monsegur, nos Pirineus, onde os cátaros resistiram até que o caminho secreto - por onde recebiam suprimentos - foi descoberto. Na manhã de março de 1244, depois da rendição do castelo, duzentos e vinte cátaros atiraram-se cantando na imensa fogueira acesa na base da montanha onde o castelo fora construído."

uma

Wicca disse tudo aquilo com o livro fechado no colo. Só quando acabou a história foi que abriu suas páginas, e procurou uma fotografia.

in/ac/tes.

Brida olhou a foto. Eram ruínas, com ~~partes~~ das muralhas a torre quase toda em pedaços. Ali estava o patio, a escada por onde Loni e Talbo subiram, a rocha que se misturava com a muralha e a torre.

H, mas

- Você disse que tinha outra pergunta para me fazer.

A pergunta já não tinha mais importância. Brida não estava conseguindo pensar direito. Sentia-se esquisita. Com algum esforço, terminou-se lembrando do que queria saber.

1 lembrou-se

- Quero saber por que você perde seu tempo comigo. Porque deseja me ensinar.

- Porque assim manda a Tradição - respondeu Wicca.- Você dividiu-se pouco nas sucessivas encarnações. Pertence ao mesmo tipo de gente que eu e meus amigos pertencemos. Nós somos as pessoas encarregadas de manter a Tradição da Lua.
 "Você é uma bruxa?"

#3 Wic

Brida não prestou atenção no que Wicca disse. Nem sequer lhe passou pela cabeça que precisava marcar um novo encontro; tudo que ela queria naquele momento era descobrir coisas que lhe trouxessem de volta a o mundo familiar; uma infiltração na parede, um maço de cigarros atirado no chão, alguma correspondência esquecida em cima da mesa do porteiro.

lin embora,
1 um

"Tenho que trabalhar amanhã". Estava de repente preocupada com o horário.

Na condução de volta para casa, começou a fazer uma série de cálculos sobre o faturamento das exportações de sua firma na semana anterior, e conseguiu descobrir uma maneira de simplificar certos procedimentos no escritório. Ficou muito contente: seu chefe podia gostar do que estava fazendo, e quem sabe, lhe um aumento.

1 dar

Chegou em casa, jantou, assistiu um pouco de televisão. Depois passou os cálculos sobre as exportações para o papel. E caiu exausta na cama.

mentira em

O faturamento das exportações tinha ganho uma sua vida. Era para trabalhar neste tipo de coisas que era paga.

O resto não existia. O resto era mentira.

T
Hic
I

14ic Durante uma semana, Brida acordou sempre ~~na~~ hora marcada, trabalhou na firma de exportações com a maior dedicação possível, e recebeu merecidos elogios do chefe. Não perdeu uma só aula da Faculdade, e se interessou por todos os assuntos de todas as revistas que estavam nas bancas de jornais. Tudo que precisava fazer era não pensar. Quando, sem querer, ~~se lembrava~~ que conheceu um Mago na montanha e uma bruxa na cidade,

as provas do próximo semestre, e o comentário que certa amiga sua havia feito sobre outra amiga sua ~~afastavam estas lembranças.~~

Sexta-feira chegou, e seu namorado foi encontrá-la na porta da Faculdade, para ~~irem~~ cinema. Depois, foram ao bar que frequentavam, conversaram sobre o filme, os amigos, e sobre o que tinha acontecido no trabalho de cada um. Encontraram amigos que estavam voltando de uma festa, ~~e~~ jantaram com eles, dando graças a Deus ~~por~~ Dublin ~~ter~~ sempre um restaurante aberto. + um

Às duas horas da manhã os amigos se despediram, resolveram ir até a casa dela. Assim que chegaram, ela colocou Iron Butterfly no toca-discos, e serviu um uísque duplo para cada um. Ficaram abraçados no sofá, em silêncio e distraídos, enquanto ele acariciava os seus cabelos, e depois os seus seios. / nam
+ por + ter

- Foi uma semana louca - disse ela, de repente. - Trabalhei sem parar, preparei todos os exames, e fiz todas as compras que estavam faltando.

O disco acabou. Ela levantou-se para trocar o lado.

- Sabe a porta do armário da cozinha, aquela que havia despregado? Finalmente consegui arranjar um tempo para chamar alguém que a concertasse. os dois

E tive que ir várias vezes ao banco. Uma para pegar o dinheiro que papai me enviou, outra para depositar cheques da firma, e outra... 15

Lorens estava olhando fixamente para ela.

- Por que você está me olhando? - disse. Seu tom de voz era agressivo. Aquela homem na sua frente, sempre quieto, sempre olhando, incapaz de dizer algo inteligente, era uma situação absurda. Não precisava dele. Não precisava de ninguém.

- Por que você está me olhando? - insistiu.

Mas ele não disse nada. Levantou-se também e, com todo carinho, a trouxe de volta para o sofá.

- Você não presta atenção em nada do que digo - falou Brida, desnorreada.

Lorens deitou-a de novo em seu colo.

"As emoções são cavalos selvagens".

- Conte-me tudo - Lorens falou com ternura. - Saberei ouvir e respeitar sua decisão. Mesmo que seja outro homem. Mesmo que seja uma despedida.

"Estamos juntos há algum tempo. Não conheço você inteiramente, não sei como você é. Mas sei como você não é. E você não tem sido você durante toda a noite."

Brida teve vontade de chorar. Mas já havia gasto muitas lágrimas com noites escuras, com tarots que falavam, com florestas encantadas. As emoções eram cavalos selvagens - nada mais restava do que libertá-los, afinal.

M

Sentou-se diante dele, lembrando que tanto o Mago como Wicca gostavam desta posição. Depois, sem parar, contou tudo que havia se passado desde seu encontro com o Mago na montanha. Lorens ouviu em silêncio total.

interrupção

Quando ela falou da fotografia, Lorens perguntou se, em algum dos seus cursos, ela já ouvira falar dos cataros.

- Sei que você não acredita em nada do que lhe contei - respondeu.

Sua mão tremia, e ela não conseguia controlar. Lorens levantou-se, pegou uma folha de papel, e fez dois furos - a uma distância de vinte centímetros um do outro. Colocou a folha na mesa, apoiada na garrafa de uísque, de modo que ficasse na vertical.

1 sem que H pudesse

Depois foi até a cozinha e trouxe uma rolha.

Sentou-se na cabeceira da mesa, e colocou papel com a garrafa naq outro extremo. Em seguida, colocou a rolha na sua frente.

empurrou o H para o

- Venha até aqui - disse ele.

Brida levantou-se. Estava tentando esconder as mãos trêmulas, mas ele parecia não dar a menor importância.

- Vamos fingir que esta rolha é um elétron, uma das pequenas partículas que compoem o átomo. Entendeu?

Ela fez que sim com a cabeça.

- Pois bem, preste atenção. Se eu tivesse aqui comigo

(A) Você acha que foi meu inconsciente, que eu me lembrei de coisas que já sabia. Não, Lorens, nunca quis saber dos cataros antes. Mas sei que você tem explicações para tudo.

certos aparelhos complicadíssimos que me permitem dar um "tiro de elétron", e seu eu disparasse em direção aquela folha, ele ia passar pelos dois buracos ao mesmo tempo, sabia?

Só que ele ia passar pelos dois buracos sem se dividir.

- Não acredito-disse ela.- É impossível.

Lorenz pegou a folha e jogou no lixo. Depois ~~colocou~~ ^{guardou} a rolha no lugar de onde havia retirado - era uma pessoa muito organizada.

##

- Não acredite, mas é verdade. Todos os cientistas sabem disto, embora não consigam explicar.

"Eu também não acredito em nada do que você me disse. Mas sei que é verdade."

As mãos de Brida ainda ~~continuavam tremendo~~. Mas ela não chorava, e não perdia o controle. Tudo que percebeu foi que o efeito do álcool havia passado completamente. Estava lúcida, uma lucidez estranha.

→ tremiam.

- E o que os cientistas fazem diante dos mistérios da ciência?

- Entram na Noite Escura, para usar um termo que você me ensinou. Sabemos que o mistério não irá nos abandonar nunca - então aprendemos a aceitá-lo, e a conviver com ele.

"Acredito que isto está presente em muitas situações da vida. Uma mãe que educa um filho deve sentir-se mergulhando na Noite Escura. Ou um imigrante que vai para longe da pátria em busca de trabalho e dinheiro. Todos acreditam que seus esforços serão recompensados, e que um dia vão entender o que aconteceu no caminho - e que, na época, parecia tão assustador."

"Não são as explicações que nos levam para frente; é a nossa vontade de seguir adiante".

Baixa →

Ela sentiu de repente um cansaço que não conseguia

Precisava dormir. O sono era o único reino mágico que conseguiria entrar.

→ imenso em sua parede

ABRIR PÁGINA. Texto Life c. 12/12

Maudra: 19 x 37 cic 5 no?

52

52

1 cic Naquela noite teve um sonho lindo, com mares e ilhas cobertas de árvores. Acordou de madrugada, e ficou contente porque Lorens estava dormindo ao seu lado. Levantou-se e foi a janela do seu quarto, olhar Dublin adormecida.

Lembrou-se do seu pai, que costumava fazer isto quando ela acordava com medo. A lembrança trouxe de volta uma outra cena de sua infância.

Estava na praia com o seu pai, e ele pediu para ver se a temperatura da água estava boa. Ela estava com cinco anos, e ficou contente de poder ajudar; foi até à beira da água e molhou os seus pés.

"Coloquei os pés, está fria", disse para ele.

O pai pegou-a no colo, caminhou com ela até à beira do mar, e, sem qualquer aviso, atirou-a dentro da água. Ela levou um susto, mas depois ficou contente com a brincadeira.

"Como está a água?", perguntou seu pai.

"Está gostosa", respondeu.

"Então, daqui para a frente, quando você quiser saber alguma coisa, mergulhe nela".

1 — 1 cic — 3 cic
Tinha esquecido esta lição com muita rapidez. Apesar de ter apenas 21 anos, já havia se interessado por muitas coisas, e desistido com a mesma rapidez com que se apaixonava por elas. Não tinha medo das dificuldades - o que assustava era a obrigação de ter que escolher um caminho.

Escolher um caminho significava abandonar outros. Tinha uma vida inteira para viver, e sempre pensava que talvez se arrependesse, no futuro, das coisas que queria fazer agora.

"Tenho medo de me comprometer", pensou consigo mesma. Queria percorrer todos os caminhos possíveis, e ia acabar não percorrendo nenhum. Nem mesmo na coisa mais importante de sua vida, o amor, havia conseguido ir até o fim; depois de sua primeira decepção, nunca mais entregou-se por completo. Temia o sofrimento, a perda, a inevitável separação. Claro, estas coisas estavam sempre presentes na estrada do amor - e a única maneira de evitá-las era renunciando a percorrer a estrada. Para não sofrer, era preciso também não amar.

Como se, para não exergar as coisas ruins da vida, terminasse precisando furar os olhos.

"É muito complicado viver". Era preciso correr riscos, seguir certos caminhos e abandonar outros. Lembrou-se de Wicca falando das pessoas que seguem os caminhos apenas para provar que não servem para elas. Mas isto não era o pior. O pior era escolher, e ficar o resto da vida pensando se escolheu certo. Nenhuma pessoa era capaz de escolher sem medo.

1 — 1 cic — 3 cic
Esta era a lei da vida. Esta era a Noite Escura, e ninguém podia fugir da Noite Escura, mesmo que jamais tomasse uma decisão, mesmo que não tivesse coragem para mudar nada; porque isto em si já era uma decisão, uma mudança. E sem os tesouros escondidos na Noite Escura.

Entretanto,

Lorens podia estar certo. No final, ^{já} vamos rir dos medos que tivemos ^{no} início. Assim como ela ~~havia~~ rido das cobras e escorpiões que colocou na floresta. - ~~Em~~ ^{Em} seu desespero, não se lembrou ~~que~~ que o santo padroeiro da Irlanda, São Patrício, havia expulsado todas as cobras do país.

~~400~~
Há

- Que bom que você existe, Lorens -disse baixinho, com medo que ele escutasse.

Voltou para a cama e o sono veio rápido. Antes, porém, lembrou de mais uma história com seu pai.

Era um domingo e estavam almoçando na casa da sua avó, com a família toda reunida. Ela já devia ter uns quatorze anos, e estava reclamando que não conseguia fazer determinado trabalho para a escola, porque tudo que começava a fazer terminava dando completamente errado.

"Talvez estes erros estejam lhe ensinando algo", dizia seu pai. Mas Breda insistia que não; que ela havia entrado por um caminho errado, e agora não havia mais jeito.

O pai pegou-a pela mão, e foram até a sala onde a avó costumava ver televisão. Ali havia um grande relógio de pé, antigo, que estava parado há muitos anos, por falta de peças.

"Não existe nada de completamente errado no mundo, minha filha", disse o seu pai, olhando o relógio.

"Mesmo um relógio parado consegue estar certo duas vezes por dia."

I
|
Wicca
|
I

^{loic}
Caminhou algum tempo pela montanha, até encontrar o Mago. Ele estava sentado numa rocha - quase perto do ~~rochedo~~ - contemplando o vale e as montanhas que ficavam a oeste. O lugar tinha uma vista belíssima, e Brida lembrou-se que os espíritos preferiam estes lugares.

→ Cume,

- Será que Deus é o Deus apenas da beleza? - disse, assim que se aproximou. - E como ficam as pessoas e os lugares feios deste mundo?

O Mago não respondeu. Brida ficou sem graça.

- Talvez você não se lembre de quem eu sou. Estive aqui dois meses. Fiquei uma noite inteira, sozinha, na floresta. E prometi a mim mesmo que só voltaria quando descobrisse meu caminho.

faz
uma →

"Conheci uma mulher chamada Wicca."

O Mago piscou, e sabia que a menina não havia percebido nada. Mas riu da grande ironia do destino.

- Wicca me disse que eu sou uma bruxa - continuou a menina.
- Você não confia nela?

Foi a primeira pergunta que o Mago fez desde que ela se aproximou. Brida ficou contente porque ele estava escutando sua conversa; até aquele momento, não tinha certeza disto.

- Confio - respondeu. - E confio na Tradição da Lua. Mas sei que a Tradição do Sol me ajudou, quando me obrigou a compreender a Noite Escura. Por isso estou aqui de novo.

- Então sente-se e contemple o pôr-do-sol - disse o Mago.

- Não vou ficar de novo sozinha na floresta - respondeu ela. - Da última vez que estive...

O Mago a interrompeu:

- Não diga isto. Deus está nas palavras.

Wicca dissera a mesma coisa.

- O que disse de errado?

- Se você falar que foi a "última", ela pode se transformar mesmo na última. Na verdade, o que você quis dizer foi "da vez mais recente que estive..."

Brida ficou preocupada. Ia ter que ficar vigiando muito as palavras, daqui por diante. Resolveu sentar-se e ficar quieta, fazendo o que o Mago ~~havia dito~~ ^{dissera} - contemplando o pôr-do-sol.

Contemplar o pôr-do-sol a deixava nervosa. Ainda faltava quase uma hora para o crepúsculo, e Brida tinha muito o que conversar, muita coisa que dizer e perguntar. Sempre que se via parada, contemplando alguma coisa, ficava com a sensação de ^{estar}

estava ^{estava} estar

desperdiçando um tempo precioso em sua vida, deixando de fazer coisas e encontrar pessoas; podia sempre aproveitar seu tempo de uma maneira muito melhor, pois/havia muito o que aprender.

/ainda

Entretanto, à medida que o sol se aproximava do horizonte, e que as nuvens iam se enchendo de raios dourados e cor-de-rosa, Brida ~~teve~~ a sensação de que toda a sua luta na vida era para um dia, ~~podia~~ sentar e contemplar um pôr-do-sol igual aquele.

H tinha
H poder

- Sabe rezar? - perguntou o Mago, a certa altura.

Claro que Brida sabia. Qualquer pessoa no mundo sabia rezar.

- Pois então, assim que o sol tocar o horizonte, faça uma prece. Na Tradição do Sol, é através das preces que as pessoas comungam com Deus. A prece, quando feita com as palavras da alma, é muito mais poderosa que todos os rituais.

- Não sei rezar, porque minha alma está em silêncio - respondeu Brida.

O Mago riu.

- Só os grandes iluminados têm a alma em silêncio.

- Então, por que não sei rezar com a alma?

- Porque lhe falta humildade para escutá-la, e saber o que ela deseja. Você tem vergonha de escutar os pedidos de sua alma. E tem medo de levar estes pedidos até Deus, porque acha que ele não tem tempo ~~de~~ preocupar-se com isto.

H para

Estava diante de um pôr-do-sol, e ao lado de um sábio. Entretanto, sempre que aconteciam momentos como este em sua vida, ficava com a impressão que não merecia nada daquilo.

- Me acho indigna, sim. Acho que a busca espiritual foi feita para pessoas melhores do que eu.

- Estas pessoas - se é que existem - não precisam buscar nada. Elas já são a própria manifestação do espírito. A busca foi feita para gente como nós.

"Como nós", ele dissera. E, entretanto, estava muitos passos na sua frente.

- Deus está nas palavras, tanto na Tradição do Sol, como na Tradição da Lua - disse Brida, sabendo que a Tradição era a mesma, e diferente só na maneira de ensinar. Então, me ensine a rezar, por favor.

H entendendo

O Mago virou-se diretamente para o sol, e fechou os olhos.

- Somos seres humanos e desconhecemos a nossa grandeza, Senhor. Dai-nos a humildade de pedir o que precisamos, Senhor, porque nenhum desejo é vão e nenhum pedido é fútil. Cada qual sabe com o que alimentar a sua alma; dai-nos coragem de olhar nossos

desejos como vindos da fonte de Tua eterna Sabedoria. —>
Só' aceitando nossos desejos é' que podemos ter uma ideia de quem
somos, Senhor. Amém.

"Agora é' sua vez" disse o Mago.

- Senhor, faç com que eu entenda que tudo que me acontece
de bom na vida é' porque eu mereço. Faz com que eu entenda que o
que me move a buscar Tua verdade é' a mesma força que moveu os
santos, e que as dúvidas que eu tenho, são as mesmas dúvidas que
os santos tiveram, e que as fraquezas que sinto são as mesmas
fraquezas que os santos sentiram. Faz com que eu seja humilde o
suficiente para aceitar que não sou diferente dos outros, Senhor.
Amém.

Ficaram —> em silêncio, olhando o pôr-do-sol, até que o
último raio daquele dia abandonou as nuvens. Suas almas rezavam,
—> pediam coisas, e agradeciam por estarem juntos.

#3cic

lái - Vamos até' o bar da aldeia - falou o Mago.

lái-se do Breda calçou de novo os sapatos, e começaram a descer. lái uma vy lem-
dia em que fora até' a montanha procurá-lo. —> Prometeu
a si mesma que só' tornaria a contar esta história uma vez mais
na sua vida; não precisava mais convencer a si mesma. H continuar lido

O Mago olhou a menina descendo à sua fonte,
procurando mostrar-se familiar com o chão úmido e
com as pedras, e tropeçando a cada instante. Seu coração
alegrava-se um pouco, mais logo, —> tornou a ficar
em guarda.

As vezes, certas bênçãos de Deus entram estilhaçando
todas as vibrações.

#

T
Ilac
↓

1cic

Como era bom que Brida estivesse ao seu lado, pensou o Mago, enquanto descia a montanha. Também ele era um homem igual a todos os homens, com as mesmas fraquezas, as mesmas virtudes - e até hoje não havia se acostumado com o papel de Mestre. Durante muito tempo, quando pessoas vindas de vários lugares da Irlanda chegavam àquela floresta em busca de seus ensinamentos, ele falava da Tradição do Sol e pedia que as pessoas compreendessem o que estava à sua volta. Ali, Deus havia guardado sua sabedoria, e as pessoas eram capazes de compreendê-la através de umas poucas práticas, nada mais. A maneira de ensinar segundo a Tradição do Sol já fora descrita há dois mil anos atrás pelo Apóstolo.

estava

to dar

"e no meio de vós eu estive como um fraco e tímido, cheio de grande temor; a minha palavra e a minha pregação não consistiram em discursos cheios de sabedoria, mas na demonstração do Espírito e da força divina, para que vossa fé não se fundasse em sabedoria humana, mas na força de Deus."

em

Entretanto, as pessoas eram incapazes de entender o que ele estava falando sobre a Tradição do Sol, e ficavam decepcionadas, porque era um homem como todos os homens.

pareciam

Ele dizia que não, que ele era um Mestre, e tudo que estava fazendo era dar a cada um dos meios próprios de adquirir a Sabedoria. Mas elas precisavam de muito mais - precisavam de um guia. Não entendiam a Noite Escura, não entendiam que a Noite Escura ilumina - com sua lanterna - apenas aquilo que ele mesmo quer ver. E, se por acaso, esta lanterna se apagasse, as pessoas estavam perdidas, porque não sabiam o caminho de volta.

qualquer
avia

conhecem
elas

Mas as pessoas precisavam de um guia. E, para ser um bom Mestre, ele também precisava aceitar as necessidades dos outros.

Então passou a recheiar seus ensinamentos com coisas desnecessárias mas fascinantes, de modo que todos fossem capazes de aceitar e aprender. O método havia dado resultado. As pessoas aprendiam a Tradição do Sol e, quando chegavam finalmente a entender que muitas coisas que o Mago mandara fazer eram absolutamente desnecessárias, riam de si mesmas. E o Mago ficava contente, porque havia finalmente conseguido aprender a ensinar.

deu

inúteis

3cic

Brida era uma pessoa diferente. Sua oração havia fido a alma do Mago. Ela conseguiu entender que nenhum ser humano que pisou este planeta era diferente dos outros. Poucas pessoas eram capazes de dizer em voz alta que os grandes

tocava
foi ou e'

Mestres do passado tiveram as mesmas qualidades e os mesmos defeitos de todos os homens, e isto não diminuiu nem um pouco a capacidade de buscarem a Deus. Julgar-se pior que os outros era um dos mais violentos atos de orgulho que ele conhecia - porque era usar a maneira mais destrutiva possível de ser diferente.

Quando chegaram ao bar, o Mago pediu duas doses de uísque.

- Olhe as pessoas - disse Brida. - Devem vir aqui todas as noites. Devem fazer sempre a mesma coisa.

O Mago já não estava tão convencido de que Brida realmente se julgava igual aos outros.

- Você está preocupada demais com as pessoas - respondeu.

- Elas são um espelho de você mesma.

- Eu sei disso.

- Já havia descoberto o que era capaz de me deixar alegre e o que me deixava triste. De repente, entendi que era preciso mudar estes conceitos. *Mas é difícil.*

- O que lhe fez mudar de ideia?

- O Amor. Conheço um homem que me completa. Há três dias atrás ele me mostrou que seu mundo também está cheio de mistérios. Então não estou sozinha.

O Mago ficou impassível. Mas lembrou-se das bênçãos de Deus que estilhaçam as vidraças.

- Você o ama?

- Descobri que posso amá-lo ainda mais. Se este caminho não me ensinar nada de novo a partir de agora, ao menos aprendi algo importante: é preciso correr riscos.

Ele havia preparado uma grande noite, enquanto desciam a montanha. Queria mostrar o quanto precisava dela, mostrar que era um homem como todos os outros homens, cansado de tanta solidão. Mas tudo que ela queria eram respostas para suas perguntas.

- Existe algo estranho no ar - disse a menina. O ambiente parecia haver mudado.

- São os Mensageiros - respondeu o Mago. - Os demônios artificiais, aqueles que não fazem parte do braço esquerdo de Deus, aqueles que não nos conduzem para a luz.

Os olhos dele estavam brilhando. Realmente alguma coisa havia mudado - e ele falava de demônios.

"Deus criou a legião de Seu Braço Esquerdo para nos aperfeiçoar, para que saibamos o que fazer com nossa missão" continuou ele. "Mas deixou a cargo do homem o poder de concentrar as forças das trevas, e criar os seus próprios demônios."

Porque era isto o que ele estava fazendo agora.

- Também podemos concentrar as forças do bem - disse a menina, um pouco assustada.

- Não podemos.

Era bom que ela perguntasse alguma coisa, precisava distrair-se. Não queria criar um demônio. Na Tradição do Sol eles eram chamados de Mensageiros, e podiam fazer muito bem, ou muito mal -so' aos grandes Mestres era permitido invocá-los. Ele era um grande Mestre, mas não queria fazer isto agora - porque a força do Mensageiro era perigosa, principalmente quando misturada com as decepções do amor.

30c

Brida estava desorientada com a resposta. O Mago estava agindo de uma maneira estranha.

- Não podemos concentrar o Bem - continuou ele, fazendo um imenso esforço para prestar atenção em suas próprias palavras. - A Força do Bem sempre se espalha, como a Luz. Quando você emana as vibrações do Bem, beneficia toda a humanidade. Mas quando você concentra as forças dos Mensageiros, esta beneficiando - ou prejudicando - apenas você mesma.

Seus olhos estavam brilhando. Ele chamou o dono do bar e pagou a conta.

- Vamos ate' lá em casa - disse. - Vou preparar um cha' e você ira me dizer quais são as perguntas importantes de sua vida.

Brida vacilou. Ele era um homem atraente. Ela também era uma mulher atraente. Tinha medo que aquela noite pudesse estragar seu aprendizado.

"Preciso correr riscos", repetiu para si mesma.

14

14

T
Wicca
I

Wicca

A casa do Mago ficava um pouco distante do povoado. Bridesa reparou que, apesar de ~~muito~~ diferente da casa de Wicca, era confortável e bem decorada. Entretanto, não havia qualquer livro a vista - predominava o espaço vazio, com poucos móveis.

+ longe
+ bastante

Foram à cozinha preparar o chá, e voltaram para a sala.

- O que veio fazer hoje aqui? - perguntou o Mago.
- Prometi a mim mesma que voltaria no dia em que já soubesse de alguma coisa.

- Você já sabe?
- ~~Muita coisa~~. Sei que o caminho é simples, e por isso mais difícil do que havia pensado. Mas simplificarei minha alma. Por que perde seu tempo comigo? *(Esta é a primeira pergunta.)*

Um pouco / #

"Porque você é a minha Outra Parte", pensou o Mago.
- Porque também preciso de alguém para conversar - respondeu ele.

- O que acha do caminho que escolhi, *da Tradição da Lua?*
O Mago precisava dizer a verdade. Mesmo que a verdade fosse outra.

preferido

- Era o seu caminho. Wicca tem toda a razão. Você é uma feiticeira. ~~Ir~~ aprender na memória do Tempo as lições que Deus ~~tem para ensinar.~~

+ Vai

Wicca

E ficou pensando porque a vida era assim, porque havia encontrado uma Outra Parte cuja única maneira possível de aprender era através da Tradição da Lua.

- Tenho apenas mais uma pergunta - disse Bridesa. Estava ficando tarde, e daqui a pouco não haveria mais ônibus. - Preciso saber a resposta, e sei que Wicca não me ensinara. Sei disto porque ela é uma mulher igual a mim - será sempre a minha Mestra mas, quando tratar-se deste assunto, será sempre uma mulher.

"Quero saber como encontrar a minha Outra Parte."
"Esta na sua frente", pensou o Mago.

Mas não respondeu nada. Foi até um canto da sala e apagou as luzes. Ficou acesa apenas uma escultura de acrílico, que Bridesa não havia reparado na hora em que entrou; tinha água dentro, e bolhas que subiam e desciam, enchendo o ambiente com reflexos de raios vermelhos e azuis.

Deixar / cont

- Já nos encontramos duas vezes - disse o Mago, de

olhos fixos na escultura. - Só tenho permissão de ensinar através da Tradição do Sol. A Tradição do Sol faz despertar nas criaturas a sabedoria ancestral que possuem.

Luc - Como descubro a minha Outra Parte pela Tradição do Sol?

- Esta é a grande busca das pessoas sobre a face da Terra - o Mago repetiu, sem querer, as mesmas palavras de Wicca. Talvez tivessem aprendido com o mesmo Mestre, pensou Brida.

- E a Tradição do Sol colocou no mundo, para todas as pessoas verem, o sinal da sua Outra Parte: o brilho nos olhos.

- Já vi muitos olhos brilharem - disse Brida. - Hoje mesmo, no bar, vi os seus olhos brilharem. Esta é a maneira que todas as pessoas procuram.

"Já esqueceu sua oração", pensou o Mago. Estava de novo ~~se~~ *acreditando que*

era mestre julgando diferente dos outros. "É incapaz de reconhecer o que o Deus lhe ~~ensina~~ *ensina* tão generosamente".

- Não entendo os olhos - ~~repetiu~~ *ela*. - Quero saber como *insistiu* as pessoas descobrem sua Outra Parte pela Tradição da Lua.

O Mago virou-se para Brida. Seus olhos estavam frios e sem expressão.

avida - Você está triste comigo, eu sei - ~~disse~~ *ela*. - Triste *continuou*

porque não consigo aprender através das coisas simples. O que você não entende é que as pessoas sofrem, ~~se~~ *se* buscam e se matam por amor, sem saber que ~~precisavam~~ *cumpriam* uma missão divina - *Hesitas* *indo*

de encontrar sua Outra Parte. Você esqueceu - porque é um sábio e não lembra mais das pessoas comuns - que eu trago milênios de desilusão comigo, e ~~já~~ *já* não consigo aprender ~~estas~~ *estas* coisas *certas*

através da simplicidade da vida.

O Mago permaneceu impassível.

- Um ponto - disse ele. - Um ponto brilhante em cima do ombro esquerdo da Outra Parte. É assim na Tradição da Lua.

- Estou indo - disse ela. - torceu para que ~~ela~~ *ela* pedisse *H E* que ficasse. Gostava de estar ~~perto dele~~ *ali*. Ele havia respondido *H ali*.

O Mago, entretanto, levantou-se e a conduziu até a porta.

- Vou aprender tudo que você sabe - ~~ela~~ *ela* falou. - Vou descobrir como se vê este ponto.

O Mago esperou que Brida sumisse na estrada. Havia um onibus de volta para Dublin na proxima meia hora, e ele não precisava se preocupar. Depois foi até o jardim, e executou o ritual de todas as noites; já estava acostumado a fazer aquilo, mas às vezes precisava de muito esforço para atingir a concentração necessária. Hoje estava particularmente disperso.

X

Quando acabou o ritual, sentou-se na soleira da porta e ficou olhando o céu. Pensou em Brida. Podia vê-la no onibus, com o ponto luminoso em seu ombro esquerdo, que só ele era capaz de reconhecer, porque ela era a sua Outra Parte. Pensou como devia estar ansiosa para concluir uma busca que havia começado no dia do seu nascimento. Pensou como ela havia estado fria e distante desde que chegaram em sua casa, aquilo era um bom sinal. Significava que ela estava estranhando os seus próprios sentimentos; estava se defendendo do que não podia compreender.

+ estava confusa com

Pensou também, com um certo temor, que ela estava apaixonada.

Não existem pessoas que não conseguem encontrar sua Outra Parte, Brida", (o Mago falou alto) para as plantas em seu jardim. Mas no fundo percebeu que também ele, apesar de conhecer tantos anos a Tradição, ainda precisava de reforçar a sua fé, e estava falando para si mesmo.

1 ha

"Todos nos, em algum momento de nossas vidas, cruzamos com ela, e a reconhecemos", continuou. "Se eu não fosse um Mago, e não visse o ponto no seu ombro esquerdo, demoraria um pouco mais para aceitar você. Mas você lutaria por mim, e um dia eu ia perceber o brilho nos seus olhos."

+ Hic

"Sou um Mago, porém, e agora sou eu quem tenho que lutar por você. Para que todo o meu conhecimento se transforme em Sabedoria."

+ precisa

Ficou muito tempo olhando a noite e pensando em Brida no onibus. Estava mais frio do que de costume - o verão ia acabar em breve.

Bcu



Acu

"Tampouco existe risco no Amor, e você terminará val aprendendo isto por si mesma. Há milhares de anos que as pessoas se buscam e se encontram."

Mas, de repente, se deu conta de que podia estar enganado. Havia sempre um risco, um único risco.

Que uma mesma pessoa cruzasse com mais de uma Outra Parte na mesma encarnação.

Isto também acontecia há milênios.

T
fac da mandra
I

INVERNO E PRIMAVERA } dife e.14
| cal ta

mmmmmm

Maudra: 19x37 ac e/uo
19x39 ac e/uo

1 ac Durante os dois meses seguintes, Wicca iniciou Brida nos primeiros mistérios da feitiçaria. Segundo ela, as mulheres aprendiam estes assuntos mais rapidamente que os homens, porque todo mês acontecia em seus corpos o ciclo completo da natureza: nascimento, vida e morte. "O Ciclo da Lua", disse ela.

Brida teve que comprar um caderno virgem, registrar todas as suas experiências psíquicas a partir de seu primeiro encontro. O caderno precisava estar sempre atualizado, e devia ter na capa uma estrela de cinco pontas - que associava tudo o que estava escrito à Tradição da Lua. Wicca contou que todas as feiticeiras possuíam um caderno como aquele, conhecido como O Livro das Sombras, em homenagem às irmãs mortas durante quatro séculos de caça às feiticeiras.

- Por que preciso fazer tudo isto?

- Temos que despertar o Dom. Sem ele, tudo que você pode conhecer são os Pequenos Mistérios. Porquê... Dom ~~será~~ sua maneira de servir ao mundo.

3 ac

1 ac Brida teve que reservar um canto de sua casa que não frequentasse muito, para montar um pequeno oratório com uma vela queimando dia e noite. A vela, segundo a Tradição da Lua, era o símbolo dos quatro elementos, e continha em si a terra do pavio, a água da parafina, o fogo que queimava, e o ar que permitia o fogo queimar. A vela também era importante para lembrar que havia uma missão a cumprir, e que ela estava envolvida naquela missão. Apenas a vela deveria ficar visível - o resto precisava ficar escondido dentro de uma estante, ou de uma gaveta; desde a Idade Média a Tradição da Lua exigia que as bruxas mantivessem o máximo segredo de suas atividades - várias profecias avisavam que as Trevas retornariam no final do milênio. Sempre que Brida chegava em casa, e olhava a chama da vela queimando, sentia uma responsabilidade estranha, quase sagrada.

Wicca mandou que ela sempre prestasse atenção ao ruído do mundo. "Em qualquer lugar que você esteja, pode escutar o ruído do mundo", disse a feiticeira. "É um ruído que não para nunca, que está presente nas montanhas, na cidade, nos céus e no fundo do mar. Este ruído - parecido com uma vibração - é a Alma do Mundo se transformando, caminhando para a luz. A feiticeira deve estar atenta a isto, porque ela é uma peça importante nesta caminhada."

1 ac Wicca também explicou que os Antigos falavam com o

nosso mundo através dos símbolos. Mesmo que ninguém estivesse escutando, mesmo que a linguagem dos símbolos tivesse sido esquecida por quase todos, os Antigos não paravam nunca de conversar.

- Eles são seres como nós? perguntou Brida, certo dia.
- ~~Eles são a gente.~~ E falam tudo aquilo que descobrimos nas vidas passadas, e tudo o que os grandes sábios deixaram escrito no Universo. (1)

+ de repente entendemos

"A raça humana bebe sempre desta fonte inesgotável - e quando todos dizem que ela está perdida, encontra uma maneira de sobreviver. Sobreviveu quando os macacos expulsaram os homens das árvores, quando as águas cobriram a terra. E sobreviverá quando todos estiverem se preparando para a catástrofe final."

- Somos responsáveis pelo Universo, porque nós somos o Universo. Quanto mais convivias com ela, mais Brida notava o quanto era bonita.

ABRIR PÁGINA Texto Life e 19/12 -

Início

Wicca continuou a ensinar a Tradição da Lua. Mandou que ela fizesse um punhal com uma lâmina que tivesse fio nos dois lados, e que fosse irregular como uma labareda. Brida procurou em várias lojas, e não conseguiu encontrar nada parecido; mas Lorens resolveu o problema, ~~precisando~~ ~~que~~ um químico metalúrgico que trabalhava na Universidade ~~fizesse~~ uma lâmina daquelas. Depois ele mesmo entalhou um cabo de madeira, ~~lhe deu~~ presente o punhal. Era a maneira de dizer que respeitava a busca

+ com
+ algo pedindo a
+ de de
+ de Brida.

O punhal foi consagrado por Wicca, num ritual complicado que envolvia palavras mágicas, desenhos com carvão na lâmina, e algumas pancadas usando uma colher de pau. O punhal devia ser utilizado como um prolongamento de seu próprio braço, com toda a energia do corpo concentrada na lâmina. Por isso as fadas utilizavam uma varinha de condão, e os magos precisavam de uma espada.

+ mantendo

Quando Brida mostrou-se surpresa com o carvão e a colher de pau, Wicca disse que, na época da caça às bruxas, as feiticeiras eram obrigadas a utilizar materiais que pudessem ser confundidos com objetos da vida cotidiana. Esta tradição se manteve através do tempo, como no caso do punhal, do carvão, e da colher de pau. Os verdadeiros materiais que os Antigos usavam haviam se perdido por completo.

+ lâmina,

(1) Isaac disse: "O Reino dos Céus é semelhante a um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce sem que ele saiba como."

nos somos eles.
sim
uma fazer
sua

Brida aprendeu a queimar incenso e a utilizar o punhal em círculos mágicos. Havia um ritual que era obrigada a fazer toda vez que a lua mudava de fase, nesta noite, ela devia ir para a janela com uma taça cheia de água, e deixar que a lua refletisse na superfície do líquido. Depois fazia com que seu rosto se refletisse na água, de modo que a imagem da lua ficasse bem no meio da sua testa. Quando estava bem concentrada, feria a água com o punhal, fazendo com que ela e a lua se dividissem em vários reflexos.

noite

para a lua

totalmente

de via

Esta água precisava ser bebida imediatamente, e o poder da lua, então, crescia dentro dela.

Nada disso faz sentido, comentou Brida, certa vez. Wicca não deu muita importância - também pensara assim, um dia.

- Não importa se faça sentido ou não - respondeu. Lembre-se da Noite Escura. Quanto mais você fizer isto, mais os Antigos se comunicarão. Primeiro, de uma maneira que você não entende - e apenas sua alma que está escutando. Um belo dia as vozes serão novamente despertadas.

acrescentou -

Brida não queria despertar vozes apenas - queria conhecer sua Outra Parte. Mas não comentava estes assuntos com Wicca.

mais

3a

Brida estava proibida de voltar de novo ao passado. Wicca dizia que poucas vezes isto era necessário.

Tampouco utilize cartas para ver o futuro. As cartas servem apenas para o crescimento sem palavras, aquele que está penetrando sem que seja percebido!

Brida tinha que abrir o tarot três vezes por semana e ficar olhando as cartas espalhadas. Nem sempre as visões apareciam - e quando apareciam, eram ~~tantas~~ cenas incompreensíveis. Quando reclamava das visões, Wicca dizia que estas cenas tinham um significado tão profundo que ela ainda era incapaz de captar.

igualmente

- Por que não devo ler a sorte?

- Se o presente tem poder sobre nossas vidas, respondeu Wicca. Quando você está lendo a sorte num baralho, você está trazendo o futuro para o presente. E isto pode causar sérios danos: o presente pode embaralhar o seu futuro.

Has tornou a lembrar as palavras de Jesus sobre as coisas que crescem dentro de cada um sem que se soubesse como.

Uma vez por semana iam até o bosque, e a feiticeira ensinava para sua aprendiz o segredo das ervas. Para Wicca, cada coisa neste mundo trazia a assinatura de Deus - especialmente as plantas. Certas folhas pareciam com o coração, e eram boas para doenças cardíacas, enquanto flores cuja forma lembrava os olhos, curavam as doenças da visão. Brida começou a perceber que muitas ervas possuíam realmente uma grande semelhança com os órgãos humanos - e, num compêndio sobre medicina popular que Lorens conseguiu emprestado na Biblioteca da Universidade, ~~pernas~~ pesquisas indicavam que a tradição dos camponeses e feiticeiras podia estar certa.

descobriu

"Deus colocou nas florestas a sua farmácia - disse Wicca, um dia em que as duas descansavam sob uma árvore. Para que todos os homens possam ter saúde."

ABRIR PÁGINA - texto de c. 13/12

Icci Icci
Brida sabia que sua mestra tinha outros aprendizes, e foi difícil descobrir isto - cachorro nunca deixava de latir na hora em que ela devia ir embora. Mesmo assim, já havia cruzado na escada com uma senhora, uma moça quase da sua idade, e um homem de terno. Brida ficava acompanhando discretamente os passos deles no prédio, e as antigas tábuas do chão denunciavam o destino: o apartamento de Wicca.

mas
cruzara

Certo dia

Brida arriscou perguntar sobre os outros discípulos.
- A força da bruxaria é uma força coletiva - respondeu Wicca. - São os diversos dons que mantem a energia do trabalho sempre em movimento. Um depende do outro.

Wicca explicou que existiam nove dons, e que tanto a Tradição do Sol como a Tradição da Lua mantinham a mesma ~~classificação~~ através de séculos. + que eles / fossem

avizavam para

- Que dons são estes?

Wicca respondeu que ela era preguiçosa, vivia perguntando tudo, e que uma verdadeira bruxa era uma pessoa interessada em todas as buscas espirituais do mundo. Mandou que ela lesse mais a Bíblia ("onde está toda a verdadeira sabedoria oculta") e procurasse os dons na primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios. Brida procurou e descobriu os nove dons:

Brida ler

a palavra da sabedoria, a palavra do conhecimento, a fé, a

cura, a operação de milagres, a profecia, a conversa com os espíritos, as línguas, e a capacidade de interpretação.

Foi só aí que entendeu o dom, que estava buscando: a conversa com os espíritos.

ABRIR PAGINA JELLS dia 2.12/12

Noite Wicca ensinou Brida a dançar. Disse que ela ~~devia~~ mover seu corpo de acordo com o ruído do mundo, a tal vibração sempre presente. Não havia ~~qualquer~~ nenhuma técnica especial - bastava fazer qualquer movimento que lhe viesse à cabeça. Mesmo assim, Brida demorou um pouco para se acostumar a agir e dançar sem lógica.

- O Mago de Folk lhe ensinou sobre a Noite Escura. Nas duas Tradições - que na verdade são uma só - a Noite Escura é a única maneira de crescer. Quando mergulhamos no caminho da magia, ~~nesso~~ primeiro ato é entregar-se a um poder maior. Vamos nos defrontar com coisas que jamais poderemos entender.

"Nada ~~tem~~ a lógica com a qual estamos na acostumados. Vamos compreender coisas apenas com o nosso coração, e isto pode assustar um pouco. A viagem vai parecer, durante muito tempo, uma noite escura. Toda busca é um ato de fé."

"Mas Deus, que é mais difícil de entender que uma Noite Escura, aprecia o nosso ato de fé. E segura em nossa mão, e nos guia através do Mistério." falava do

Wicca ~~estava falando do~~ Mago sem qualquer rancor ou magoa. Brida estava errada, ela jamais tivera um caso de amor com ele; estava escrito nos seus olhos. Talvez a irritação daquele dia tenha sido apenas pela diferença dos caminhos. ~~Também~~ Bruxos e magos eram vaidosos, e cada um queria provar ao outro como sua busca era mais acertada. por causa da

De repente, deu-se conta que havia pensado. Wicca não estava apaixonada pelo Mago, por causa dos seus olhos.

Ja havia visto filmes que falavam no assunto. Livros que falavam no assunto. O mundo inteiro sabia reconhecer os olhos de uma pessoa apaixonada.

"Se consigo entender as coisas simples depois que me envolvo com as complicadas", pensou consigo mesma. Talvez um dia pudesse seguir a Tradição do Sol.

maucha 19x37 cm São

I
|
Wicca
|
I

Wicca

O outono já estava no meio, e o frio começava a ficar insuportável, quando Brida recebeu um telefonema de Wicca.

- Vamos nos encontrar na floresta. Daqui a dois dias, na noite de lua nova, quando estiver faltando pouco para o anoitecer - foi tudo o que ela disse.

Brida ficou os dois dias pensando no encontro. Fez os rituais de sempre, dançou o ruído do mundo. "Preferia que fosse uma música", pensava ela, sempre que precisava dançar. Mas já estava quase se acostumando a mover seu corpo segundo aquela estranha vibração, que conseguia perceber melhor durante a noite - ou nos lugares silenciosos, como as igrejas. Wicca dissera que, ao dançar a música do mundo, a alma se acostumava melhor com o corpo, e as tensões diminuíam. Brida começou a reparar como as pessoas caminhavam pelas ruas, sem saber onde colocar as mãos, sem mover os quadris e os ombros. Sentiu vontade de ensinar para todos que o mundo tocava uma melodia; se elas dançassem um pouco desta música, apenas deixando ~~que seu corpo~~ movesse sem lógica alguns minutos por dia, iam sentir-se muito melhores.

1 de 1/0 corpo

Aquela dança, porém, era da Tradição da Lua, e só as feiticeiras sabiam disto. Devia haver algo semelhante na Tradição do Sol.

- Não conseguimos conviver mais com os segredos do mundo - dizia para Lorens. - E, no entanto, todos eles estão na nossa frente. Quero ser uma feiticeira, para conseguir enxergá-los.

Sempre havia algo semelhante na Tradição do Sol, embora ninguém gostasse de aprender por ela.

ABRIR PÁGINA. Texto Life e. 12/12
maucha / 19 x 37 cic 8/uo

69

I
I cic
I

I cic

No dia marcado Brida dirigiu-se ao bosque. Caminhou por entre as árvores, sentindo a presença mágica dos espíritos da natureza. Há seiscentos anos atrás, aquele bosque era ~~um~~ lugar sagrado dos sacerdotes druidas - até o dia que São Patrício expulsara as serpentes da Irlanda, e os cultos druidas desapareceram. Mesmo assim, o respeito por aquele lugar ~~havia~~ de geração em geração, e até hoje os habitantes da aldeia vizinha respeitavam e temiam o local.

110

1 - passou

3 cic

Encontrou Wicca na clareira, vestida com seu manto. Junto com ela estavam mais quatro pessoas - todas com roupas normais, e todas mulheres. No lugar onde antes havia notado as ~~cizas~~, uma fogueira estava acesa. Brida olhou para o fogo com um medo inexplicável - não sabia se era por causa da parte de Loni que trazia dentro dela, ou se a fogueira era uma experiência repetida em outras encarnações.

173

Chegaram outras mulheres. Havia gente de sua idade, e gente mais velha que Wicca. Eram, ao todo, nove pessoas.

- Não convidei os homens hoje. Vamos esperar o reino da Lua.

O reino da Lua era a noite. Ficaram em volta da fogueira, conversando os assuntos mais corriqueiros do mundo, e Brida ficou com a sensação de que havia sido convidada para um chá de comadres - diferente apenas no cenário.

Quando o céu cobriu-se de estrelas, porém, o ambiente mudou. Não foi preciso qualquer ordem da parte de Wicca; aos poucos, a conversa foi morrendo, e Brida perguntou a si mesma se ~~agora~~ ^{so} ~~que elas~~ estavam reparando ~~a~~ presença do fogo e do bosque.

1 - agora

170

Depois de algum tempo em silêncio, Wicca falou.

- Uma vez por ano, na noite de hoje, as bruxas de todo o mundo se reúnem para fazer uma oração e prestar homenagem a suas antepassadas. Assim manda a Tradição; na décima lua do ano devemos nos reunir em volta da fogueira, que foi vida e morte

das nossas irmãs perseguidas.

Brida tirou do seu manto uma colher de pau.

- Aqui está o símbolo - disse, mostrando a colher de pau para todas.

As mulheres ficaram de pé e se deram as mãos. Então, levantando as mãos dadas para o alto, escutaram a forçada de Wicca.

Hi prece

55 /

"Que a bênção da Virgem Maria e de seu filho Jesus caia sobre nossas cabeças esta noite. Em nosso corpo dorme a Outra Parte de nossos antepassados; que a Virgem Maria nos abençoe.

"Que nos abençoe porque somos mulheres, e hoje vivemos num mundo onde os homens nos amam e nos entendem cada vez mais. Entretanto, temos ainda no corpo a marca das vidas passadas, e estas marcas ainda doem.

"Que a Virgem Maria nos livre destas marcas, e apague para sempre nosso sentimento de culpa. Nos sentimos culpadas quando saímos de casa, porque estamos deixando os nossos filhos para ganhar o sustento deles. Nos sentimos culpadas quando ficamos em casa, porque parece que não aproveitamos a liberdade do mundo. Nos sentimos culpadas por tudo, e não podemos ser culpadas, porque sempre estivemos distante das decisões e do poder.

"Que a Virgem Maria nos lembre sempre que fomos nós, as mulheres, que ficamos junto com Jesus no momento em que os homens fugiram e negaram sua fé. Que fomos nós que choramos enquanto ele carregava a cruz, que ficamos aos seus pés na hora da morte, que visitamos o sepulcro vazio. Que não devemos ter culpa.

fomos nós que

va / mimas

"Que a Virgem Maria nos recorde sempre que fomos queimadas e perseguidas porque pregávamos a Religião do Amor. Enquanto as pessoas tentam parar o tempo com a força do pecado, nós nos encontramos nas festas proibidas, para celebrar o que ainda havia de belo no mundo. Por causa disto, fomos condenadas e queimadas nas praças.

"Que a Virgem Maria nos recorde sempre que, enquanto os homens eram julgados em praça pública por causa de disputa de terras, as mulheres eram julgadas em praça pública por causa de adultério.

"Que a Virgem Maria nos lembre sempre de nossas antepassadas, que precisaram travestir-se de homens - como Santa Joana D'Arc - para cumprir a palavra do Senhor. E, mesmo assim, morremos na fogueira.

Wicca segurou a colher de pau com as duas mãos, e estendeu os braços para a frente.

"Aqui está o símbolo do martírio de nossas antepassadas.

A U

Que a chama que devorou os seus corpos mantenha sempre acesa nossas almas. Porque elas estão em nós. Porque nós somos elas."

Saie

E atirou a colher de pau na fogueira.

T
Hic
L

1.º Bida continuou a fazer os rituais que Wicca havia ensinado. Mantinha a vela sempre acesa, dançava o ruído do mundo. Anotava no Livro das Sombras os encontros com a feiticeira, e freqüentava o bosque sagrado duas vezes por semana. Reparou, para a sua surpresa, que já estava entendendo alguma coisa das ervas e das plantas. Mas as vezes que Wicca desejava despertar não apareciam.

Tampouco conseguia ver o ponto luminoso.

"Quem sabe, ainda não conheço minha Outra Parte", pensou com certo medo. Este era o destino de quem conhecia a Tradição da Lua: jamais enganar-se sobre o homem de sua vida. Significava dizer que nunca mais, a partir do momento em que se transformasse em uma feiticeira de verdade, ia ter as ilusões que todas as outras pessoas tinham com o amor. Significava sofrer menos, e verdade - talvez significasse até não sofrer nada, porque podia amar muito mais intensamente; a Outra Parte era uma missão divina na vida de cada pessoa. Mesmo que ela,

tivesse que partir um dia, o amor pela Outra Parte - assim ensinavam as Tradições - era coroado de glória, de compreensão,

Mas significava também que, a partir do momento em que pudesse ver o ponto luminoso, não teria mais os encantos da Noite Escura do Amor. Bida pensava nas muitas vezes que se atormentou de paixão, nas noites ^{em} que passou ^{aguardada}, esperando alguém que não telefonava, nos fins de semana românticos que não resistiam a semana seguinte, nas festas com olhares ansiosos em todas as direcções, na alegria da conquista só para provar que era possível, na tristeza da solidão quando tinha certeza que o namorado de uma amiga sua era exatamente o único homem no mundo capaz de fazê-la feliz. Tudo aquilo era parte do seu mundo - e do mundo de todas as pessoas que conhecia. Isto era o amor, e desta maneira as pessoas buscavam a sua Outra Parte desde o início dos tempos - olhando nos olhos, procurando descobrir o brilho e o desejo. Nunca ^{era} havia dado valor a estas coisas - ao contrário, achava que ^{era} inútil sofrer por alguém, inútil morrer de medo de não encontrar outra pessoa ^{para} compartilhar sua vida. Agora, quando podia livrar-se de vez deste medo, ^{com quem} não tinha mais certeza ^{de} a Tradição da Lua era realmente a mais certa ^{do que queria.}

"Será que realmente quero ver o ponto luminoso?"

e de uma saudade purificadora.

mais

*deixa
por
com quem
passu a não ter*

Lembrou-se do Mago - começou a achar que ele estava com a razão, e a Tradição do Sol era a única maneira correta de lidar com o Amor. Mas não podia mudar de idéia agora; conhecia um caminho, e precisava ir até o fim. Sabia que, se desistisse, ia ficar cada vez mais difícil fazer qualquer escolha na vida.

ABRIR PAGINA . Texto life e. 12/12

T
Wicca
↓

Wicca Certa tarde, depois de uma longa aula sobre rituais que eram utilizados pelas antigas feiticeiras para fazer chover - e que Brida precisava anotar em seu Livro das Sombras, mesmo que jamais fosse utilizá-los - Wicca perguntou se ela usava todas as roupas que possuía.

- Claro que não - foi a resposta.

- Pois a partir desta semana, utilize tudo que estiver em seu armário.

Brida achou que não havia entendido bem.

- Tudo que contém nossa energia deve estar sempre em movimento - disse Wicca. - As roupas que você comprou fazem parte de você, e representam momentos especiais. Momentos em que você saiu de casa disposta a dar um presente, porque estava contente com o mundo. Momentos em que alguém lhe fez mal, e você precisava compensar aquilo. Momentos em que você achou que era necessário mudar de vida.

para si mesma

"As roupas sempre transformam emoção em matéria. É uma das pontes entre o visível e o invisível. Existem certas roupas que, inclusive, são capazes de fazer mal, porque foram feitas para outras pessoas, e terminaram parando nas suas mãos."

Brida entendia o que ela estava dizendo. Havia coisas que não conseguia usar; sempre que vestia, algo de errado terminava acontecendo.

- Desfaça-se das roupas que não foram feitas para você - insistiu Wicca. - E use todas as outras. É importante manter sempre a terra revolvida, a onda com espuma, e a emoção em movimento.

O Universo inteiro se move: não podemos ficar paradas.

Ao chegar em casa, Brida colocou em cima da cama tudo ^o que estava dentro do armário. Ficou olhando cada peça de roupa - havia muitas que já nem lembrava de sua existência; outras recordavam momentos felizes do passado, mas que já haviam saído de moda. Brida guardava, mesmo assim, porque aquelas roupas pareciam possuir uma espécie de feitiço - caso se desfizesse delas, podia estar se desfazendo das coisas boas que vivera quando as vestia.

de outra vez
ela melo leu
brava mais

fazer

Olhou para as roupas que acreditava possuírem "mas vibrações". Ela sempre havia alimentando a esperança de que estas vibrações se invertessem um dia, e pudesse usá-las de novo - mas sempre que resolvia ~~fazer~~ um "teste", acabava tendo problemas.

Reparou que sua relação com as roupas era aparentemente mais complicada do que parecia. Mesmo assim, era difícil aceitar que Wicca estivesse querendo mexer com o que havia de mais íntimo e mais pessoal na sua vida; sua maneira de vestir. Certas roupas precisavam ficar guardadas para ocasiões especiais, e só ela era capaz de dizer quando devia usá-las. Outras não eram adequadas para o trabalho, ou mesmo para as saídas no final de semana. Por que Wicca precisava mexer nisto? Jamais questionou uma ordem dela, vivia dançando e acendendo velas, enfiando punhais na água e aprendendo coisas que não ia utilizar nunca. Podia aceitar tudo aquilo - fazia parte de uma Tradição, uma Tradição que não compreendia mas que talvez estivesse mesmo falando com seu lado desconhecido. Entretanto, no momento em que mexia com as suas roupas, já estava mexendo também com a sua maneira de estar no mundo.

de si
de si

Quem sabe Wicca havia perdido os limites do seu poder. Quem sabe estava tentando interferir em algo que não devia.

"O que está fora é mais difícil de mudar do que aquilo que está dentro".

Alguém ^{dissera} ~~havia dito~~ algo. Num movimento instintivo, Brida olhou assustada a sua volta. Mas tinha certeza que não ia encontrar ninguém.

(Lue)

Era a voz.

de

A voz que Wicca queria despertar.

Dominou sua excitação e o seu medo. Ficou em silêncio, esperando escutar mais alguma coisa - e tudo que podia ouvir era o barulho da rua, o som de uma televisão ligada a distancia, e o onipresente ruído do mundo. Procurou ficar na mesma posição que estava antes, pensar as mesmas coisas que havia pensado. Tudo ^{fora} ~~havia sido~~ tão rápido que ela não havia sequer levado um susto - nem ficado admirada ou orgulhosa consigo mesma.

pois

de si

MAY. 2 *

74

C/12
1966

Mas a Voz dissera algo. Mesmo que todas as pessoas do mundo lhe ~~dissessem~~ que aquilo era fruto de sua imaginação, mesmo que a caça às bruxas voltasse de repente e ela tivesse que enfrentar tribunais e morrer na fogueira por causa disto, tinha completa e absoluta certeza de que havia escutado uma voz que não era a dela.

hipoteksem

"O que está fora é mais difícil de mudar do que aquilo que está dentro". A voz podia ter dito algo mais monumental, já que esta era a primeira vez que a estava escutando nesta encarnação. Mas, de repente, Brida sentiu uma imensa alegria invadi-la. Teve vontade de ligar para Lorens, de visitar o Mago, de contar para Wicca que seu dom havia surgido, e que ela agora podia fazer parte da Tradição da Lua. Andou de um lado para o outro, fumou alguns cigarros, e só meia hora depois conseguiu acalmar-se o suficiente para sentar-se de novo na cama, onde estavam todas as ~~suas~~ roupas espalhadas.

1/7

A Voz tinha razão. Brida havia entregue sua alma para uma mulher estranha, e por mais absurdo que pudesse parecer era muito mais fácil entregar sua alma que sua maneira de vestir.

Só agora estava entendendo o quanto aqueles exercícios, aparentemente sem sentido, estavam mexendo com a sua vida. Só agora, mudando por fora, podia perceber o quanto estava mudada por dentro.



MAY. 2
a fonte da
MAY. 4



Ícic

1-5e
e
Ícic
Wicca quis saber tudo sobre a Voz, quando tornou a encontrar com Brida. Estava anotado no Livro das Sombras. Cada detalhe Wicca ficou contente.

- De quem é a Voz? - perguntou Brida.

Wicca, porém, tinha coisas mais importantes para dizer do que ficar respondendo às eternas perguntas da menina.

- Até hoje lhe mostrei como voltar ao caminho que sua alma percorreu em várias encarnações. Despertei este conhecimento falando diretamente com ela - com a alma - através dos símbolos e dos rituais dos nossos antepassados. Você reclamava, mas sua alma estava contente porque estava reencontrando sua missão. Enquanto você se irritava com os exercícios, ficava entediada com a dança, morria de sono com os rituais, seu lado oculto bebia de novo da sabedoria do Tempo, recordava o que já havia aprendido. Chegou, porém, o momento de começar a aprender coisas novas. Chama-se a isto de Iniciação, porque aí é que está o seu verdadeiro começo nas coisas que precisa aprender nesta vida.

21 H
"Na Tradição das feiticeiras, a Iniciação sempre é feita nos Equinócios, naquelas datas do ano em que o dia e a noite são absolutamente iguais. O próximo é o Equinício de Primavera, no dia 15 de março. Gostaria que esta fosse a data de sua iniciação, porque eu também me iniciei num Equinício de Primavera. Você já sabe manejar os instrumentos, e conhece os rituais necessários para manter sempre aberta a ponte entre o visível e o invisível. Sua alma continua recordando as lições das vidas passadas - sempre que você realiza qualquer ritual que já sabe.

"Ao ouvir a Voz, você trouxe para o mundo visível o que já estava acontecendo no mundo invisível. Ou seja, você entendeu que sua alma está pronta para o próximo passo. O primeiro grande objetivo foi atingido."

Brida lembrou-se de que antes queria também ver o ponto luminoso. Mas desde que refletiu sobre a procura do amor, isto ia perdendo importância a cada semana.

em H
- Falta apenas uma prova para você ser aceita na Iniciação da Primavera. Caso não consiga agora, não se preocupe - muitos Equinócios estão ao seu futuro, e algum dia você será iniciada. Até o momento você mexeu com seu lado masculino: o conhecimento. Você sabe, você é capaz de entender o que sabe, mas ainda não tocou na grande força feminina, uma das forças mestras da transformação. E conhecimento sem transformação não é sabedoria.

- ① é a semente que cresce sem que você soubesse como.
- ② A Voz indica que você já está preparada.

"Esta força sempre foi Poder em Maldição das feiticeiras, em geral, e das mulheres, em particular. Todas as pessoas que caminham pelo planeta conhecem esta força. Todas sabem que somos nós, as mulheres, as grandes guardiãs de seus segredos. Por causa desta força fomos condenadas a vagar num mundo perigoso e hostil, porque a força era despertada por nós, e existiam lugares onde era abominada. Quem toca nesta força, mesmo sem saber, está ligada a ela pelo resto da vida. Pode ser seu senhor ou seu escravo, pode transformá-la numa força mágica, ou utilizá-la o resto da vida sem nunca dar-se conta de seu imenso poder. Esta força está em tudo que nos cerca, está no mundo visível dos homens, e no mundo invisível dos místicos. Pode ser massacrada, humilhada, escondida, ou até mesmo negada. Pode ficar anos dormindo num canto qualquer, pode ser tratada pela raça humana de quase todas as maneiras, menos de uma: uma vez que alguém conhece esta força, nunca mais, em toda a sua vida, poderá esquecê-la."

Ilv 4-1

1, esquecida

- E que força é esta?

- Não continue me fazendo perguntas tolas - respondeu

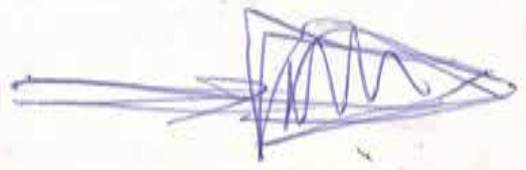
no momento

Wicca. - Porque eu sei que você sabe qual é.

Brida sabia.

O sexo.

I cic



Wicca abriu uma das cortinas imaculadamente brancas e mostrou a paisagem. A janela dava para o rio, os prédios antigos e as montanhas no horizonte. Numa daquelas montanhas vivia o Mago.

- O que é aquilo? - perguntou Wicca, apontando para o alto de uma igreja.

- Uma cruz. O símbolo do cristianismo.

- Um romano jamais entraria num edifício com aquela cruz. Ia pensar que se tratava de uma casa de suplícios - já que o símbolo em sua fachada é um dos mais horrendos instrumentos de tortura que o homem inventou.

"A cruz é a mesma, mas seu significado mudou. Da mesma maneira, quando os homens estavam próximos a Deus, o sexo era a comunhão simbólica com a unidade divina. O sexo era o reencontro com o sentido da vida."

- Por que as pessoas que buscam Deus normalmente se afastam do sexo?

Wicca ficou irritada com a interrupção. Mas resolveu responder.

- Quando eu falo na força, não falo apenas do ato sexual. Certas pessoas utilizam esta força sem usá-la. Tudo depende do caminho escolhido.

- Conheço esta força - disse Brida. - Sei como utilizá-la. Era hora de voltar ao assunto de novo.

- Talvez você saiba lidar com sexo na cama. Isto não é conhecer a força. Tanto o homem como a mulher são absolutamente vulneráveis à força do sexo, porque ali o prazer e o medo têm a mesma importância.

- E por que o prazer e o medo caminham juntos?

Até que enfim a menina havia perguntado algo que valia a pena responder.

- Porque quem lida com o sexo sabe que está diante de algo que só acontece em toda a sua intensidade quando se perde o controle. Quando estamos na cama com alguém, estamos dando permissão para que esta pessoa comungue não apenas com o nosso corpo, mas com toda a nossa personalidade. São as forças puras da vida que se comunicam, independente de nós - e, então, não podemos esconder quem somos.

"Não importa a imagem que a gente deseja passar sobre nós mesmos. Não importam os disfarces, as respostas prontas, as saídas honrosas. No sexo, fica difícil enganar o outro - porque

que levamos
a nós

ali cada um se mostra como realmente é!!!

Wicca falava como quem conhecia bem aquela força. Seus olhos tinham brilho, e havia orgulho em sua voz. Talvez fosse esta força que a mantinha ~~Wicca~~ tão atraente. Era bom aprender com ela: um dia ia terminar descobrindo o segredo de todo aquele encanto.

- Para que a Iniciação possa ser feita, você tem que encontrar-se com esta força. O resto, o sexo, feiticeiras, pertence aos Grandes Mistérios, e você saberá depois da cerimônia.

- Como encontrar-me com ela, então?

- É uma fórmula simples, e como todas as coisas simples, seus resultados são muito mais difíceis ~~do~~ que todos os complicados rituais que lhe ensinei até agora.

Wicca chegou bem perto de Brides, segurou-a pelos ombros, e olhou no fundo de seus olhos.

"A fórmula é esta: utilize, durante todo o tempo, os seus cinco sentidos. Se eles chegarem juntos no momento do orgasmo, você será aceita para a Iniciação.

1 das

T
Hic

1.1ae) - Vim pedir desculpas - disse a menina.

Estavam no mesmo local onde haviam se encontrado da outra vez; as pedras do lado direito da montanha, / onde se via o imenso vale. / de.

- As vezes penso uma coisa e faço outra - continuou ela. Mas se algum dia você já experimentou o amor, sabe quanto custa sofrer por ele.

- Sim, eu sei - respondeu o Mago. Era a primeira vez que ele estava falando de sua vida particular.

- Você tinha razão quanto ao ponto luminoso. A vida perde um pouco a graça. Descobri que a busca pode ser tão interessante quanto o encontro.

- Desde que se vença o medo.

- É verdade.

E Brida ficou contente em saber que também ele, com tudo que conhecia, ~~também tinha~~ medo. / ~~continuava a sentir~~

3ic

Passaram a tarde inteira pela floresta coberta de neve. Conversaram sobre plantas, sobre a paisagem, e sobre as maneiras as aranhas costumavam estender as teias naquela região. A certa altura ~~foram de encontro com~~ um pastor que trazia de volta seu rebanho de ovelhas. / ~~encontraram~~

- Deus tem uma preferência especial pelos pastores.

São pessoas acostumadas a natureza, ao silêncio, e a paciência. Possuem todas as virtudes necessárias / comungar com o Universo. / para

Até aquele instante não haviam tocado nestes assuntos, e Brida não queria antecipar o momento ~~certo~~. Voltou a conversar sobre sua vida e sobre o que acontecia no mundo. Seu sexto sentido a alertou para ~~não~~ ~~becasse~~ no nome de Lorens - não sabia o que estava acontecendo, não sabia porque o Mago lhe ~~dava~~ tanta atenção, mas precisava manter esta chama acesa. / Tinha um objetivo e ele era o único que podia ajudá-la a ~~consegui~~. / ~~atingi-lo~~

Passaram por alguns cordeiros, que deixavam, com seus pés, uma trilha engraçada na neve. Desta vez não havia pastor, mas os cordeiros pareciam saber onde ir, e o que desejavam encontrar. O Mago ficou um longo tempo contemplando os animais, como se estivesse diante de algum grande segredo da Tradição do Sol, que Brida não conseguia entender.

A medida que a luz do dia ia acabando, ia acabando também o sentimento de terror e respeito que tomava conta dela sempre que encontrava aquele homem; pela primeira vez estava tranqüila e

① [- Olá, Santiago! - / O Mago cumprimentou o pastor. Depois virou-se para ela:

②. Poder em Haldicão, dissera Wicca.

22-5-77-
22-00

confiante ao seu lado. Talvez porque não precisasse mais demonstrar seus dons - já escutara a Voz, e seu ingresso no mundo daqueles homens e mulheres era apenas uma questão de tempo. Também ela pertencia ao caminho dos mistérios, e, a partir do momento em que escutou a Voz, o homem ao seu lado fazia parte do seu Universo.

Teve vontade de pegar nas mãos ~~daquele homem~~ *H dele*, pedir que *l* lhe mostrasse um pouco da Tradição do Sol, da mesma maneira que costumava pedir a Lorens ~~que lhe falasse sobre~~ *das* estrelas antigas. Era uma maneira de dizer que estavam vendo a mesma coisa - de ângulos diferentes.

Algo *l* lhe dizia que ele precisava disto, e não era a Voz misteriosa da Tradição da Lua, mas a voz inquieta, às vezes tola, de seu coração. Uma voz que não costumava escutar muito, já que sempre a conduzia por caminhos que não conseguia entender.

tempo Mesmo assim, as emoções eram cavalos selvagens, e pediam para serem *ouvidas*. Brida deixou-as correr soltas por algum momento, até que cansassem.

As emoções contavam o quanto seria boa aquela tarde, se ela estivesse apaixonada por ele. Porque quando se apaixonava, era capaz de aprender tudo, e conhecer *coisas* que nem ousava pensar, porque o amor era a chave para a compreensão de todos os mistérios.

Imaginou muitas cenas de amor, até que assumiu de novo o controle de suas emoções. Então disse para si mesma que jamais poderia amar um homem como aquele. *Porque* ele entendia o Universo, e todos os sentimentos humanos ficavam pequenos quando vistos à distância.

300

Chegaram às ruínas de uma velha igreja. O Mago sentou-se num dos vários montes de pedra lavrada que se espalhavam pelo chão; Brida limpou a neve no parapeito de uma janela.

- Deve ser bom viver aqui, passar os dias em uma floresta, e à noite dormir numa casa aquecida - disse ela.

- Sim, é bom. Conheço o canto dos passaros, sei ler os sinais de Deus, aprendi a Tradição do Sol e a Tradição da Lua.

"Mas estou só", teve vontade de dizer. "E de nada adianta compreender o Universo inteiro ~~se você está~~ *só*"

quando

Ali na sua frente, deitada no parapeito de uma janela, estava a sua Outra Parte. Ele podia ver o ponto de luz em cima do seu ombro esquerdo, e lamentou haver aprendido as Tradições. Porque talvez houvesse sido aquele ponto que havia feito com que se apaixonasse por aquela mulher.

"Ela é inteligente. Pressentiu o perigo antes, e agora

não quer mais saber dos pontos luminosos

- Ouvi o meu Dom. Wicca e' uma excelente mestra.

Era a primeira vez que ela puxava o assunto de magia aquela tarde.

- Esta Voz vai lhe ensinar os mistérios do mundo, os mistérios que estão presos no tempo, e que são levados de geração em geração ~~atraves da~~ feiticeiras.

pelos

Falou sem prestar atenção às suas próprias palavras. Estava tentando lembrar-se quando encontrou sua Outra Parte pela primeira vez. As pessoas solitárias perdem o sentido do tempo, as horas são longas e os dias intermináveis. Mesmo assim, sabia que ~~estiveram~~ juntos apenas duas vezes. Brida estava aprendendo tudo muito rapido.

→ tinham visto do

- Conheço os rituais, e irei iniciar-me nos Grandes Mistérios quando chegar o Equinócio.

Sua tensão estava voltando.

- Existe, entretanto, uma coisa que ainda não sei. A Força que todos conhecem, que reverenciam como mistério.

O Mago entendeu porque ela veio aquela tarde. Não foi apenas para passear entre as árvores e deixar duas trilhas de pés na neve - trilhas que se aproximavam a cada minuto.

Brida colocou a gola do casaco em torno do rosto. Não sabia se estava fazendo aquilo porque o frio era mais forte quando se para de caminhar, ou se estava querendo esconder seu nervosismo.

- Quero aprender a despertar a força do sexo. Os cinco sentidos - disse, finalmente. - Wicca não toca no assunto. Diz que, assim como eu descobri a Voz, descobrirei também isto.

Ficaram alguns minutos em silêncio. Ela pensava se devia estar tocando neste assunto justamente nas ruínas de uma igreja. Mas lembrou-se que existiam muitas maneiras de trabalhar a força. Os monges que viveram ali ~~e~~ trabalharam pela abstinência - e entenderiam o que ela estava tentando dizer.

/nc

- Tenho procurado de todas as maneiras. Pressinto que existe um truque, como aquele truque do telefone, que ela usou com o tarot. Algo que Wicca não quis me mostrar. Acho que ela aprendeu da maneira mais difícil, e quer que eu passe pelas mesmas dificuldades.

- Foi para isto que você me procurou? - interrompeu ele.

Brida olhou o fundo de seus olhos.

-Sim.

300 #

Sei

Esperou que a resposta o convencesse. Mas desde o momento em que o encontrara, já não tinha tanta certeza. O caminho pelo bosque nevado, a luz do sol refletida na neve, a conversa despreocupada sobre as coisas do mundo - tudo aquilo havia feito

com
que suas emoções galopassem ~~como~~ ^{como} cavalos selvagens. Precisava convencer-se de novo que estava ali apenas em busca de um objetivo, e que iria ~~conseguir~~ ^{conseguir} de qualquer maneira. Porque Deus ~~atingiu~~ ^{atingiu} a

O Mago levantou-se do monte de pedras em que estava sentado, e andou até a única parede que ainda permanecia inteira. No meio desta parede havia uma porta, e ele encostou-se no umbral. A luz da tarde ~~estava~~ ^{estava} nas suas costas, Bida não conseguia ver o seu rosto. ^{Havia}

- Existe uma coisa que Wicca não lhe ensinou - disse o Mago.
- Pode ter sido por esquecimento. Pode ter sido porque ela queria que descobrisse sozinha.

- Pois estou aqui. Descobrimo sozinha.

E perguntou a si mesma se, no fundo, não era exatamente este o plano de sua mestra: fazer com que ela encontrasse aquele homem.

- Vou lhe ensinar - disse ele, finalmente. - Venha comigo.

ABRIR PÁGINA

sept 20 de fev 19/12
mandava 19 x 37 cm 8 no



^{loie} Caminharam até um lugar onde as árvores eram mais altas e mais fortes. Bida reparou que em algumas delas ~~possuam~~ ^{havia} escadas rústicas presas aos troncos. No alto de cada escada havia uma espécie de cabana.

"Aqui devem viver os eremitas da Tradição do Sol", pensou.

O Mago ~~olhou~~ ^{olhou} cuidadosamente cada cabana, decidiu-se por uma ^{tradição} e pediu que Bida subisse junto com ele.

Ela começou a subir. No meio do caminho sentiu medo, pois uma queda poderia ser fatal. Mesmo assim, resolveu seguir em frente; estava num lugar sagrado, protegido pelos espíritos da floresta. O Mago não havia pedido licença, mas talvez na Tradição do Sol isto não fosse necessário.

Quando chegaram ao alto, ela ~~inspirou fundo~~ ^{fez um longo suspiro}; havia vencido mais um de seus medos.

- É um bom lugar para lhe ensinar o caminho - disse ele. - Um lugar de tocaia.

- Um lugar de tocaia?

- São cabanas de caçadores. Precisam ser altas para que os animais não sintam o cheiro do homem.

"Durante o ano inteiro eles deixam comida aqui. Acostumam a caça a vir sempre neste local até que, um belo dia, a matam."

Bida reparou que havia alguns cartuchos vazios no chão. Estava chocada.

00 53 77

- Olhe ^{para} para baixo - disse ele.

Não havia espaço suficiente para duas pessoas, ^e seu corpo quase tocava o dele. Levantou-se e olhou para baixo; a árvore devia ser a mais alta de todas, e ela podia ver as copas de outras árvores, o vale ~~na base da~~ as montanhas cobertas de neve no horizonte. Era um lugar lindo; ele não precisava ~~for-ditp~~ que era ^{H/ dizer} um lugar de tocaia.

O Mago removeu o teto de lona da cabana, e de repente o lugar foi inundado pelos raios de sol. Fazia frio, e pareceu a Brida que eles estavam num lugar mágico, no topo do mundo. Suas emoções queriam cavalgar de novo, mas ela precisava manter o controle total.

- Não ~~precisava~~ trazer você aqui para explicar o que quer ^{H/ era necessário} saber - disse o Mago. - Mas quis que você conhecesse um pouco mais desta floresta. No inverno, quando caça e caçador estão longe, costumam subir nestas árvores e contemplar ~~o mundo~~ ^{a Terra}.

Ele estava mesmo querendo dividir o seu mundo com ela. O sangue de Brida começou a correr mais rápido. Sentia-se em paz, entregue a um daqueles momentos da vida ~~onde~~ ^{H/ quando} a única alternativa possível é perder o controle.

Scie

- Toda a relação do homem com o mundo se faz através dos cinco sentidos. Mergulhar no mundo da magia é descobrir ^{portas} sentidos desconhecidos - e o sexo nos empurra para alguns ^{destas}.

Ele havia mudado subitamente de tom. Parecia um professor dando uma aula de biologia a um aluno. "Talvez seja melhor assim", pensou ela, sem estar muito convencida.

- Não importa se você está buscando a sabedoria ou o prazer na força do sexo; ele sempre será uma experiência total. Porque é a única atividade do homem que mexe - ou devia mexer - com os cinco sentidos ao mesmo tempo. Todos os canais com o próximo ficam ligados.

"No momento do orgasmo, ^{os} estes cinco sentidos somem, e você penetra no mundo da magia; não é mais capaz de ver, de escutar, de sentir o gosto, o tato, o cheiro. ^{H/ Durante aquele} Naqueles longos segundos tudo desaparece, e um êxtase ocupa o lugar. Um êxtase absolutamente igual ao que os místicos ^{atingem} ~~conseguem~~ ^{com} ~~após~~ ^{anos} de renúncia e disciplina. ~~H/ depois de~~

Brida teve vontade de perguntar porque os místicos não procuravam isto através do orgasmo. Mas lembrou-se dos descendentes dos anjos.

- O que empurra a pessoa para este êxtase são os cinco sentidos. Quanto mais eles forem estimulados, mais forte será o empurrão. E seu êxtase será mais profundo. Me entende?

Claro. Ela estava entendendo tudo, e fez que sim com a cabeça. Mas tal pergunta a deixou mais distante. Gostaria que ele estivesse ao seu lado, como quando caminharam pela floresta.

- E' só' isso - disse ele.

- Mas isto eu sei, e mesmo assim não consigo! - Brida não podia falar de Lorens. Pressentia que era perigoso. - Você me disse que existia um modo de se atingir isto!

Estava nervosa. As emoções começavam a cavalgar, e ela estava perdendo o controle.

O Mago olhou de novo a floresta lá embaixo. Brida perguntou a si mesma se também ele estava lutando contra as emoções. Mas não queria e não devia acreditar no que estava pensando.

Ela sabia o que era a Tradição do Sol. Ela sabia que seus Mestres ensinavam através do espaço, do momento. Pensou ^{isto} antes de vir. Imaginou que podiam estar juntos, como estavam agora - sem ninguém por perto. Assim eram os Mestres da Tradição do Sol - sempre ensinando através da ação, e nunca deixando que a teoria fosse mais importante. Havia pensado tudo isto antes de vir até a floresta. E viera ~~até ali~~, porque agora seu caminho era mais importante que qualquer coisa. Precisava continuar a tradição de suas muitas vidas.

Mas ele estava se comportando como Wicca, que apenas falava das coisas.

- Me ensine - ela disse mais uma vez.

#3ac

O Mago estava com os olhos fixos nas copas desfolhadas e cobertas de neve. Podia naquele momento esquecer que era um Mestre, e ser apenas um Mago, um homem como todos os outros homens. Sabia que a Outra Parte estava na sua frente. Podia falar da luz que estava vendo, ela ia acreditar, e o reencontro estava consumado. Mesmo que saísse chorando e revoltada, ~~ia terminar~~ voltando, porque ele estava dizendo a verdade - e assim como ele precisava dela, ela também precisava dele. Era esta a sabedoria das Outras Partes - uma nunca deixava de reconhecer a outra.

Mas ele era um Mestre. E um dia, numa aldeia da Espanha, fizera um juramento sagrado. Entre outras coisas, este juramento dizia que nenhum Mestre podia induzir alguém a fazer uma escolha. Cometeu este erro uma vez, e por causa disto ficara tantos anos exilado do mundo. Agora era diferente, mas ^{mesmo assim} não queria arriscar. "Posso renunciar a Magia por ela", pensou por alguns instantes, ~~mas~~ logo deu-se conta da tolice de seu pensamento. Não era este tipo de renúncia que o Amor precisava. O verdadeiro Amor permitia que cada um seguisse seu

acorda-lo

196

→ mesmo assim

→ acabaria

H e

próprio caminho - sabendo que isto jamais afastava as Partes.
Precisava ter paciência. Precisava continuar olhando os pastores, e sabendo que, mais cedo ou mais tarde, os dois estariam juntos. Esta era a Lei. Acreditara nisto toda a sua vida.

- O que você está pedindo é simples - disse ele finalmente. Continuava senhor de si mesmo; a disciplina havia vencido.

"Faça ^{com} que, quando você tocar o outro, estes cinco sentidos já estejam funcionando. Porque o sexo tem vida própria. A partir do momento que começa, você não controla mais - e ele que passa a controlar você. E o que você carregou para ele - seus medos, seus desejos, sua sensibilidade, - irá permanecer o tempo todo. ~~Porque~~ as pessoas se tornam impotentes. No sexo, carregue para a cama apenas o amor e os cinco sentidos já funcionando. Se assim você experimenta a comunhão com Deus".

carregar para a cama

10

ava

Brida contemplou os cartuchos espalhados no chão. Não demonstrou nada do que estava sentindo. Afinal, já sabia o truque. E - disse para si mesma - era a única coisa que lhe interessava.

- Isto é tudo que posso lhe ensinar.

Ela continuava quieta. Os cavalos selvagens estavam sendo domados pelo silêncio.

- Respire sete vezes tranquilamente, faça com que seus cinco sentidos estejam funcionando antes do contato físico. De tempo ao tempo.

Era um Mestre da Tradição do Sol. ^{Havia} ultrapassado mais uma prova. Sua Outra Parte estava também fazendo com que ele aprendesse muitas coisas.

"Já lhe mostrei a vista daqui de cima. Podemos descer."

Scie



Iaic | Ficou olhando discrição as crianças que brincavam na praça. Alguém lhe dissera certa vez que toda cidade tem sempre um "lugar mágico", um lugar onde costumamos ir quando precisamos pensar sério a respeito da vida. Aquela praça era o seu "lugar mágico" em Dublin. Tinha alugado ali perto o seu primeiro apartamento, quando chegou na cidade grande cheia de sonhos e de expectativas. Naquela época, seu projeto de vida era matricular-se no Trinity College e tornar-se catedrática de Literatura. Ficava muito tempo sentada naquele banco onde estava agora, escrevendo poesias e tentando comportar-se como os seus ídolos literários se comportavam.

H em

Mas o dinheiro que seu pai remetia era pouco, e precisou arranjar o emprego na firma de exportações. Não lamentava isto; estava contente com o que fazia, e, neste momento, o emprego era uma das coisas mais importantes de sua vida - porque era ele que dava o sentido de realidade a tudo, e fazia com que ela não enlouquecesse. Ele permitia o equilíbrio precário entre o mundo visível e o invisível.

da / n

As crianças brincavam. Todas aquelas crianças - como também ela, um dia, escutava histórias de fadas e bruxas, onde as feiticeiras se vestiam de negro e passavam maçãs envenenadas a pobres meninas perdidas na floresta. Nenhuma daquelas crianças podia imaginar que ali, olhando suas brincadeiras, estava uma feiticeira de verdade.

H nam
H ofuscum

observando

Naquela tarde, Wicca pediu que fizesse um exercício que nada tinha a ver com a Tradição da Lua; qualquer pessoa podia conseguir seus resultados. Entretanto, ela precisava executá-lo para manter sempre funcionando a ponte entre o visível e o invisível.

H pedira
H obter

A prática era simples: devia deitar-se, relaxar, e imaginar uma rua comercial da cidade. Então, concentrada, olhava para uma vitrine da rua que estava imaginando, guarda todos os detalhes - mercadorias, preços, arrumação. Depois que o exercício terminasse, precisava ir até a rua e conferir tudo.

ndo /

#Iaic

Agora estava ali olhando as crianças. Acabava de voltar da loja, e as mercadorias que imaginou em sua concentração eram exatamente as mesmas. Perguntou se aquilo era realmente um exercício para pessoas comuns, ou se os seus meses de treinamento como feiticeira ajudaram no resultado. Jamais saberia

a resposta.

Mas a rua do exercício ficava perto do seu "lugar mágico". "Nada é por acaso", pensou. Seu coração andava aflito, por causa de algo que não conseguia resolver direito: o Amor. Amava Lorens, tinha certeza disto. Sabia que quando manejasse bem a Tradição da Lua, veria o ponto luminoso em cima do ombro esquerdo dele. Numa das tardes que saíram juntos para tomar um chocolate quente perto da torre que serviu de inspiração a James Joyce em "Ulisses", ela pôde reparar o brilho nos olhos dele.

O Mago tinha razão. A Tradição do Sol era o caminho de todos os homens, e estava ali para ser decifrada por qualquer pessoa que soubesse rezar, ter paciência, e desejar seus ensinamentos. Quanto mais ela mergulhava na Tradição da Lua, mais entendia e admirava a Tradição do Sol.

"O Mago." Estava de novo pensando nele. Era este o problema que a conduziu até seu "lugar mágico". Desde aquele encontro na cabana dos caçadores, pensava nele com frequência. Agora mesmo estava querendo ir até lá, falar do exercício que acabara de fazer; mas sabia que isto era apenas um pretexto, uma esperança que ele a convidasse de novo para passear na floresta. Tinha a certeza de que seria bem recebida, e começava a acreditar que ele, por alguma misteriosa razão - que ela nem ousava pensar qual era - também gostava da companhia dela.

"Sempre tive esta tendência ao delírio total", disse, procurando tirar o Mago da cabeça. Mas sabia que, daqui a pouco, ele voltaria de novo.

Não queria continuar. Era uma mulher, e conhecia bem os sintomas de uma nova paixão; precisava evitar isto a qualquer custo. Amava Lorens, sabia que as coisas continuassem assim. Seu mundo já havia mudado o suficiente. *desajava*

T
11cm

11cm | Sábado de manhã

Na manhã de sábado Lorens telefonou.
- Vamos dar um passeio - disse. - Vamos aos rochedos.
Brida preparou alguma coisa para comerem, e enfrentaram juntos quase uma hora num ônibus com a calefação defeituosa. Por volta de meio-dia chegaram ao povoado.

1 aos

Brida estava emocionada. Em seu primeiro ano de Literatura na Faculdade, leu muito sobre o poeta que viveu ali no século passado. Era um homem misterioso, ~~que conhecia bem~~ Tradição da Lua, que participou de sociedades secretas e havia deixado nos seus livros a mensagem oculta daqueles que buscam o caminho espiritual. Chamava-se W.B. Yeats. Ela lembrou de alguns versos, versos que pareciam feitos para aquela manhã fria, com as gaióvatas passeando sobre os barcos ancorados no pequeno porto:

grande contadores

alguns de

1-1000

"eu semeiei meus sonhos onde você está pisando agora;
pise suavemente, porque você está pisando nos meus sonhos".

Entraram no único bar do lugarejo, tomaram um uísque para agüentar melhor o frio, e saíram em direção aos rochedos. A pequena rua asfaltada logo deu lugar a uma subida e, meia hora depois, eles chegaram ao que os habitantes locais chamavam de "falésias". Era um promontório composto de formações rochosas, que acabavam num abismo em frente ao mar. Um caminho circundava rochedos; andando sem pressa, dariam a volta inteira nas falésias em menos de quatro horas; depois era só pegar um ônibus e voltar para Dublin.

N

es

Brida estava encantada com o programa; por mais emoções que a vida estivesse lhe reservando aquele ano, era sempre difícil agüentar o inverno. Tudo que fazia era ir ao trabalho de dia, à Faculdade de noite, e ao cinema nos finais de semana. Executava os rituais sempre nas horas marcadas, e dançava conforme Wicca lhe havia ensinado. Mas tinha vontade de estar no mundo, sair de casa e ver um pouco de natureza.

O tempo estava nublado, as nuvens baixas, mas o exercício físico e a dose de uísque conseguiam disfarçar o frio. A trilha era estreita demais para que os dois andassem lado a lado; Lorens ia na frente, e Brida seguia alguns metros atrás. Era difícil conversar nestas circunstâncias. Mesmo assim, de vez em quando, conseguiam trocar algumas palavras, apenas para que um sentisse que o outro estava perto, compartilhando da natureza que os cercava.

Ho subiram

1 infantil,

Ela olhava, com fascínio, a paisagem à sua volta. Aquele cenário devia ser o mesmo há milhares de anos atrás, numa época em que não existiam cidades, nem portos, nem poetas, nem garotas

que buscavam a Tradição da Lua; naquele tempo existiam apenas as rochas, o mar estourando lá embaixo, e as gaivotas passeando pelas nuvens baixas. De vez em quando Brida olhava o precipício, e sentia uma leve vertigem de altura. O mar dizia coisas que não compreendia, as gaivotas faziam desenhos que não conseguia acompanhar. Ainda assim, olhava para aquele mundo primitivo e sua volta, como se ali estivesse guardado, mais que em todos os livros que lia, em todos os rituais que praticava, a verdadeira sabedoria do Universo. À medida que se afastavam do porto, todo o resto ia perdendo importância - seus sonhos, seu cotidiano, sua busca. Ficava apenas aquilo que Wicca chamava de "assinatura de Deus".

ou /

H chamou

Sobrava apenas aquele momento primitivo, junto das forças puras da natureza - a sensação de estar viva ao lado de alguém que amava.

Depois de quase duas horas, ^{de caminho, a milha m} ~~o caminho~~ ficou um pouco mais largo, e eles resolveram sentar juntos para descansar. Não podiam demorar muito; o frio em breve ia se tornar insuportável, e eles teriam que movimentar-se de novo. Mas ela estava com vontade de ficar pelo menos alguns instantes ao lado dele, olhando as nuvens e escutando o barulho do mar lá embaixo.

além

Brida sentiu o cheiro da maresia no ar, e o gosto do sal na boca. Seu rosto, colado no casaco de Lorens, estava aquecido. Era um momento intenso, de existência plena. Seus cinco sentidos estavam funcionando.

Seus cinco sentidos estavam funcionando. Numa fração de segundo, ela pensou no Mago e ~~esqueceu~~ ^{esqueceu} tudo que ~~queria saber~~ agora eram os cinco sentidos. Precisavam continuar funcionando. Ali estava o momento.

é interessante

- Quero falar com você, Lorens.

Lorens murmurou qualquer coisa, mas seu coração teve medo. Enquanto olhava as nuvens e o precipício, ~~avia entendido~~ ^{entendia} que aquela mulher era a coisa mais importante de sua vida. Que ela era uma explicação, ~~única justificativa~~ ^{única justificativa} daquelas rochas, daquele céu, daquele inverno. Se ela não estivesse ali com ele, não importava que todos os anjos do céu descessem em revoada para confortá-lo. O Paraíso não fazia qualquer sentido.

entendia

o único motivo

- Quero dizer que te amo - Brida falou com suavidade. - Porque você me mostrou a alegria do amor.

Sentia-se plena, total, com toda aquela paisagem ~~entrando~~ ^{entrando} em sua alma. Ele começou a acariciar seus cabelos. E ela teve certeza de que, se corresse riscos, poderia experimentar um amor que jamais havia experimentado.

penetrando / dele

Brida beijou-o. Sentiu o gosto de sua boca, o toque de

sua língua. Era capaz de perceber cada movimento, e pressentia que o mesmo se passava com ele - porque a Tradição do Sol se revelava sempre a todos que olhassem o mundo como se o estivesse vendo pela primeira vez.

- Quero te amar aqui, Lorens.

Ele, numa fração de segundo, pensou que estavam num caminho público, que alguém podia passar, alguém louco o suficiente para fazer andar por ali em pleno inverno. Mas quem fosse capaz disto, seria capaz também de entender que certas forças, quando colocadas em marcha, não podem mais ser interrompidas.

Colocou as mãos sob o sueter dela, e sentiu seus seios. Brida estava completamente entregue - todas as forças do mundo penetravam por seus cinco sentidos, e se transformavam na energia que tomava conta dela. Os dois deitaram-se no chão, entre a rocha, o precipício, o mar, entre a vida das gaivotas lá em cima e a morte nas pedras lá embaixo. Começaram a se amar sem medo, porque Deus protegia os inocentes.

Não sentiam mais frio. O sangue corria com tal velocidade que ela arrancou parte de suas roupas, e ele fez o mesmo. Não havia mais dor; joelhos e costas se arranhavam no chão pedregoso, mas aquilo fazia parte e completava o prazer. Brida soube que o orgasmo se aproximava, mas foi um sentimento muito distante, porque ela estava completamente ligada ao mundo, seu corpo e o corpo de Lorens se misturavam com o mar, as pedras, a vida e a morte. Ficou neste estado o tempo que foi possível, enquanto uma outra parte sua percebia, ainda que de forma muito vaga, que ela estava fazendo coisas que jamais fizera antes. Mas era o reencontro de si mesma com o sentido da vida, era a volta aos jardins do Eden, era o momento em que Eva tornava a entrar em Adão e as duas Partes se transformavam na

Criação.

De repente, já não podia mais controlar o mundo à sua volta, seus cinco sentidos pareciam querer se soltar-se, e não lhe sobravam forças para segurá-los. Como se um raio sagrado a atingisse, ela soltou-os, e o mundo, as gaivotas, o gosto de sal, a terra áspera, o cheiro do mar, a visão das nuvens, tudo desapareceu por completo - em seu lugar apareceu uma imensa luz dourada, que crescia, crescia, até conseguir tocar a mais distante estrela da galáxia.

91

Foi descendo lentamente daquele estado, e o mar e as nuvens tornaram a aparecer. Mas tudo estava imerso numa vibração de profunda paz, a paz de um universo que, nem que seja por alguns instantes, passa a ter uma explicação, porque ela estava comungando com o mundo. Havia descoberto mais uma ponte que ligava o visível ao invisível, e nunca mais ia esquecer o caminho.

|
Wicca
|

Wicca | No dia seguinte telefonou para Wicca. Contou o que havia acontecido, e a outra ficou algum tempo em silêncio.

- Parabéns - disse, finalmente. - Você conseguiu.

Explicou que a força do sexo, a partir daquele instante, ~~iria~~ causar profundas transformações na sua maneira de ver e sentir o mundo.

- Você está preparada para a festa do Equinócio. Só precisa de mais uma coisa.

- Mais uma coisa? Mas você disse que era só isto!

- Uma coisa fácil. Você tem que sonhar com um vestido. O vestido que vai usar no dia.

- E se eu não conseguir, ~~sonhar com um vestido?~~

- Vai sonhar. O mais difícil você já conseguiu.

E mudou de assunto de repente, como costumava fazer com frequência. Disse que havia comprado um carro novo, que gostaria de fazer algumas compras. Queria saber se Brida podia acompanhá-la.

Brida ficou orgulhosa com o convite, e pediu permissão ao chefe para sair mais cedo do trabalho. Era a primeira vez que Wicca demonstrava algum tipo de afeto por ela - mesmo que fosse apenas sair para fazer compras. Tinha consciência de que muitos outros discípulos adorariam, naquele momento, estar em seu lugar.

Quem sabe, durante aquela tarde, poderia demonstrar o quanto Wicca era importante para ela, e como gostaria que fosse sua amiga. Era difícil para Brida separar a amizade da busca espiritual, e se ressentia porque até então a Mestra não havia demonstrado qualquer tipo de interesse por sua vida. Suas conversas nunca iam além do estritamente necessário para que ela pudesse realizar um bom trabalho na Tradição da Lua.

#Brida

Na hora marcada, Wicca estava esperando dentro de um carro MG conversível, vermelho, com a capota arriada. O carro, um modelo clássico da indústria automobilística britânica, estava excepcionalmente bem conservado, a lataria brilhante e o painel de madeira encerado. Brida não ousou calcular o seu preço. A ideia de que uma feiticeira pudesse ter um automóvel tão caro como aquele a assustava um pouco. Antes de conhecer a Tradição da Lua, havia escutado por toda a sua infância que as bruxas faziam terríveis pactos com o demônio, em troca de dinheiro e poder.

- Não acha que está um pouco frio para andarmos sem capota?
- perguntou enquanto entrava.

- Não posso esperar até o verão - respondeu Wicca.-
Simplesmente não posso. Estou morrendo de vontade de andar assim.

Que bom. Pelo menos nisto, era uma pessoa normal.

Sairam pelas ruas, recebendo olhares admirados das
pessoas mais velhas, e alguns assovios e galanteios dos homens.

- Fico contente que esteja preocupada em não sonhar com o
vestido - disse Wicca. Brida já se esquecia da
conversa pelo telefone.

se esquecera

"Nunca deixe de ter dúvidas. Quando as dúvidas param de
existir, é porque você parou em sua caminhada. Então vem Deus e
desmonta tudo, porque é assim que Ele controla os seus eleitos;
fazendo com que percorram sempre, por inteiro, o caminho que
precisam percorrer. Ele nos obriga a andar quando paramos por
qualquer razão- comodismo, preguiça, ou a falsa sensação de que
já sabemos o necessário.

Has

"Apenas tome cuidado com uma coisa: jamais deixe que
as dúvidas paralise suas ações. Tome sempre todas as
decisões que precisar tomar, mesmo sem ter segurança ou certeza de
que está decidindo corretamente. Ninguém erra quando está agindo,
se, ao tomar suas decisões, mantiver sempre em mente um velho
provérbio alemão, que a Tradição da Lua trouxe até os dias de
hoje. Se você não esquecer este provérbio, sempre pode
transformar uma decisão errada numa decisão certa.

"E o provérbio é este: o diabo mora nos detalhes."

gufo

#3cu

Wicca parou de repente numa oficina mecânica.

- Existe uma superstição a respeito deste provérbio -
disse. - Ele só chega até nós quando precisamos dele. Acabei de
comprar o carro, e o diabo mora nos detalhes.

Saltou do automóvel assim que o mecânico se aproximou.

- Está com a capota quebrada, senhora?

Wicca não se deu ao trabalho de responder. Pediu que ele
fizesse uma revisão completa de tudo. Havia uma loja de doces do
outro lado da rua; enquanto o mecânico olhava o MG, foram até
lá tomar um chocolate quente.

#3aic

- Repara no mecânico -disse Wicca, enquanto as duas olhavam
através da vitrine da loja a oficina. Ele estava
parado diante do motor aberto do carro, sem fazer qualquer

movimento.

"Não está tocando em nada. Apenas contempla. Tem anos nesta profissão, e sabe que o carro fala com ele uma linguagem especial. Não é seu raciocínio que está atuando agora - é a sua sensibilidade."

De repente, o mecânico foi direto em algum lugar do motor, e começou a mexer.

- Acertou o defeito - continuou Wicca. Não perdeu tempo nenhum, porque a comunicação entre ele e a máquina é perfeita. São assim todos (bons) os mecânicos que eu conheço.

"E / que eu conheço também", pensou Brida. Mas ela sempre achava que agiam assim porque não sabiam onde começar. Nunca *deste maneira* pelo lugar certo.

- Por que estas pessoas, que tem a sabedoria do Sol em suas vidas, jamais tentam compreender as perguntas fundamentais do Universo? Por que preferem ficar consertando motores, ou servindo café nos bares?

- E o que faz você pensar que nós, com todo o nosso caminho e nossa dedicação, compreendemos o universo melhor que os outros?

"Tenho muitos discípulos. São pessoas absolutamente iguais a todas as outras, que choram no cinema e se desesperam com o atraso dos filhos, mesmo sabendo que a morte não existe. A bruxaria é apenas uma das formas de estar perto da Sabedoria Suprema - mas qualquer coisa que o homem faça pode levá-lo até lá; desde que trabalhe com amor no coração. As feiticeiras podem conversar com a Alma do Mundo, enxergar a luz no ombro esquerdo de nossa Outra Parte, e contemplar o infinito através do brilho e do silêncio de uma vela. Mas não entendemos de motores de automóveis. Assim como os mecânicos precisam de nós, ~~ela~~ também precisamos dos mecânicos. Eles têm a sua ponte para o invisível num motor de carro; a nossa é na Tradição da Lua. Mas o invisível é o mesmo."

"Faça a sua parte e não se preocupe com os outros. Acredite que Deus também fala com eles, e que eles estão tão empenhados *quanto* você em descobrir o sentido desta vida."

Dic
- O carro está direito - disse o mecânico, assim que as duas voltaram da loja de doces. - Mas a senhora evitou um grande problema; uma mangueira estava prestes a estourar.

Wicca reclamou um pouco do preço, mas agradeceu por haver se lembrado do provérbio.

Wicca

Wicca

Foram fazer compras numa das principais ruas de comércio em Dublin - exatamente aquela que Brida havia mentalizado no exercício da vitrine. Sempre que a conversa girava para assuntos particulares, Wicca saía-se com respostas vagas ou evasivas. Mas falava com grande entusiasmo sobre os assuntos triviais - os preços, as roupas, o mau humor das vendedoras. Gastou algum dinheiro aquela tarde, geralmente em coisas que revelavam um profundo bom gosto. [Brida sabia que ninguém pergunta a outra pessoa de onde vem o dinheiro que está gastando. Sua curiosidade era tanta, porém, que quase violou as mais elementares normas da educação.]

sofisticado

Terminaram a tarde no restaurante japonês mais tradicional da cidade, em frente a uma travessa de sashimi.

- Que Deus abençoe nossa comida - disse Wicca.
- Somos navegantes num mar que não conhecemos; e que ele conserve sempre nossa coragem em aceitar este mistério.
- Mas você é uma Mestra da Tradição da Lua - comentou Brida. - Você conhece as respostas.

dian te de

3ae

Wicca ficou um momento contemplando a comida, com um olhar distante.

- Sei viajar entre o presente e o passado - disse depois de algum tempo. - Conheço o mundo dos espíritos, e já entrei em comunhão total com forças tão deslumbrantes que as palavras de todas as línguas são insuficientes para descrever. Talvez possa dizer que possuo o conhecimento silencioso da caminhada que trouxe a raça humana até este momento.

"É porque sei tudo isto, e sou uma Mestra, sei também que nunca, mas nunca mesmo, sabermos a razão final de nossa existência. Poderemos saber como, onde, quando, e de que maneira estamos aqui. Mas a pergunta para que? é, e será sempre, uma pergunta sem resposta. O objetivo central do grande Arquiteto do Universo é apenas Dele, e de ninguém mais."

conheço

gufo

Um silêncio parecia haver tomado conta do ambiente.

- Agora, enquanto estamos aqui comendo, noventa e nove por cento das pessoas deste planeta lidam, à sua maneira, com esta pergunta. Para que estamos aqui? Muitas pensam que descobriram a resposta ~~nas~~ suas religiões, no seu materialismo.

em

gufo

ou

Outras se desesperam, e gastam sua vida e sua fortuna tentando entender este significado. Algumas poucas deixaram que esta pergunta passasse em branco, e vivem apenas o momento, sem se preocupar com os resultados e as consequências.

"São os corajosos, e os que conhecem a Tradição do Sol e a Tradição da Lua, conhecem a única resposta possível a esta

pergunta: NAO SEI. Isto, no primeiro momento, pode parecer assustador, e nos deixar desamparados diante do mundo, das coisas do mundo, e do próprio sentido de nossa existência. Entretanto, depois de passado o primeiro susto, vamos gradualmente nos acostumando a única solução possível; seguir nossos sonhos. Ter coragem de dar os passos que sempre desejamos e a única maneira de mostrar que confiamos em Deus.

"No instante em que aceitamos isto, a vida passa a ter para nós um sentido sagrado, e experimentamos a mesma emoção que a Virgem experimentou quando, numa tarde qualquer de sua existência comum, apareceu um estranho e lhe fez uma oferta. Seja feita a vossa vontade, disse a Virgem. Porque ela havia compreendido que a maior grandeza que um ser humano pode experimentar é a aceitação do Mistério."

□
1ac

Beic

Depois de um longo instante de silêncio, Wicca pegou de novo os talheres e voltou a comer. Brida olhava para ela, orgulhosa de estar ao seu lado. Já não pensava mais nas perguntas que ~~faria~~ ~~como~~ ganhava dinheiro, ou se era apaixonada por alguém, ou se sentia ciúmes de um homem. Pensava na grandeza de alma dos verdadeiros sábios. Sábios que passaram a vida inteira procurando uma resposta que não existia e, ao perceberem isto, não falsificaram explicações. Passaram a viver, com humildade, num Universo que nunca poderiam entender. Mas podiam participar, e a única maneira possível era seguindo os próprios desejos, os próprios sonhos - porque era através disto que o homem se transformava num instrumento de Deus.

transis-

- Então, de que vale procurar? - perguntou ela.

- Não procuramos. Aceitamos isto, e então a vida passa a ser muito mais intensa e mais brihante, porque entendemos que cada passo nosso, em todos os minutos da vida, tem um significado maior ^{de} que nós mesmos. Entendemos que, em algum lugar do tempo e do espaço, esta pergunta está respondida. Entendemos que existe um motivo para estarmos aqui, e isto basta.

"Mergulhamos na Noite Escura com fé, cumprimos o que os antigos alquimistas chamavam de Lenda Pessoal, e nos entregamos por inteiro a cada instante, sabendo que sempre existe uma mão que nos guia: cabe a nós aceitá-la ou não."

1 cic Naquela noite, Bida ^{passou} ~~trava~~ horas escutando música entregue por completo ao milagre de estar viva. Lembrou-se dos seus autores favoritos. Um deles, com uma simples frase, lhe forneceu toda a fe' necessária para que saísse em busca da sabedoria. Era um poeta inglês, de muitos séculos atrás, que se chamava William Blake. Ele ~~havia escrito~~ escreveu:

1 cic " Toda pergunta que pode ser concebida tem uma resposta. " quilo

Era hora de fazer um ritual. Devia ficar os próximos minutos contemplando a chama da vela, e sentou-se diante do pequeno altar em sua casa. A vela transportou-a para a tarde em que ela e Lorens ~~fizeram~~ amaram nos rochedos. Havia gaivotas voando tinham feito tão alto como as nuvens, e tão baixo como as ondas.

Os peixes deviam perguntar a si mesmos como era possível voar, porque de vez em quando algumas criaturas misteriosas mergulhavam no seu mundo e desapareciam da mesma maneira que haviam entrado.

Os passaros deviam perguntar como era possível respirar dentro da água, porque se alimentavam de animais que viviam debaixo das ondas.

Existiam passaros e existiam peixes. Eram universos que de vez em quando se comunicavam, ~~mas que um não podia responder a~~ com que um pudesse pergunta do outro. Entretanto, ambos tinham perguntas. E as duas perguntas tinham respostas.

Bida olhou a vela à sua frente, e uma atmosfera mágica começou a criar-se ao seu redor. Isto normalmente acontecia, mas naquela noite havia uma intensidade diferente.

Se ela era capaz de fazer uma pergunta, e' porque, em outro Universo, havia uma resposta. Alguém sabia, mesmo que ela jamais soubesse. Não precisava mais entender o significado da vida; bastava encontrar-se com o Alguém que sabia. E, então, dormir nos seus braços, o mesmo sono que uma criança dorme, porque sabe que alguém mais forte que ela a esta protegendo de todo o mal e de todo o perigo.

#3 cic

1 cic Quando acabou o ritual, fez uma pequena prece agradecendo os passos que dera até então. Agradeceu porque a primeira pessoa a quem perguntara sobre magia, não havia tentado lhe explicar ^o Universo - ~~fez, isto sim~~ que passasse a noite com no mais disto, foz como inteira na escuridão da floresta.

Precisava ir lá, agradecer a ele tudo que lhe havia ensinado.

□
Lore

□ Sempre que procurava este homem, estava em busca de alguma coisa; ~~sempre que ficava satisfeito~~, tudo que fazia era ir ~~quando conseguia~~, embora, muitas vezes sem se despedir. Mas foi aquele homem quem a colocou ~~na~~ frente ~~da~~ porta que pretendia cruzar no próximo ~~à~~ Equinócio. Precisava ~~feitar-la para~~ dizer "obrigada". ~~—~~ pelo menos

□ Não, não tinha medo de se apaixonar por ele.
Lore □ Já ~~havia~~ ~~tido~~ nos olhos de Lorens coisas sobre o lado oculto de sua própria alma.

□ Podia ter dúvidas sobre o sonho do vestido, mas, quanto ao seu amor, isto ~~estava~~ estava claro para ela.

← Heic →

↑
Heic
↓

Obrigado por aceitar meu convite - disse ela para o Mago assim que ~~ele sentou-se~~ a mesa. Estavam no único bar da aldeia, no mesmo local onde ela viu aquele estranho brilho nos seus olhos, ~~ele~~.

↑ sentaram
↑ percebeu o

O Mago não disse nada. Reparou que a energia dela estava completamente mudada; havia conseguido despertar a Força.

- No dia em que fiquei sozinha na floresta, prometi que voltaria para agradecer ou amaldiçoar você. Prometi que voltaria quando soubesse o meu caminho. Entretanto, não cumri nenhuma das promessas que fiz; vim sempre em busca de ajuda, e você jamais me deixou sozinha quando precisei.

"Talvez seja pretensão minha, mas quero que saiba que você foi um instrumento da mão de Deus. E gostaria de convidá-la esta noite."

↑ que fosse me convidado

Ela ia pedir os dois uísques de sempre, mas ele levantou-se, foi até o bar, e voltou trazendo uma garrafa de vinho, uma de água mineral, e dois copos.

- Na Antiga Pérsia - falou - quando duas pessoas se encontravam para beber juntas, uma das duas era eleita o Rei da Noite. Geralmente era a pessoa que convidava.

Não sabia se sua voz estava soando firme. Era um homem apaixonado, e a energia de Brida havia mudado.

Empurrou para a frente dela o vinho e a água mineral.

[- Cabia ao Rei da Noite decidir o tom da conversa. Se ele colocasse, no primeiro copo a ser bebido, mais água que vinho, e porque iam falar de coisas sérias. Se colocasse em quantidades iguais, iriam falar de coisas sérias e de coisas agradáveis. Finalmente, se ele enchesse o copo de vinho e deixasse cair apenas algumas gotas, a noite deveria ser relaxante, agradável.

Brida encheu as taças até a borda e pingou apenas uma gota de água em cada uma.

- Vim ~~para~~ para agradecer - repetiu. - Por me ensinar que a vida é um ato de fé. E que eu sou digna desta busca. Isto tem me ajudado muito no caminho que escolhi.

↑ so

Beberam juntos, de um só gole, a primeira taça. Ele, porque estava tenso. Ela, porque estava relaxada.

- Assuntos leves não é? - repetiu Brida.

O Mago disse que ela era o Rei da Noite, e decidiria o que conversar.

- Quero saber um pouco da sua vida pessoal. Quero saber se você, algum dia, teve qualquer caso de amor com Wicca.

Ele fez que sim com a cabeça. Brida sentiu um inexplicável ciúme - mas não sabia se era ciúmes dele, ou ciúmes dela.

- Entretanto, nunca pensamos em ficar juntos. Os dois *- continuou ele.* conheciam as Tradições. Ambos sabiam que não estavam lidando com a sua Outra Parte.

"Não queria (aprender nunca) a visã^o do ponto luminoso", pensou Brida, *mesmo* sabia que isto era inevitável. *Hendo* O amor entre os bruxos tinha destas coisas.

Bebeu mais um pouco. Estava chegando perto do seu objetivo, faltava pouco para o Equinócio da Primavera, e podia relaxar. Há muito tempo não dava a si mesma permissão para beber além da conta. Mas agora, tudo que faltava era sonhar com um vestido.

#3ae

de vontade

Continuaram conversando e bebendo. *Ela* queria voltar de novo ao assunto, mas precisava que também ele estivesse mais relaxado. Mantinha sempre os dois copos cheios, e a primeira garrafa terminou no meio de uma conversa sobre as dificuldades ~~dele~~ com os habitantes ~~de~~ uma aldeia pequena como aquela. Para as pessoas dali, ~~tudo aquilo~~ estava ligado ao demônio.

H Brida

Brida ficou contente de estar sendo importante: Talvez ninguém naquela cidade lhe dirigisse mais do que palavras de cortesia. Abriram uma outra garrafa, e ela ficou surpresa ao ver que também um Mago, um homem que passava o dia inteiro nas florestas em busca de sua comunhão com Deus, era capaz de beber e se embriagar.

*H viver
H o Mago
Ele devia ser me
to solitário*

Quando acabou a segunda garrafa, já havia esquecido ^{de} que estava ali apenas para agradecer ao homem à sua frente. A sua relação com ele - ela percebia agora - era sempre ~~de~~ um desafio velado. Não queria vê-lo como uma pessoa comum, e estava caminhando perigosamente para isto. *Precisava lembrar-se sempre* do sábio que a conduziu até/cabana: no alto das árvores, e que ficava horas contemplando o pôr-do-sol.

*H gostaria de
H Prefere a imagem*

uma/

Começou a falar de Wicca, para ver se ele reagia de alguma maneira. Contou que ela era uma excelente mestra, que lhe ensinou tudo que precisava saber até aquele momento - mas de uma maneira tão sutil que, ela sentia que sempre soube tudo o que estava aprendendo.

- Mas você sempre soube - disse o Mago. - Isto é a Tradição do Sol.

"Sei que ele não admite que Wicca seja uma boa mestra", pensou Brida. Bebeu mais uma taça de vinho e continuou a falar

de sua mestra. O Mago, entretanto, não respondeu mais. *+ + reação*

provocá-la.

- Me fale do amor entre vocês - disse ela, para ver se conseguia ~~qualquer coisa~~. Não queria saber ~~de~~ - alias, não gostaria de saber isto. Mas era a maneira mais adequada de *conseguir qualquer reação.*

- Amor de jovens. Fazíamos parte de uma geração que não conhecia limites, que amava os Beatles e os Rolling Stones.

Ela ficou surpresa ao ouvir aquilo. A bebida, ao invés de relaxá-la, estava fazendo com que ficasse tensa. Sempre quis fazer estas perguntas, e agora estava se dando conta de que não ~~gostaria de ouvir as respostas.~~ *+ + não estava feliz com*

- Foi nesta época que nos encontramos - ~~ele~~ *ele* continuou a falar, sem perceber nada. "Ambos estavam buscando os seus caminhos, e eles se cruzaram, quando ~~os dois~~ *os dois* foram aprender com o mesmo Mestre. Juntos tomamos conhecimento da Tradição do Sol, da Tradição da Lua, e cada um se tornou um Mestre à sua maneira".

Brida ~~queria~~ *queria* continuar o assunto. Duas garrafas de vinho *+ + decidiu* conseguem transformar estranhos em amigos de infância. E deixa as pessoas corajosas.

- Por que se afastaram?

Foi a vez do Mago pedir mais uma garrafa. Ela notou isto e ficou mais tensa. ~~Não gostaria~~ *Não gostaria* que ele ainda estivesse apaixonado *+ + odiava saber* por Wicca.

- Nos afastamos porque aprendemos sobre a Outra Parte.

- Se vocês não soubessem dos pontos luminosos, nem do brilho nos olhos, ~~de~~ *de* que estariam juntos até hoje?

- Não sei. Sei apenas que, se estivéssemos, não seria nada bom para nenhum dos dois. Só entendemos a vida e o Universo quando encontramos nossa Outra Parte.

Brida ficou algum tempo sem ter o que dizer. Foi o Mago quem retomou a conversa.

- Vamos sair - disse ele, depois de apenas provar o conteúdo da terceira garrafa. - Preciso de vento e de ar frio no rosto.

"Ele está ficando embriagado", pensou ela. "E está com medo". Sentiu orgulho de si mesma - podia resistir mais que ele à bebida, e não tinha o menor receio de ~~embriagar-se~~. Tinha saído *+ + perder o controle.* naquela noite para divertir-se.

- Um pouco mais. Eu sou o Rei da Noite.

O Mago bebeu mais uma taça. Mas sabia que tinha chegado ao seu limite.

- Você não pergunta nada sobre mim - disse ela, desafiadora.

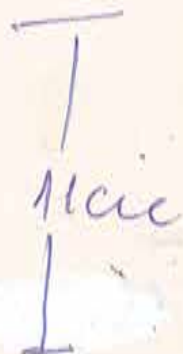
- Não tem nenhuma curiosidade? Ou ~~quer~~ *quer* que me "ve" através dos *+ + pode ver* seus poderes?

Por uma fração de segundo, sentiu que estava indo longe demais, mas não deu importância. Apenas reparou que os olhos do Mago haviam mudado, estavam com um brilho completamente diferente. Alguma coisa em Brida pareceu se abrir - ou melhor, teve a sensação de que havia uma muralha caindo, que dali em diante tudo seria permitido. Lembrou-se da vez mais recente em que estiveram juntos, da vontade de ficar perto dele, e da frieza com que ele a havia tratado. Agora percebia que não tinha ido ali, aquela noite, para agradecer nada. Estava ali para se vingar. Para dizer a ele que havia descoberto a Força ~~e~~ com outro homem, um homem que amava.

H entendia

"Por que preciso me vingar dele? Por que tenho raiva dele?" Mas o vinho não a deixava responder com clareza.

ABRIR PÁGINA. Texto life c. 12/12
maucha 19 X 37 cic sl no



13

11cic O Mago olhava para a menina a sua frente, e o desejo de demonstrar o Poder entrava e saía de sua cabeça. Por causa de um dia como este, muitos anos atrás, sua vida inteira havia mudado. Naquela época existiam Beatles e Rolling Stones, sim. Mas existiam também pessoas que procuravam forças desconhecidas sem acreditar nelas, utilizavam poderes mágicos porque se achavam mais fortes que os próprios poderes. Ele tinha certeza de que podiam sair da Tradição quando se julgassem suficientemente entediados. Ele havia sido um deles. Entrara no mundo, sagrado através da Tradição da Lua, aprendendo rituais e cruzando a ponte que ligava o visível com o invisível. Primeiro mexeu com estas forças sem a ajuda de ninguém, apenas através dos livros. Depois, encontrou o seu Mestre. Logo no primeiro encontro, o Mestre disse que ele aprenderia melhor a Tradição do Sol - mas o Mago não queria. A Tradição da Lua era mais fascinante, envolvia os rituais antigos e a sabedoria do tempo. O Mestre, então, ensinou a Tradição da Lua - explicando que talvez fosse este o caminho de fazer com que chegasse até a Tradição do Sol.

fora 1-1

Neste tempo ele vivia seguro de si, seguro da vida, seguro de suas conquistas. Tinha uma brilhante carreira profissional pela frente, e pensava em utilizar a Tradição da Lua para atingir seus objetivos. Para ter este direito, a feitiçaria exigia que em primeiro lugar ele fosse consagrado Mestre. E, em segundo lugar, que ele jamais desrespeitasse a única limitação que era imposta aos Mestres da Tradição da Lua: mudar a vontade dos outros. Podia abrir o seu caminho neste mundo utilizando seus conhecimentos mágicos, mas não podia afastar os outros da sua

frente, nem obrigá-los a caminhar por ele. Era esta a única proibição, a única árvore cujo fruto não podia comer.

E tudo corria bem, até que se apaixonou por uma discípula de seu Mestre, e ela se apaixonou por ele. Ambos conheciam as Tradições; ele sabia que não era o seu homem, ela sabia que não era a sua mulher. Mesmo assim, entregaram-se um ao outro, deixando nas mãos da vida a responsabilidade de separá-los quando chegasse o momento. Isto, ao invés de diminuir a entrega, fez com que os dois vivessem cada instante como se fosse o último, e o amor entre eles passou a ter a intensidade das coisas que se tornam eternas porque sabem que vão morrer.

Até que um dia ela encontrou outro homem. Um homem que não conhecia as Tradições, e que tampouco possuía o ponto luminoso no ombro, ou os olhos com o brilho que revela a Outra Parte. Mas ela estava apaixonada, já que o amor também não conhece razões; para ela, o seu tempo com o Mago havia

respeita H

H se H ou,

chegado ao final. Discutiram, brigaram, ele pediu e implorou. Sujeitou-se a todas as humilhações que as pessoas apaixonadas costumam se sujeitar. Aprendeu coisas que jamais sonhou aprender através do amor: a espera, o medo, e a aceitação. "Ele não tem a luz no ombro, você me disse" tentava argumentar com ela. Mas ela não dava importância - antes de conhecer a sua Outra Parte, queria conhecer os homens e o mundo.

O Mago estabeleceu um limite para a sua dor. Quando chegasse a ela, esqueceria a mulher. Este limite chegou um dia, por um motivo que não se lembrava agora - mas, ao invés de esquecê-la, descobriu que seu Mestre estava certo, que as emoções são selvagens, e é preciso sabedoria para controlá-las. Sua paixão era mais forte que todos os seus anos de estudo na Tradição da Lua, mais forte que os controles mentais aprendidos, mais forte que a rígida disciplina que tivera que submeter-se para chegar onde havia chegado. A paixão era uma força cega, e tudo que lhe dizia no ouvido é que não podia perder aquela mulher.

H o atingisse,

H esqueceria

Não podia fazer nada contra ela; ela também era uma Mestra, como ele - e conhecia seu ofício através de muitas encarnações, algumas cheias de reconhecimento e glória, outras marcadas pelo fogo e pelo sofrimento. Ela saberia defender-se.

Entretanto, na luta furiosa de sua paixão, havia uma terceira pessoa. Um homem pegado na misteriosa trama do destino, a teia de aranha que nem os Magos, nem as Feiticeiras são capazes de compreender. Um homem comum, talvez tão apaixonado como ele por aquela mulher, também desejando vê-la

H preso

feliz, querendo dar a ela o melhor de si. Um homem comum, que os misteriosos desígnios da Providência haviam atirado de repente no meio da luta furiosa entre um homem e uma mulher que conheciam a Tradição da Lua.

Certa noite, quando não conseguiu controlar mais a sua dor, comeu o fruto da árvore proibida. Usando os poderes e os conhecimentos que a sabedoria do Tempo lhe ensinara, afastou aquele homem da mulher que amava.

3cic

Luc Não sabia até hoje se a mulher havia descoberto; era possível que ela já estivesse entediada com sua nova paixão, e não desse muita importância ao acontecido. Mas seu Mestre sabia. Seu Mestre sempre sabia de tudo, e a Tradição da Lua era implacável com os Iniciados que utilizassem a Magia Negra, principalmente no que há de mais importante e mais vulnerável na raça humana: o Amor.

H conquista

Ao defrontar-se com seu Mestre, ele entendeu que o juramento sagrado que havia feito era impossível de ser rompido. Entendeu que as forças que julgava dominar e utilizar, eram muito mais poderosas que ele. Entendeu que estava num caminho que havia escolhido, mas não era um caminho como outro qualquer; era o caminho que ele precisava percorrer nesta encarnação, e não havia mais jeito de afastar-se dele. Agora que havia errado, precisava pagar um preço. E o preço foi beber o mais cruel dos venenos - a solidão - até que o Amor entendesse que ele de novo havia se transformado em um Mestre. Então, o mesmo Amor que ele havia ferido, tornaria a libertá-lo, mostrando finalmente sua Outra Parte.

I

(4ac) - Você não perguntou nada sobre mim. Você não tem qualquer curiosidade, ou pode "ver" tudo com os seus poderes?

A história de sua vida passou numa fração de segundo, o tempo necessário para decidir se deixava ~~as~~ as coisas ~~correrem~~ como corriam na Tradição do Sol. Ou se devia falar no ponto luminoso, e interferir no destino. Brida queria ser uma bruxa, mas ainda não era. Lembrou-se da cabana no alto da árvore, onde estivera próximo a falar sobre aquilo - /a mesma tentação se repetia, porque ele havia abaixado sua espada, havia esquecido que o diabo mora nos detalhes. Os homens são mestres de seu próprio destino.

de /

/ a hora.

Sempre podem cometer os mesmos erros. Sempre podem fugir de tudo que desejam, e que a vida generosamente coloca ~~de~~ diante deles.

Ou então podem entregar-se à Providência Divina, segurar na mão de Deus, e lutar por seus sonhos, aceitando que eles sempre chegam na hora certa.



- Vamos sair agora - repetiu o Mago. E Brida viu que ele estava falando sério.

#3 cic

Ela fez questão de pagar a conta; era o Rei da Noite. Vestiram os casacos e saíram para o frio, que já não atormentava tanto - faltavam poucas semanas para a primavera.

Caminharam juntos até a estação. Havia um ônibus pronto para partir daqui a alguns minutos. O frio ~~havia feito~~ com que a irritação de Brida fosse substituída por uma imensa confusão, algo que não conseguia explicar. Não queria ir naquele ônibus - estava ~~ver~~ parecia que o objetivo principal da noite se havia estragado, e ela precisava consertar tudo antes de partir. Viera até ali para agradecer a ele, e estava se comportando ~~de~~ ~~as~~ outras vezes.

+ fez

+ mal,

como f /

Disse que estava ~~passando mal~~, e não embarcou no ônibus. H/ enfiada,

108

Quinze minutos se passaram, um novo ônibus chegou.
- Não quero ir agora - disse ela. - Não é porque esteja passando mal com a bebida. É porque estraguei tudo. Não lhe agradei como devia.

- Este é o último ônibus desta noite - disse o Mago.
- Tomo um táxi depois. Mesmo que seja caro.

Quando o ônibus partiu, Brida arrependeu-se de haver ficado. Estava confusa, não tinha idéia do que realmente queria. "Estou bêbada", pensou.

- Vamos passear um pouco. Não estou me sentindo bem.

Andaram pela cidadezinha vazia, com seus lampiões acesos, e as janelas apagadas. "Não é possível. Vi o brilho nos olhos de Lorens e no entanto, quero ficar aqui com este homem." Era uma mulher vulgar, inconstante, indigna de todos os ensinamentos e experiências da Tradição da Lua. Estava com vergonha de si mesma. Alguns goles de vinho e Lorens, e a Outra Parte, e tudo o que aprendera na Tradição da Lua já não tinha mais importância. Pensou, por alguns instantes, que talvez estivesse errada - que o brilho nos olhos de Lorens não era exatamente o mesmo que a Tradição do Sol ensinava. Mas estava enganando a si mesma; ninguém confunde o brilho dos olhos de sua Outra Parte. Se existissem varias pessoas num teatro, e Lorens fosse uma das pessoas, e jamais houvesse falado com ele antes, no momento em que seus olhos cruzassem com o dele teria plena certeza de que estava diante do homem da sua vida. Conseguiria aproximar-se, ele seria receptivo, porque as Tradições não erram nunca, as Outras Partes terminam sempre se encontrando. Antes de ouvir falar disto, já tinha aprendido a falar do Amor à Primeira Vista, que ninguém conseguia explicar direito.

Qualquer ser humano podia reconhecer este brilho, mesmo antes de despertar qualquer força mágica. Ela já havia visto este brilho antes de saber de sua existência. Já havia visto este brilho, por exemplo, nos olhos do Mago, na tarde em que eles foram ao bar pela primeira vez.

Parou de repente.

"Estou bêbada", pensou de novo. Tinha que esquecer aquilo rápido. Precisava contar o dinheiro, saber se tinha o suficiente para voltar de táxi. Isto era muito importante.

Mas tinha visto o brilho nos olhos do Mago. O brilho que mostrava a sua Outra Parte.

- Você está ~~trancada~~ - disse o Mago. - Deve ter bebido demais.

- Vai passar. Vamos sentar um pouco, que passa. Depois vou para casa.

Quero ficar sóbria.

feitaria.

das.

porque

sem

conhecia
ela

parada

Sentaram-se num banco, enquanto ela revirava a bolsa em busca de moedas. Podia levantar-se dali, tomar um taxi, e ir embora para sempre; conhecia sua Mestre, sabia onde continuar seu caminho. Conhecia também sua Outra Parte; se resolvesse levantar-se daquele banco e partir, mesmo assim ainda estava cumprindo a missão que Deus lhe havia destinado.

Mas tinha 21 anos. Nestes 21 anos, já sabia que era possível encontrar duas Outras Partes na mesma encarnação, e o resultado disto era dor e sofrimento.

Como poderia fugir disto?

- Não vou para casa - disse. - Vou ficar.

Os olhos do Mago brilharam, e, o que antes era apenas esperança, passou a ser uma certeza.

ABRIR PÁGINA . Texto lido e 12/12
maquina 19 x 37 cm s/no



ndo / 1 cic |

Continuaram a andar. O Mago viu a aura de Brida mudar de cor muitas vezes, e torceu para ela estivesse no rumo certo. Sabia dos trovões e terremotos que explodiam, naquele momento, na alma de sua Outra Parte - mas assim era o processo de transformação. Assim se transformam a terra, as estrelas, e os homens.

Sairam da aldeia, e estavam em pleno campo, andando em direção às montanhas onde sempre se encontravam, quando Brida pediu que parassem.

- Vamos entrar aqui - disse ela, dobrando por um caminho que ia dar numa plantação de trigo. Não sabia porque estava fazendo aquilo. Sentia apenas que precisava da força da natureza, dos espíritos seus amigos, que desde a criação do mundo habitavam todos os lugares bonitos do planeta. Uma imensa lua brilhava no céu, e fazia com que pudessem enxergar a trilha e o campo ao redor.

O Mago seguia Brida sem dizer nada. No fundo de seu coração, agradecia a Deus por haver acreditado. E por não repetir o mesmo erro, que esteve a ponto de repetir - um minuto antes de receber aquilo que estava pedindo.

Entraram pelo campo de trigo, que a luz da lua transformava num mar prateado. Brida andava sem rumo, sem ter a menor ideia de qual seria o seu próximo passo. Dentro dela, uma voz dizia que podia seguir em frente, que era uma mulher forte: *Hava* *tas*
quanto *Hava* suas antepassadas - e que não se preocupasse, elas estavam ali guiando seus passos e a protegendo com a Sabedoria do Tempo.

Pararam no meio do campo. Estavam cercados de montanhas,

e numa destas montanhas havia uma pedra de onde se via bem o pôr-do-sol, uma cabana de caçador mais alta que todas as outras, e um lugar onde certa noite uma menina havia se defrontado com o terror e a escuridão.

"Estou entregue", pensou consigo mesma. "Estou entregue e sei que estou protegida." Mentalizou a vela acesa em sua casa, o selo com a Tradição da Lua.

- Aqui está bom - disse ela, parando.

Pegou um graveto e traçou um grande círculo no chão, enquanto dizia os nomes sagrados que sua Mestra lhe havia ensinado. Não estava com sua adaga ritual, não tinha qualquer um de seus objetos sagrados, mas suas antepassadas estavam ali, e elas diziam que, para não morrerem na fogueira, haviam consagrado seus utensílios de cozinha. "Tudo no mundo é sagrado", disse. Aquele graveto era sagrado.

- Sim - respondeu o Mago. - Tudo neste mundo é sagrado. E um grão de areia pode ser uma ponte para o invisível.

- Neste momento, porém, a ponte para o invisível é a minha Outra Parte - respondeu Brida.

Os olhos dele se encheram de água. Deus era justo.

Os dois entraram no círculo, e ela o fechou ritualmente. Era a proteção que magos e feiticeiros utilizavam desde tempos imemoriais.

- Você generosamente mostrou seu mundo - disse Brida. - Faça isto agora, um ritual, para mostrar que eu pertence a ele.

Ela levantou os braços para a lua e invocou as forças mágicas da natureza. Muitas vezes vira sua Mestra fazer isto, quando iam ao bosque - mas agora era ela que fazia, e com a certeza de que nada poderia ~~ser~~ errado. As forças lhe diziam que não precisava aprender nada, bastava lembrar-se dos muitos tempos e das muitas vidas como ~~uma~~ bruxa. Rezou então para que a colheita fosse farta, e que aquele campo nunca deixasse de ser fértil. Ali estava ela, a sacerdotisa que, em outras épocas, unira o conhecimento do solo com a transformação da semente, e rezara enquanto seu homem trabalhava a terra.

Hoan

O Mago deixou que Brida desse os passos iniciais. Sabia que, em determinado momento, ele precisava ~~tomar as rédeas~~; mas precisava deixar gravado no espaço e no tempo que foi ela quem iniciou o processo. Seu Mestre, que naquele instante vagava no astral esperando a próxima vida, com certeza estava presente no campo de trigo, da mesma maneira que estivera no bar - devia estar contente porque ele havia aprendido com ~~o~~ / Escutou, em silêncio, as invocações de Brida, até que ela parou.

assumir o controle;

na sua última tentação / sofrimento.

- Não sei porque fiz isto. Mas cumpro a minha parte.

também /

e. 12/12

- Eu continuo - disse ele.

m H

Então, virou-se para o norte e imitou o canto de pássaros que agora só existiam nas lendas e mitos. Era apenas este detalhe que faltava - Wicca era uma boa Mestra, e havia ensinado quase tudo, menos o final.

Quando o som do pelicano sagrado e da fênix foram invocados, o círculo inteiro encheu-se de luz, uma luz misteriosa, que não iluminava nada ao seu redor, mas que, mesmo assim, era uma luz. O Mago olhou para a sua Outra Parte e ali estava ela, resplandecendo em seu corpo eterno, com a aura toda dourada e os filamentos de luz saindo do seu umbigo e da sua testa. Sabia que ela estava vendo a mesma coisa, e estava vendo o ponto luminoso em cima do ombro esquerdo dele, embora um pouco distorcido por causa do vinho que tomaram antes.

- Minha Outra Parte - falou ela, baixinho, ao notar o ponto.

- Vou caminhar com você pela Tradição da Lua - disse o Mago. E imediatamente o campo de trigo à sua volta transformou-se num deserto cinzento, onde havia um templo com mulheres vestidas de branco, dançando diante da imensa porta de entrada. Brida e o Mago olhavam aquilo do alto de uma duna, e ela não sabia se as pessoas podiam vê-la.

Sentiu

Brida ~~olhou~~ o Mago ao seu lado, ~~tentava falar com ele~~ queria perguntar o que significava aquela visão, mas não conseguia fazer com que a voz saísse de sua garganta. Ele percebeu o medo nos olhos dela, e voltaram para o círculo de luz no campo de trigo.

9cc

- O que foi isso? - perguntou ela.

- Um presente meu para você. Este é um dos templos secretos da Tradição da Lua. Um presente de amor, de gratidão pelo fato de você existir, e de eu ter esperado tanto tempo para encontrá-la.

queria

1 onze

- Me leva com você - disse ela. - Me ensina a caminhar pelo seu mundo.

E os dois viajaram no tempo, no espaço, nas Tradições.

1.8

de H

Brida viu campos floridos, animais que só conhecia através dos livros, castelos misteriosos e cidades que pareciam flutuar em nuvens de luz. O céu ficou todo iluminado, enquanto o Mago desenhava para ela, em cima do campo de trigo, os símbolos sagrados da Tradição. A certa altura pareciam estar num dos pólos da Terra, com a paisagem inteira coberta de gelo, mas não era este planeta; outras criaturas, menores, com dedos mais compridos e olhos diferentes, trabalhavam numa imensa nave espacial. Sempre que tentava comentar alguma coisa com ele, as imagens sumiam e eram substituídas por outras. Brida entendeu,

com sua alma de mulher, que aquele homem estava ali se esforçando para mostrar tudo que aprendera em tantos anos, e que devia ter guardado todo este tempo, apenas para presentes. Mas ele podia entregar-se a ela sem medo, porque era a sua Outra Parte. Podia viajar com ela através dos campos eternos, onde as almas iluminadas habitam, e onde as almas que ainda estão em busca de iluminação visitam de vez em quando, para se alimentarem de esperança.

1-la.
H. elisios,

Deic

1- Deic - Não soube precisar quanto tempo passou, até que viu-se de novo com o ser luminoso dentro do círculo que ela mesma traçara. Já havia experimentado o amor outras vezes, mas até aquela noite o amor também significava medo. Este medo, por menor que fosse, era sempre um yeu - podia enxergar através dele quase tudo, menos as cores. E, naquele momento, com sua Outra Parte diante dela, entendia que o amor era uma sensação muito ligada às cores - como se fossem milhares de arcos (iris) superpostos uns aos outros. "Quanta coisa perdi por medo de perder", pensou, olhando os arcos (iris).

1-

[Estava irritada, o ser luminoso ^{sobre} ela, com um ponto de luz em cima do ombro esquerdo, e fibras brilhantes saindo de sua testa e do seu umbigo.

- Queria falar com você e não conseguia - disse ela.
- Por causa da bebida - respondeu ele.

Aquilo, para Brida, era uma recordação distante: bar, vinho, e a sensação de que estava irritada com algo que não queria aceitar.

- Obrigada pelas visões.
- Não foram visões - disse o ser luminoso. - Você enxergou a sabedoria da Terra e de um planeta distante.

Brida não queria falar destes assuntos. Não queria aulas. Queria apenas o que havia experimentado.

- Também estou luminosa?
- Igual a mim. A mesma cor, a mesma luz. E os mesmos feixes de energia.

A cor agora era dourada, e os feixes de energia, que saíam do umbigo e da testa, tinham uma cor azul-clara brilhante.

- Sinto que estávamos perdidos e agora estamos salvos - disse Brida.

- Estou cansado. Temos que voltar. Também bebi muito.

Brida sabia que, em algum lugar, existia um mundo com bares, campos de trigo, e estações de Ônibus. Mas não queria

111

voltar para ele - tudo o que desejava era ficar ali para sempre. Escutou uma voz distante, fazendo invocações, enquanto a luz a sua volta ia diminuindo - até apagar-se por completo. Uma luz enorme tornou a acender-se no céu, iluminando o campo. ①

① Estavam nus, ^{abraçados.} e não sentiam nem frio, nem vergonha.

ABRIR PÁGINA. Texto Life c. 12/12
maucha 19 X 37 cic spuo

Tic

Tic O Mago pediu que Brida encerrasse o ritual, já que ela havia começado. Brida pronunciou as palavras que sabia, e ele ajudou. Quando as fórmulas foram ditas até o final, ele abriu o círculo mágico. Os dois sentaram-se no chão.

- Vamos embora daqui - disse Brida, depois de um certo tempo. O Mago levantou-se e ela o acompanhou. Não sabia o que dizer - estava ~~sem vergonha~~, e ele também. Tinham confessado seu amor e agora, como qualquer casal que passa por esta experiência, não conseguiam se olhar nos olhos.

Foi o Mago quem quebrou o silêncio.
- Você tem que voltar para a cidade. Sei onde pedir um táxi.

Brida não sabia se estava desapontada ou aliviada com o comentário. A sensação de alegria começava a ser substituída por enjôo e dor de cabeça. Tinha certeza de que seria uma péssima companhia aquela noite.

- Está bem - respondeu.
Mudaram mais uma vez de rumo, e voltaram para a cidade. Ele chamou um táxi de uma cabine telefônica. Depois ficaram sentados no meio-fio, enquanto ~~o carro não chegava~~.

- Quero agradecer esta noite - disse ela.
Ele não disse nada.
- Não sei se a festa do Equinócio é uma festa só para feiticeiras. Mas será um dia importante para mim.

- Uma festa é uma festa.
- Então gostaria de convidá-lo.
Ele fez um gesto, como quem quer mudar de assunto.

Devia estar pensando naquele momento a mesma coisa que ela - como é difícil separar-se da Outra Parte, depois que encontramos.

Imaginava-o voltando para casa, sozinho, perguntando a si mesmo quando ela voltaria. Ela voltaria - porque assim mandava o coração. Entretanto, a solidão das florestas é mais difícil de suportar que a solidão das cidades.

- Não sei se o amor surge de repente - continuou Brida. - Mas sei que estou aberta para ele. Pronta para ele.

O táxi chegou. Brida olhou mais uma vez para o Mago, e sentiu que ele estava muitos anos mais moço.

- Também estou pronto para o Amor - foi tudo que disse.

Vestiram-se e
sem graça,

1 a
1 seu

1a cic

11a cic

A cozinha era ampla, e os raios de sol entravam através das janelas imaculadamente limpas.

- Dormiu bem, minha filha?

Sua mãe colocou o chocolate quente na mesa, junto com o pão e o queijo. Depois voltou ao fogão, para preparar ovos com bacon.

- Dormi. Quero saber se o meu vestido está pronto. Preciso dele para a festa de depois de amanhã.

A mãe trouxe os ovos com bacon e sentou-se.

Sabia que alguma coisa errada estava se passando com Brides, mas não podia fazer nada. Gostaria de conversar hoje como jamais conversou no passado, e de pouco adiantaria isto. Havia um mundo novo lá fora, que ela ainda não conhecia.

Sentia medo, porque amava, e ela ia caminhava sozinha neste mundo novo.

- O vestido estará pronto, mamãe? - insistiu Brides.

- Antes do almoço - respondeu. E aquilo a deixou feliz. Pelo menos em certas coisas o mundo não havia mudado. As mães continuavam resolvendo alguns problemas para as filhas.

Hesitou um pouco. Mas terminou perguntando.

- Como vai Lorens, minha filha?

- Bem. Vira hoje a tarde me buscar.

Ficou aliviada e triste ao mesmo tempo. Os problemas do coração sempre machucavam a alma, e ela deu graças a Deus porque sua filha não estava diante de um deles. Mas, por outro lado, este era talvez o único assunto em que podia ajudá-la; o amor mudara muito pouco através dos séculos.

3a cic

Saíram para um passeio na pequena cidade onde Brides havia passado toda a sua infância. As casas continuavam as mesmas, as pessoas ainda faziam as mesmas coisas. Sua filha encontrou algumas amigas de colégio, que hoje trabalhavam na única agência de banco, ou na papelaria. Todos se conheciam pelo nome, e cumprimentavam Brides; alguns comentavam como estava cescida, outros faziam questão de dizer que ela se transformara numa mulher bonita. Tomaram um chá às dez horas da manhã, no mesmo restaurante onde costumava ir aos sábados, antes de conhecer o seu marido - em busca de algum encontro, alguma paixão repentina, alguma coisa que acabasse de repente com os dias todos iguais.

nao ha filha, namorou conversado

havia

transformara

A mãe olhou de novo para a filha, enquanto conversavam sobre as novidades na vida de cada uma das pessoas da cidade. Brida ainda continuava interessada nisso, e ela ficou contente.

- Preciso do vestido hoje - repetiu Brida. Estava aflita, mas não devia ser por isto. Sabia que a mãe jamais deixaria de satisfazer um desejo seu.

*parecia
deixaria*

qual - Precisava arriscar de novo. Fazer as perguntas que os filhos sempre odeiam ouvir, porque são pessoas independentes, livres, capazes de resolver suas coisas.

- Existe algum problema, minha filha?

- Já amou dois homens, mamãe? - Havia um tom de desafio em sua voz, como se, apenas para ela, o mundo mostrasse as armadilhas.

A mãe mergulhou uma madalena na xícara de chá, e comeu com delicadeza. Seus olhos pareciam buscar uma época que nunca havia apagado da memória.

*ficava
perdido.*

- Sim. Já amei.

Brida parou o chá e olhou para ela espantada.

A mãe sorriu. E convidou-a para continuar o passeio.

#3 Cic

- Seu pai foi o meu primeiro e o meu maior amor - disse, quando saíram do restaurante. - Sou feliz ao lado dele. Tive tudo o que sonhei quando era ~~uma criança~~ bem mais jovem que você. Naquela época, tanto eu como minhas amigas, acreditávamos que o único motivo da vida era o amor. Quem não conseguisse encontrar alguém, não poderia dizer que havia realizado seus sonhos.

- Volte para o assunto, mamãe. - Brida estava impaciente.

- Eu tinha alguns sonhos diferentes. Sonhava, por exemplo, em fazer a mesma coisa que você fez: ir morar numa cidade grande, conhecer o mundo que ficava além dos limites da minha aldeia. A única maneira de fazer com que meus pais aceitassem minha decisão, era dizendo que precisava estudar fora, seguir algum curso que não existisse nas redondezas. Passei muitas noites em claro, pensando na conversa que iria ter com eles. Planejava cada frase que ia dizer, o que eles responderiam, e como eu devia argumentar de volta.

Sua mãe jamais havia falado daquela maneira. Brida ouvia com carinho, e sentiu algum arrependimento. As duas poderiam ter desfrutado outros momentos ~~como~~ este - mas cada uma estava presa ~~em~~ seu mundo e ~~em~~ seus valores.

*parelham
Higuanis a*

- Dois dias antes de minha conversa com os dois, conheci seu pai. Eu olhei em seus olhos, e eles tinham um brilho especial, como se eu tivesse encontrado a pessoa que mais desejava encontrar na vida.

- Conheço isto, mamãe.

- Depois que conheci o seu pai, entendi também que a minha busca estava terminada. Não precisava mais de uma explicação para o mundo, nem me sentia frustrada por viver aqui, entre as mesmas pessoas, e fazendo as mesmas coisas. Cada dia passou a ser diferente, por causa do imenso amor que um tinha pelo outro.

- Ficamos noivos e casamos. Nunca lhe falei dos meus sonhos de morar numa cidade grande, de conhecer outros lugares e outras pessoas. Porque, de repente, o mundo inteiro cabia na minha aldeia. O amor explicava a minha vida.

- Você falou de outra pessoa, mamãe.

- Quero lhe mostrar uma coisa - foi tudo que disse.

Poco

TITULO:
AUTOR:

LAUDA Nº

114

ABRIR PÁGINA

Life e. 13/12

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 72

Ilic

Ilic

As duas caminharam até o início de uma escadaria que levava à única igreja católica do lugar, e que já havia sido construída e destruída em várias guerras religiosas. Bida costumava ir ali todos os domingos para a ^{missa} e subir aqueles degraus / ^{quando} criança / era um verdadeiro suplício. No ~~início~~ de cada corrimão havia a estátua de um santo - São Paulo à esquerda, e o apóstolo ~~Paulo~~ à direita - já bastante destruídas pelo tempo e pelos turistas. O chão estava coberto de folhas secas, como se, naquele lugar, o outono estivesse chegando - ao invés da primavera.

→ começo

→ Santiago

A Igreja ficava no alto da colina, e era impossível vê-la dali de onde estavam, por causa das árvores. Sua mãe sentou-se no primeiro degrau e convidou Bida a fazer o mesmo.

- Foi aqui - disse a mãe. - Certo dia, por um motivo que não consigo mais lembrar, resolvi rezar durante a tarde. Precisava ficar sozinha, refletir mais sobre minha vida, e achei que a igreja lá em cima seria um bom lugar para isto.

"Quando cheguei aqui, porém, encontrei um homem. Estava sentado ali onde está você, com duas malas ao seu lado, e parecia perdido - procurando desesperadamente alguma coisa num livro aberto em suas mãos. Pensei que fosse um turista em busca de um hotel, e resolvi me aproximar. Eu mesma puxei conversa. Ele ficou um pouco assustado no início, mas logo se acostumou comigo.

"Me disse que não estava perdido. Era um arqueólogo, e dirigia seu carro em direção ao norte - onde haviam encontrado

algumas ruínas - quando o motor parou. Um mecânico já estava a caminho, e ele havia aproveitado ~~o~~ tempo de espera para conhecer a igreja. Me fez perguntas sobre o povoado, as aldeias em volta, os monumentos históricos.

"De repente, os problemas que eu tinha naquela tarde desapareceram ~~milagrosamente~~. Eu me sentia útil, e comecei ~~+~~ como por milagre. ~~+~~ entendendo a contar-lhe tudo que sabia, ~~como se entendesse~~ que os muitos anos ~~em que vivi nesta região passavam~~ a ter um sentido. Na minha frente estava um homem que estudava pessoas e povos, que era capaz de guardar para sempre, para todas as gerações futuras, tudo ~~que eu havia escutado ou descoberto quando criança~~. Aquela ~~criança~~ homem na escadaria me fez entender como eu era importante para o mundo e para a história do meu país. Eu me senti ~~tudo~~, e esta é uma das melhores sensações que um ser humano pode ter.

"Quando acabei de falar da igreja, continuamos a conversar sobre outras coisas. Eu contei do meu orgulho por minha cidade, e ele me respondeu, com a frase de um escritor, cujo nome não me lembro, ~~mas que era o do governo~~ dizendo que "é a sua aldeia que lhe dá o poder universal".

- Leon Tolstoy - disse Brida.

Mas sua mãe estava viajando no tempo, como ela também ~~havia~~ feito um dia. Só que não precisava de catedrais no espaço, bibliotecas subterrâneas, e livros empoeirados; bastavam a lembrança de uma tarde de primavera, e um homem com malas na escadaria.

- Convesamos durante algum tempo. Eu tinha a tarde inteira para ficar com ele, mas a qualquer hora podia chegar um mecânico. Resolvi aproveitar ao máximo cada segundo. Perguntei-lhe sobre o seu mundo, as escavações, o desafio de viver procurando o passado no presente. Ele me falou de guerreiros, de sábios e de piratas que habitaram ~~aquele~~ nossas terras.

Quando dei por mim, o sol estava quase no horizonte, e nunca, em toda a minha vida, uma tarde havia passado tão rapidamente.

"Entendi que ele estava sentindo a mesma coisa. A todo momento me fazia perguntas, querendo manter a conversa acesa, sem me dar tempo de dizer que eu precisava ir embora. Falava sem parar, contava tudo o que vivia até aquele dia, e queria saber ~~o mesmo~~ de mim. Notei que seus olhos me desejavam, mesmo eu já tendo, nesta época, quase o dobro da idade que você tem agora. ~~naquela~~

"Era primavera, havia um cheiro gostoso de coisas novas no ar, e me senti de novo jovem. Existe aqui nas redondezas uma flor que só aparece no outono; pois bem, naquela tarde eu me

senti como esta flor. Como se ~~de~~ de repente, no outono da minha vida, quando eu pensava que ~~de tinha~~ vivido tudo que podia viver, ~~parecesse~~ ~~aquele~~ ~~homem~~ na escadaria apenas para me mostrar que nenhum sentimento ~~como~~ como o amor, por exemplo - envelhece junto com o ~~corpo~~ corpo. Os sentimentos fazem parte de um mundo que eu não conheço, mas é um mundo onde não existe tempo, nem espaço, nem fronteiras.

#3 cic

Ficou algum tempo em silêncio. Seus olhos continuavam distantes, naquela primavera.

- Ali estava eu, como uma adolescente de 38 anos, me sentindo de novo desejada. Ele não queria que eu fosse embora. Até que, em determinado momento, ele parou de falar. Olhou no fundo dos meus olhos, e sorriu. Como se tivesse entendido com seu coração o que eu estava pensando, e quisesse me dizer que sim, que era verdade, que eu era muito importante para ele. Ficamos algum tempo ~~em~~ silêncio, e então nos despedimos. O mecânico não havia chegado.

"Durante muitos dias pensei comigo mesmo se aquele homem existia de verdade, ou se era um anjo que Deus enviou para me mostrar as lições secretas da vida. No final, concluí que era mesmo um homem. Um homem que me havia amado, nem que fosse apenas por uma tarde, e nesta tarde me entregou tudo que havia guardado ~~com~~ sua vida inteira - suas lutas, seus êxtases, suas dificuldades e seus sonhos. Também eu me entreguei por completo ~~aquela~~ aquela tarde - fui sua companheira, esposa, amante. Em algumas horas, eu pude experimentar o amor de toda uma ~~vida~~ vida.

ABRIR PÁGINA. Site c. 13/12

I cic

1 cic A mãe olhou para a filha. Gostaria que ela tivesse entendido tudo ~~aquilo~~ aquilo. Mas, no fundo, ~~feceou~~ ~~que~~ ~~Brida~~ ~~achava~~ achava ~~vivia~~ vivia num mundo onde este tipo de amor já não tinha mais lugar.

- Jamais deixei de amar seu pai, um só dia que fosse - concluiu ela. - Ele sempre esteve ao meu lado, me deu o melhor que podia, e eu quero estar junto a ele até o final dos meus dias. Mas o coração é um mistério, e eu jamais vou entender o que aconteceu. O que sei é que aquele encontro me deixou mais confiante em mim mesma, mostrando que eu ainda era capaz de amar e ser amada, e me ensinando algo que nunca vou esquecer: quando você encontrar uma coisa importante na vida, não quer dizer que precisa renunciar a todas as outras.

"De vez em quando ainda me lembro dele. Gostaria de saber onde está, se descobriu o que procurava aquela tarde, se está vivo, ou se Deus se encarregou de tomar conta de sua alma. Sei que não

voltará nunca - e ~~portas~~ pude amá-lo com tanta força e com tanta certeza. Porque não poderia jamais perdê-lo; ele se havia entregue por completo aquela tarde. *H só assim*

Sua mãe levantou-se.

- ~~Penso~~ que preciso ir para casa terminar o seu vestido. *H Acha*

- Vou ficar mais um pouco aqui - respondeu Brida.

Ela aproximou-se da filha e beijou-a com todo carinho.

- Obrigada por me escutar. Foi a primeira vez que contei esta história. Sempre tive medo de morrer com ela, e apagá-la para sempre da face da terra. Agora você vai guardá-la para mim.

ABRIR PÁGINA Texto de c. 12/12

T
11
Cie

10
Cie

Brida subiu as escadas e parou diante da igreja. O edifício, pequeno e redondo, era o grande orgulho da região; foi um dos primeiros lugares sagrados do cristianismo naquelas terras, e, todo ano, estudiosos e turistas vinham visitá-lo. Nada existia da construção original do século V, exceto algumas partes do piso; cada destruição, porém, deixava alguma parte intacta, e desta maneira o visitante podia ver a história de vários estilos arquitetônicos numa mesma construção.

Lá dentro, um órgão tocava, e Brida ficou algum tempo escutando a música. Naquela igreja estavam as coisas bem explicadas, o universo no lugar exato onde devia estar, e quem suas portas não precisava se preocupar com mais nada. Ali não existiam forças misteriosas que estavam acima das pessoas, noites escuras onde era preciso acreditar sem compreender. Já não se falava mais ~~em~~ fogueiras, e as religiões de todo o mundo conviviam como se fossem aliadas, ligando de novo o homem a Deus. Seu país ainda era uma exceção nesta convivência pacífica - ao Norte, as pessoas se matavam em nome da fé. Mas isto devia acabar em alguns anos; Deus estava quase explicado. Ele era um pai generoso, todos estavam salvos.

embrace em 1#

H de em

3 Cie

"Sou uma feiticeira", disse para si mesma, lutando contra um impulso cada vez maior de entrar. Sua Tradição agora era

diferente e, embora fosse o mesmo Deus, se ela cruzasse aquelas portas estaria profanando um lugar, e sendo profanada por ele.

Acendeu um cigarro e olhou o horizonte, procurando não pensar mais nisto. Tentou concentrar-se na sua mãe. Teve vontade de voltar correndo para casa, deitar no seu colo, e contar-lhe que daqui a dois dias ia ser iniciada nos Grandes Mistérios das feiticeiras. Que tinha feito viagens no tempo, que conhecia a força do sexo, que era capaz de saber o que estava na vitrine de uma loja usando apenas as técnicas da Tradição da Lua. Precisava de carinho e compreensão, porque também ela sabia histórias que não podia contar para ninguém.



e. 12/12

119

O órgão parou de tocar, e Brida tornou a ouvir as vozes da cidade, o canto dos pássaros, o vento que batia nos galhos e anunciava a vinda da primavera. Atrás da igreja, uma porta ^{abriu} e fechou-se - alguém havia saído. Por um momento, viu-se de novo num domingo qualquer da sua infância, de ^{pe} onde estava agora, irritada porque a missa era longa e domingo era o único dia ^{em} que podia correr pelos campos.

"Preciso entrar." Talvez sua mãe ^{entendesse} o que estava sentindo; mas naquele momento, ela estava longe. O que tinha diante de si era uma igreja vazia. Jamais perguntara à Wicca qual o papel do cristianismo em tudo que estava passando. Tinha a impressão que, se cruzasse aquela porta, estaria traindo as irmãs queimadas na fogueira.

"Entretanto, eu também fui queimada na fogueira", disse para si mesma. Lembrou-se da oração que Wicca fez no dia em que se comemorava o martírio das bruxas. E nesta oração, ela citou Jesus e a Virgem Maria. O amor estava acima de tudo, e o amor não tinha ódios - tinha apenas equívocos. Talvez, em certa época, os homens tivessem resolvido ser os representantes de Deus - e cometeram seus erros. Mas Deus nada tinha a ver com isto.

Não havia ninguém lá dentro, quando finalmente entrou. Algumas velas acesas mostravam que, naquela manhã, ^{alguém} se preocupara em renovar sua aliança com uma força que apenas pressentia, - e, desta maneira, cruzara a ponte entre o visível e o invisível. Arrependeu-se do que pensara antes: também ali nada estava explicado, e as pessoas tinham que fazer sua aposta, mergulhar na Noite Escura da Fé. Diante dela, com os braços abertos na cruz, estava aquele Deus que parecia simples demais.

Não podia ajudá-la. Ela estava sozinha em suas decisões, e ninguém poderia ajudá-la. Precisava aprender a correr riscos. Não possuía as mesmas facilidades do crucificado à sua frente - que conhecia a sua missão, porque era o filho de Deus. Nunca errou. Não conheceu o amor entre os homens, só o amor por seu Pai. Tudo que precisava fazer era mostrar sua sabedoria, e ensinar de novo à humanidade o caminho dos céus.

Mas, seria apenas isto? Lembrou-se de uma aula de catecismo, num domingo, quando o padre parecia mais inspirado do que de costume. Naquele dia, estavam estudando o episódio em que Jesus rezava para Deus, suando sangue, e pedindo para que o calice que precisava beber fosse afastado.

"Mas se ele já sabia que era filho de Deus, porque pediu isto?" perguntara ao padre.

"Porque ele sabia apenas com o coração. Se tivesse absoluta certeza, sua missão ficava sem sentido, porque não teria se transformado completamente em homem. Ser homem e ter dúvidas, e mesmo assim, continuar em seu caminho."

Olhou de novo para a imagem, e pela primeira vez em toda a sua vida, sentiu-se mais próxima dela; talvez ali estivesse um homem sozinho e com medo, enfrentando a morte, e perguntando "Pai, Pai, por que me abandonaste?". Se falou isto, e porque nem ele tinha certeza de seus passos. Tinha feito uma aposta - mergulhado na Noite Escura como todos os homens, sabendo que só iria encontrar a resposta no final de toda a sua jornada. Também ele teve que passar pela angústia de tomar decisões em sua vida, de abandonar seu pai, sua mãe, e sua cidade pequena, ~~ir~~ ir em busca dos segredos dos homens e dos mistérios da Lei.

↳ para

Se ele havia passado por tudo isto, também havia conhecido o amor, mesmo que os evangelhos jamais tocassem no assunto - o amor entre pessoas era muito mais difícil de entender que o amor por um Ser Supremo. Mas agora ela se lembrava que, quando ressuscitou, a primeira pessoa para quem apareceu foi para uma mulher, que o ~~acompanhou~~ acompanhou até o final.

↳ acompanhara

A imagem silenciosa parecia concordar com ela. Tinha experimentando o vinho, o pão, as festas, as pessoas e as belezas do mundo. Era impossível que não houvesse conhecido o amor de uma mulher, e ~~portanto~~ tinha suado sangue no horto das Oliveiras, ~~que~~ que era muito difícil deixar a terra e se entregar pelo amor de todos os homens, depois de conhecer o amor de uma ~~so~~ criatura. Havia provado tudo que o mundo pode oferecer, e mesmo assim continuou sua caminhada, sabendo que a Noite Escura pode acabar numa cruz, ou numa fogueira.

↳ causa disso

fel

-Todos nós estamos no mundo para correr os riscos da Noite Escura, Senhor. Tenho medo da morte, mas não quero perder a vida. Tenho medo do amor, porque ele envolve coisas que estão além de nossa compreensão; sua luz é imensa, mas sua sombra me assusta.

Deu-se conta ~~de~~ que estava rezando sem saber. O Deus simples olhava para ela; parecia entender suas palavras, e levá-las a sério.

Por algum tempo ficou esperando uma resposta dela, mas não ouviu nenhum som, e não percebeu qualquer sinal. A resposta estava ali, na sua frente, naquele homem pregado numa cruz. Ele tinha cumprido a sua parte - e mostrou ao mundo que, se cada um cumprisse a sua, ninguém mais precisava sofrer. Porque já havia

também

sofrido por todos os homens que tiveram a coragem de lutar por seus sonhos.

Brida chorou um pouco, sem saber porque estava chorando.

T
Há
L

Há O dia amanheceu nublado, mas não ia chover. Lorens morava há muitos anos naquela cidade, já entendia suas nuvens. Levantou-se, e foi até a cozinha preparar um café.

Brida entrou antes que a água fervesse.

- Você foi dormir muito tarde ontem - disse ele.

Ela não respondeu nada.

- Hoje é o dia - continuou. - Sei o quanto é importante. Gostaria muito de estar ao seu lado.

- É uma festa - respondeu Brida.

- O que você quer dizer com isto?

- É uma festa. Desde que nos conhecemos, sempre fomos juntos às festas. Você está convidado.

T
|
Wicca
|
L



Wicca

O Mago foi ver se a chuva do dia anterior havia danificado suas bromélias. Elas estavam perfeitas, ele riu de si mesmo - afinal, as forças da natureza ~~sabiam~~ se entender. *As vezes conseguem*

Pensou em Wicca. Ela não ia enxergar os pontos luminosos, porque só as Outras Partes podem ver isto entre si, mas ia notar a energia dos feixes de luz circulando entre ele e sua discípula. As feiticeiras eram, antes de tudo, mulheres.

A Tradição da Lua chamava aquilo de "Visão do Amor", e, embora isto pudesse acontecer entre pessoas que estivessem apenas apaixonadas - sem qualquer relação com a Outra Parte - calculou que esta visão ia deixá-la com raiva. Raiva feminina, raiva da madrinha da Branca de Neve, que não admitia ninguém mais bela.

Wicca, entretanto, era uma Mestra, e ia perceber logo o absurdo do seu sentimento. Mas a esta altura sua aura já mudado de cor.

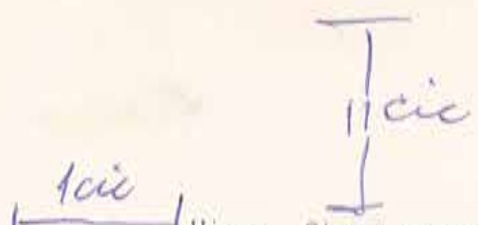
haveria

Então ia se aproximar dela, beijar-lhe o rosto, e dizer que ela estava com ciúmes. Ela diria que não. Ele ia perguntar porque havia ficado com raiva.

Ela responderia que era uma mulher, e não precisava dar satisfações de seus sentimentos. Ele lhe daria outro beijo, porque ela estava falando a verdade. E ia dizer que teve muitas saudades dela durante ^{esse} tempo que ficaram separados, e que ainda a admirava mais que qualquer outra mulher no mundo - exceto Brides, porque Brides era sua Outra Parte.

Wicca ia ficar feliz. Porque era sábia.

"Estou velho. Fico imaginando conversas". Mas não era por causa da idade - os homens apaixonados sempre se comportam assim, refletiu.



Wicca ficou contente porque a chuva havia parado, e as nuvens iam sumir antes do anoitecer. Todas as providências tomadas, cada pessoa cumprira o seu papel, nada estava faltando. 10

Foi até o altar e invocou o seu Mestre. Pediu para que ele estivesse presente aquela noite; três novas feiticeiras seriam iniciadas nos Grandes Mistérios, e a responsabilidade sobre os seus ombros era enorme.

Depois, foi à cozinha preparar o café. Fez suco de laranja, torradas, e comeu alguns biscoitos de dieta. Continuava ainda cuidando de sua aparência - ~~finha conscienci~~ quanto era bonita. Não precisava abrir mão de sua beleza apenas para provar que também era inteligente e capaz. 11 sabida

Enquanto mexia distraída o café, lembrou-se de um dia como este, há muitos anos atrás, quando o seu Mestre selou seu destino com os Grandes Mistérios. Por alguns instantes, tentou imaginar quem era então, quais eram os seus sonhos, o que desejava da vida.

"Estou velha. Fico relembando o passado", disse em voz alta. Acabou o café rapidamente e iniciou seus preparativos. Ainda tinha alguma coisa a fazer.

Sabia, entretanto, que não estava ficando velha. No seu mundo não existia o Tempo.

① A natureza precisava estar de acordo com as obras do ser humano.

T
||cie
↓

||cie

Brida ficou surpresa com o grande número de automóveis estacionados à beira da estrada. As nuvens pesadas da manhã haviam sido substituídas por um céu claro, onde o pôr-do-sol mostrava os seus últimos raios; apesar do frio, aquele era o primeiro dia de primavera.

Ela invocou a proteção dos espíritos da floresta, e depois olhou para Lorens. Ele repetiu as mesmas palavras, um pouco encobulado, mas contente de estar ali. Para que continuassem unidos, era preciso que cada um pisasse, de vez em quando, na realidade do outro. Também entre os dois havia uma ponte entre o visível e o invisível. A magia estava presente em todos os atos.

Caminharam rápido pelo bosque, e logo estavam na clareira. Brida já esperava algo parecido; homens e mulheres de toda as idades - e provavelmente com profissões as mais diversas, estavam reunidos em grupos, conversando entre si, tentando fazer com que tudo aquilo parecesse a coisa mais natural do mundo. Entretanto, estavam tão perplexos quanto eles.

todos /

-E toda esta gente? - Lorens não esperava aquilo.

Brida respondeu que não; alguns eram convidados como ele. Não sabia exatamente quem devia participar; tudo seria revelado no momento certo.

Escolheram um canto, e Lorens largou a sacola no chão. Ali dentro estava o vestido de Brida, e três garrafas de vinho - Wicca recomendara que cada pessoa participante ou convidada, trouxesse um garrafo. Antes de saírem de casa, Lorens perguntou pelo terceiro convidado. Brida falou do Mago que costumava visitar nas montanhas - e ele não deu maior importância.

- Imagine - ouviu uma mulher comentando ao seu lado. - Imagine se minhas amigas soubessem que, nesta noite, eu estou num verdadeiro Sabbat.

O Sabbat das feiticeiras. A festa que havia sobrevivido ao sangue, às fogueiras, à Idade da Razão, e ao esquecimento. Lorens procurou ficar à vontade, dizendo para si mesmo que ali existiam muitas outras pessoas na mesma situação. ~~dele~~ Notou que vários troncos de lenha seca estavam empilhados no centro da clareira, e sentiu um calafrio.

H sua

Wicca estava num canto, conversando com um grupo. Ao ver Brida, veio logo cumprimentá-la e perguntar se tudo estava bem. Ela agradeceu a gentileza, e apresentou Lorens.

- Convidei mais uma pessoa - disse.

Wicca olhou-a, surpresa. Mas logo depois abriu um largo sorriso; Brida teve certeza que ela sabia quem era.

- Fico contente - respondeu. - A festa também é sua. E faz tempo que não vejo aquele velho bruxo. Quem sabe aprendeu alguma coisa.

Chegou mais gente - sem que Brida pudesse distinguir quem era convidado, e quem era participante. Meia hora depois, quando quase cem pessoas conversavam em voz baixa na clareira, Wicca pediu silêncio.

- Isto é uma cerimônia - falou. - Mas esta cerimônia é uma festa. Por favor, nenhuma festa começa antes que as pessoas encham seus cálices.

Abriu seu garrafão, e encheu o copo da pessoa ao seu lado. Em pouco tempo, os garrafões circulavam, e o tom das vozes aumentava perceptivelmente. Brida não queria beber; ainda estava viva em sua memória a lembrança de um homem, num campo de trigo, mostrando para ela os templos secretos da Tradição da Lua. Além disso, o convidado que estava esperando ainda não havia chegado.

Lorens, porém, estava muito mais relaxado, e começou a puxar conversa com as pessoas ao seu lado.

- É uma festa! - disse, rindo, para Brida. Viera preparado para coisas do outro mundo, e era apenas uma festa. Muito mais divertida. Aliás, do que as festas de cientistas que era obrigado a frequentar. A uma certa distância de seu grupo estava um senhor de barbas brancas, que ele reconheceu como um dos catedráticos da Universidade. Ficou algum tempo sem saber o que fazer, mas o senhor também o reconheceu, e de onde estava, levantou um brinde para ele. Lorens ficou mais aliviado - não existia mais a caça às bruxas, nem aos seus simpatizantes.

- Parece um piquenique - Brida ouviu alguém dizer. Sim, parecia um piquenique, e aquilo a deixava irritada. Esperava algo mais ritualístico, mais próximo dos sabbats que haviam inspirado Goya, Sans-Sens, Picasso. Pegou o garrafão ao seu lado, e também começou a beber.

Uma festa. Cruzar a ponte entre o visível e o invisível através de uma festa. Brida gostaria muito de ver como algo sagrado podia acontecer em ambiente tão mundano.

A noite ^{cua} ~~via~~ rápido, e as pessoas bebiam sem parar. Assim que a escuridão ameaçou cobrir todo o local, alguns dos homens presentes - sem qualquer ritual específico - acenderam a

profano.

fogueira. No passado também foi assim - a fogueira, antes de significar um elemento mágico poderoso, era apenas uma luz. Uma luz em torno da qual as mulheres se reuniam para falar de seus homens, de suas experiências mágicas, dos encontros com os súcubos e incubos - os temíveis demônios sexuais da Idade Medieval. No passado, também era assim - uma festa, uma imensa festa popular, a celebração alegre da primavera e da esperança, numa época em que ser alegre era desafiar a Lei, porque ninguém podia divertir-se num mundo feito apenas para tentar os fracos. Os senhores da terra, trancados em seus castelos sombrios, olhavam as fogueiras nas florestas e sentiam-se roubados - aqueles camponeses estavam querendo conhecer a felicidade, e quem conhece a felicidade não consegue mais conviver sem revolta com a tristeza. Os camponeses podiam ter vontade de ser felizes o ano inteiro, e aí todo o sistema político e religioso estaria ameaçado.

ABRIR PÁGINA. Texto tipo c. 12/12
mandava 19 x 37 cm de lino



lino Quatro ou cinco pessoas, já meio embriagadas, começaram a dançar em torno da fogueira - quem sabe, querendo imitar uma festa de bruxas. Entre os que estavam dançando, Brida notou uma Iniciada, que conheceu quando Wicca comemorou o martírio das irmãs. Ficou chocada com aquilo - imaginava que as pessoas da Tradição da Lua tivessem um comportamento mais condizente com o lugar sagrado que estavam pisando. Lembrou-se da noite junto com o Mago, e de como a bebida havia atrapalhado a comunicação entre ambos durante o passeio astral.

- Meus amigos vão morrer / inveja - ouviu. - Nunca irão acreditar que estive aqui. / de

Aquilo foi demais para ela. Precisava afastar-se um pouco, entender direito o que estava acontecendo, e lutar contra o imenso desejo de voltar para casa, de fugir dali antes que se decepcionasse com tudo que havia acreditado durante quase um ano. Procurou Wicca com os olhos - ela estava rindo e se divertindo como os outros convidados. O número de pessoas em volta da fogueira aumentava cada vez mais, com alguns batendo palmas e cantando, acompanhados por outros, que batiam com galhos e chaves nos garraões vazios.

ja / - Preciso dar uma volta - disse para Lorens.
Ele / havia formado um grupo em torno de si, e as pessoas estavam fascinadas com suas histórias sobre estrelas antigas e milagres da Física moderna. Mas parou imediatamente de conversar.
- Quer que eu vá com você?
- Prefiro ir sozinha.

Afastou-se do grupo e caminhou em direção à floresta. As vozes estavam ficando cada vez mais animadas e mais altas, e tudo aquilo - os bebados, os comentários, as pessoas brincando de bruxaria em torno da fogueira - tudo aquilo começou a misturar-se em sua cabeça. Esperou tanto tempo por esta noite, e era apenas uma festa - uma festa igual à de associações beneficentes, onde as pessoas jantam, embriagam-se, contam casos, e depois fazem discursos sobre a necessidade de ajudar os índios do Hemisfério Sul ou as focas do Pólo Norte.

3 cic

Começou a andar pela floresta, mantendo sempre a fogueira no seu campo de visão. Subiu por um caminho que circundava a pedra, e que lhe permitia ver a cena ~~do~~ do alto. Mas ~~também~~ vista de cima, a cena era desoladora: Wicca percorrendo os vários grupos para saber se tudo estava bem, as pessoas dançando em volta da fogueira, alguns casais em seus primeiros beijos alcoolizados. Lorens estava contando algo animado a dois homens, talvez falando coisas que cabiam muito bem num encontro de bar, mas não numa festa como aquela. Um retardatário chegava através do bosque; um estranho animado pelo barulho, vindo em busca de um pouco de diversão.

+ mesmo

O modo como caminhava era familiar.

O Mago.

Brida levou um susto, e desatou a correr pelo caminho de descida. Queria encontra-lo antes que ele chegasse na festa. Precisava que ele a socorresse, como já havia feito tantas vezes antes. Precisava entender o sentido de tudo aquilo.

T
J
cic

1 cic "Wicca sabe organizar um Sabbat", pensou o Mago, enquanto se aproximava. Ele podia ver e sentir a energia das H *mas ainda que* pessoas circulando livremente. Nesta fase do ritual, o Sabbat era igual a qualquer outra festa - era preciso fazer com que H *parecia com* todos os convidados comungassem de uma única vibração. No primeiro Sabbat de sua vida, ficou muito chocado com tudo aquilo; lembrou-se que havia chamado seu Mestre num canto, para perguntar o H *para com* que estava acontecendo.

"Você já foi a alguma festa?", perguntou o Mestre, aborrecido porque ele estava interrompendo seu conversa. H *Uma* pariuada.
O Mago respondeu que sim.

"E o que faz uma festa ser boa?"
"Quando todos estão se divertindo."

1350 "Os homens dão festas desde o tempo ~~em~~ que moravam nas cavernas", respondeu o Mestre. "São os primeiros rituais coletivos que se tem notícia, e a Tradição do Sol encarregou-se de mantê-los vivos até hoje. Uma festa boa limpa o astral de todo mundo que está participando; mas ~~isto~~ é muito difícil de acontecer - bastam umas poucas pessoas para estragar uma festa H *a alegria comum*. Estas pessoas se julgam mais importantes que as outras, são difíceis de agradar, acham que estão ali perdendo tempo porque não conseguiram comungar com os outros. Mas terminam H *to E* experimentando uma misteriosa justiça: geralmente saem carregados com as larvas astrais expulsas das pessoas que souberam unir-se aos outros".

"Lembre-se que o primeiro caminho direto até Deus é a oração. O segundo caminho direto é a alegria."

3 cic

O Mago H Muitos anos se haviam passado desde aquela conversa com o H *passaram* seu Mestre. Ele já havia participado de muitos sabbats desde então, e sabia que estava H *diante de* habilmente organizada; o nível de energia coletivo crescia a cada instante.

Se Procurou Breda com os olhos; havia muita gente, não estava acostumado com multidões. Sabia que precisava participar da energia coletiva, estava disposto a isto, mas antes precisava acostumar um pouco. Ela poderia ajudá-lo. Ia sentir-se mais a vontade assim que a encontrasse.

Era um Mago. Conhecia a visão do ponto luminoso. Tudo que precisava fazer era mudar seu estado de consciência, e o ponto

surgiria, no meio de todas aquelas pessoas. Havia buscado anos por este ponto de luz - agora encontrava-se a apenas algumas dezenas de metros dele.

nesta vez /

O Mago mudou seu estado de consciência. Tornou a olhar a festa, com a percepção alterada, e ~~as~~ pessoas apareciam ~~em~~ as auras das mais diversas cores, - todas, porém, se aproximando da cor que devia predominar aquela noite. "Wicca e' uma grande Mestra, faz tudo com muita rapidez", refletiu de novo. Em breve todas as auras estariam na mesma sintonia, e a segunda parte do ritual podia começar.

→ podia ver

Moveu seus olhos da esquerda para a direita, e localizou o ponto de luz. Resolveu fazer uma surpresa, e chegou perto sem fazer qualquer barulho.

12
→ finalmente

3^o cu
#

- Brida - disse,

Sua Outra Parte virou-se.

- Ela foi dar uma volta por ai' - respondeu gentilmente.

Por um momento que pareceu ~~seco~~, ele olhou para o homem à sua frente.

→ eterno

- Voce deve ser o Mago de quem Brida fala tanto - disse Lorens. - Sente-se conosco. Ela ~~deve~~ chegar logo.

→ vai

Mas Brida já havia chegado. Estava na frente dos dois, com os olhos assustados e a respiração ofegante.

Do outro lado da fogueira, o Mago pressentiu um olhar. Conhecia aquele olhar, um olhar que não podia ver os pontos luminosos, já que so as Outras Partes ~~podem~~ ver entre si. Mas era um olhar antigo e profundo, um olhar que conhecia a Tradição da Lua e o coração de mulheres e homens.

→ identificam-se

O Mago virou-se e enfrentou Wicca. Ela sorriu do outro lado da fogueira - numa fração de segundo havia compreendido tudo.

3^o cu

Os olhos de Brida também estavam fixos ~~nele~~. Brilhavam de contentamento. Ele havia chegado.

→ no Mago.

- Quero que conheça Lorens - disse ela. A festa ~~havia ficado~~ divertida de uma hora para outra, não precisava mais de explicações.

→ começou a ficar

ndo H

O Mago ainda estava ~~no~~ estado de consciência. Viu a aura de Brida mudar rápido de cor, caminhando para o tom que Wicca havia escolhido. A menina ~~a~~ sua frente estava alegre, contente porque ele havia chegado, e qualquer coisa que dissesse ou fizesse podia estragar de vez sua Iniciação aquela noite. Precisava dominar-se a qualquer custo.

→ alterado

- Muito prazer - disse ele para Lorens. - Que tal me ~~dar~~ um copo de vinho?

→ oferecer

Lorens sorriu e estendeu a garrafa.

- Bem vindo ao grupo - disse. - Voce vai gostar da festa.

12 - as vibrações de energia que todas as pessoas têm em volta do seu corpo físico -

Wicca

TÍTULO:
AUTOR:

LAUDA Nº
131

ABRIR PÁGINA

texto file c.12/12

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75

Inicie

Inicie

Do outro lado da fogueira, Wicca desviou os olhos e respirou aliviada - Brides não havia percebido nada. Ela era uma boa discípula, - não gostaria de afastá-la da Iniciação aquela noite, simplesmente por não ter conseguido dar o passo mais simples de todos: comungar com a alegria dos outros.

la

"Ele cuidara' de si mesmo". O Mago tinha anos de trabalho e disciplina em suas costas. Saberia dominar um sentimento, pelo menos o tempo suficiente para colocar outro sentimento em seu lugar. Respeitava-o por seu trabalho e obstinação, e tinha um certo receio do seu imenso poder.

Conversou com mais alguns convidados, mas não conseguiu afastar a surpresa ~~de~~ que acabara de presenciar. Então aquele era o motivo, o motivo para que tivesse dado tanta atenção àquela menina - que, afinal de contas, era uma feiticeira igual a todas as outras que haviam passado várias encarnações aprendendo a Tradição da Lua. Brides era a sua Outra Parte.

H com o

"Meu instinto feminino está funcionando mal". Tinha imaginado tudo, menos a coisa mais óbvia. Consolou-se pensando que o resultado de sua curiosidade havia sido positivo:

fora

na H havia sido o caminho escolhido por Deus para que reencontrasse sua discípula.

Wicca

TITULO:
AUTOR:

LAUDA Nº
131/A

ABRIR PÁGINA

texto de 12/12

5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70

T
||
ic

Mag

O Mago viu um conhecido a distancia, e pediu licença ao grupo para ir falar com ele. Bricida estava eufórica, gostava da presença dele ao seu lado, mas achou prudente deixá-lo ir. Seu instinto feminino dizia que não era aconselhável, ele e Lorens ficaram muito tempo juntos - podiam se tornar amigos, e, quando dois homens estão apaixonados pela mesma mulher, é preferível que se odeiem do que se tornem amigos. Porque, neste caso, ~~ela podia perder~~ ambos.

+ melhor

+ terminaria indo

Olhou as pessoas em volta da fogueira, e teve vontade de dançar também. Convidou Lorens - ele vacilou por um segundo, mas acabou tomando coragem. As pessoas giravam e batiam palmas, bebiam vinho e batiam com chaves e galhos nos garrafrões vazios. Sempre que passava diante do Mago, ele sorria e ~~ela fazia um~~ brinde. Ela estava num de seus melhores dias.

Arantava um

Wicca entrou na roda; todos estavam relaxados e contentes. Os convidados, antes preocupados com o que

iam contar, e assustados com o que podiam ver, agora integravam-se definitivamente ao Espirito daquela noite. A primavera chegou, era preciso celebrar, encher a alma de fe' nos dias de sol, e esquecer o mais rápido possível as tardes cinzentas e as noites de solidão dentro de casa.

Wicca
#

As palmas cresciam, e agora Wicca comandava o ritmo. Era sincopado, constante, com todos os olhos fixos na fogueira.

Ninguém sentia mais frio - parecia que o verão ja' estava ali. As pessoas em torno da fogueira começaram a tirar os suéteres.

- Vamos cantar! - disse Wicca. Ela repetiu algumas vezes uma música simples, composta apenas de duas estrofes; e em breve estavam todos cantando com ela. Poucas pessoas sabiam que se tratava de um mantra de feiticeiras, que o importante era o som das palavras, e não o seu significado. Era um som para a união de Dons, e aqueles que tinham a visão mágica - como o Mago e outros Mestres presentes - podiam ver as fibras luminosas de várias pessoas se unindo.

onde H
em as H

se tratava de
de

Lorens ficou cansado com a dança, e foi ajudar os "músicos" com seus garrafcões. Outros foram saindo da fogueira - alguns porque também estavam cansados, e outros porque Wicca pedia que auxiliassem no ritmo. Sem que ninguém - além dos Iniciados - percebesse o que estava acontecendo, a festa começava a

penetrar no mundo sagrado. Em pouco tempo, em torno da fogueira apenas as mulheres da Tradição da Lua e as feiticeiras que iam ser Iniciadas.

ficaram

Mesmo os discípulos de Wicca não dançavam mais; existia um outro ritual, numa outra data, para a Iniciação dos homens. Naquele momento, o que rodava no plano astral, diretamente em cima da fogueira, era a energia feminina, a energia da transformação. Assim fora desde os tempos remotos.

ABRIR PÁGINA Texto Life c. 12/12

Wicca

Wicca - Brida começou a sentir muito calor. Não podia ser o vinho, porque havia bebido pouco. Na certa eram as chamas da fogueira. Teve uma vontade imensa de tirar a blusa, mas estava com vergonha - uma vergonha que ia perdendo o sentido à medida que cantava aquela música simples, batia palmas, e rodava em volta do fogo. Seus olhos agora estavam fixos na chama, e o mundo parecia cada vez menos importante - uma sensação muito parecida a que sentiu quando as cartas do tarô se mostraram pela primeira vez.

revelaram

"Estou entrando num transe", pensava ela. "E daí? A festa está... divertida!"

#Beic

"Que música estranha", Lorens dizia para si mesmo, enquanto mantinha o ritmo no garrafo. Seu ouvido, treinado para escutar o próprio corpo, estava percebendo que o ritmo das palmas e o som das palavras vibravam exatamente no centro do peito, como quando ouvia os tambores mais graves num concerto de música clássica. O curioso é que o ritmo parecia também estar definindo as batidas do seu coração.

A medida Wicca que ia acelerando, seu coração também ia acelerando. Aquilo devia estar acontecendo com todo mundo.

"Estou recebendo mais sangue no ~~o~~ cérebro", dizia o seu pensamento científico. Mas estava num ritual de bruxas, e não era hora de pensar nisto; podia conversar com Brida depois. ↳ xpl'car

-Estou numa festa, e quero apenas me divertir!- falou em voz alta. Alguém ao seu lado concordou, e as palmas de Wicca aumentaram o ritmo um pouco mais.

ABRIR PAGINA ↳ texto Life c. 12/12

T
Wic
L

Wic "Sou livre. Tenho orgulho do meu corpo, porque ele é a manifestação de Deus no mundo visível." O calor da fogueira estava insuportável. O mundo parecia distante, e ela não queria mais preocupar-se com coisas superficiais. Estava viva, o sangue correndo em suas veias, e completamente entregue à sua busca. Dançar em torno daquela fogueira não era novo para ela, porque aquelas palmas, aquela música, aquele ritmo despertavam de novo lembranças adormecidas, de épocas onde era Mestra da Sabedoria do Tempo. Não estava sozinha, porque aquela festa era um reencontro, um reencontro consigo com a Tradição que carregara por muitas vidas. Sentiu um profundo respeito por si mesma. ↳ ...

Estava de novo em um corpo, e era um belo corpo, que lutou por milhões de anos para sobreviver num mundo hostil. Habitou o mar, rastejou para a terra, subiu em árvores, caminhou com os quatro membros, e agora pisava, orgulhosamente, com os dois pés na terra. Aquele corpo merecia respeito por sua luta durante tantos milhões de anos. Não existiam corpos belos ou corpos feios, porque todos tinham feito o mesmo percurso, todos ↳ tempo

eram a parte visível da alma que os habitava.

Tinha orgulho, um profundo orgulho do seu corpo. Tirou a blusa. Estava sem sutia, mas isto não fazia a menor diferença. Tinha orgulho de seu corpo, e ninguém podia reprova-la por causa disto; mesmo que tivesse setenta anos, continuaria tendo orgulho de seu corpo, porque era através dele que a alma podia fazer suas obras.

+ já #

As outras mulheres em torno da fogueira faziam o mesmo; isto tampouco fazia a menor diferença;

+ importava

Desafivelou o cinto e ficou completamente nua. Neste momento teve uma das mais completas sensações de liberdade de toda a sua vida. Porque não estava fazendo isto por nenhuma razão. Fazia porque a nudez era a única maneira de mostrar como a sua alma estava livre naquele momento. Não importava que outras pessoas estivessem presentes, vestidas, e olhando - tudo que ela queria e' que estas pessoas sentissem por seus corpos o que ela estava sentindo agora. Podia dançar livre, e nada mais impedia seus movimentos. Cada atomo de sua pele estava tocando o ar, e o ar era generoso, trazia de muito longe segredos e perfumes, para que a tocassem.

1 pelo seu corpo

+ da cabeça aos pés

ABRIR PÁGINA texto like c. 12/12

T
Wicce
↓

Os homens e os convidados que batiam nos garrafoes notaram que as mulheres em torno da fogueira estavam nuas. Batiam palmas, davam-se as mãos, e ora cantavam num tom suave, ora num tom frenetico. Ninguém sabia quem estava ditando aquele ritmo - se eram os garrafoes, se eram as palmas, se era a musica. Todos pareciam conscientes do que estava acontecendo, mas se alguém tivesse coragem de tentar sair do ritmo naquele momento, não conseguiria. Um dos maiores problemas da Mestra, naquela altura do ritual, era não deixar que as pessoas percebessem que estavam em transe. Precisavam ter a impressão de controlar a si mesmos, embora não controlassem. Wicca não estava violendo a única Lei que a Tradicao punia com exepcional severidade: interferir na vontade dos outros. Porque todos que estavam ali, sabiam que estavam pisando num Sabbat de feiticeiras - e, para as feiticeiras, a vida e' a comunhão com o Universo.

3cie

fosse apenas uma lembrança

Mais tarde, quando esta noite tivesse passado, nenhuma daquelas pessoas iria comentar o que viu. Não havia qualquer proibicao a respeito, mas quem estava ali sentia a presença de uma força poderosa, uma força misteriosa e sagrada, intensa e implacável, que nenhum ser humano ousaria desafiar.

e. 10/12

- Girem ! - disse a única mulher vestida, uma roupa negra que ia até seus pés. Todas as outras, nuas, dançavam, batiam palmas, e agora giravam sobre si mesmas.

Um homem colocou ao lado de Wicca uma pilha de vestidos. Três deles seriam utilizados pela primeira vez - sendo que dois apresentavam grandes semelhanças de estilo. Eram pessoas com o mesmo Dom - o Dom se materializava na forma de ~~uma~~ *forma de H. M. H. H. H.* sonhar a roupa.

Não precisava mais bater palmas - as pessoas continuavam agindo como se ela ainda comandasse o ritmo.

Ajoelhou-se, colocou os dois polegares na testa, e começou a trabalhar o Poder.

O Poder da Tradição da Lua, a Sabedoria do Tempo, estava ali. Era um poder perigosíssimo, que as feiticeiras só conseguiam invocar depois que se tornavam Mestras. Wicca sabia como lidar com ele mas, mesmo assim, pediu proteção ao seu Mestre.

H. 300

Naquele poder morava a sabedoria do tempo. Ali estava a Serpente, sabia e dominadora. So' Virgem, mantendo a serpente sob o seu calcanhar, poderia subjuga-la. Assim, Wicca rezou também para a Virgem Maria, pedindo a pureza da alma, e a firmeza da mão, para que pudesse baixar aquele Poder até as mulheres ~~na~~ sua frente, sem que ele seduzisse ou dominasse nenhuma delas.

é a proteção de seu manto,

Com o rosto voltado para o céu, a voz firme e segura, recitou as palavras do apóstolo Paulo:

" Se alguém destroi o templo de Deus Deus o destruirá'. Pois o templo de Deus é' santo, e este templo sois vós. Ninguém se iluda: Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste

mundo,

torne-se louco para ser sábio; Pois a sabedoria deste mundo é' loucura diante de Deus. Com efeito, esta' escrito: 'Ele apanha os sábios /em sua própria astúcia'.

Por conseguinte, ninguém procure nos homens motivo de orgulho, pois tudo pertence a vós."

que #

o h

Iiuc

Iiuc

Com alguns movimentos de mão, Wicca diminuiu ~~o~~ ritmo das palmas. Os garrafões ~~tocaram~~ mais lentamente, e as mulheres começaram a girar em velocidade cada vez menor. Wicca mantinha o Poder sob controle, e a orquestra toda precisava funcionar bem, desde a mais estridente ~~flauta~~ até o violino mais suave. Para isto, precisava da ajuda do Poder - sem, entretanto, entregar-se a ele.

Bateu algumas palmas e emitiu os sons necessários. Lentamente, as pessoas pararam de tocar e de dançar. As feiticeiras se aproximaram de Wicca, e pegaram seus vestidos - apenas três mulheres permaneceram nuas. Naquele momento, completava-se uma hora e vinte e oito minutos de som contínuo, e o estado de consciência de todos os presentes estava alterado - sem que nenhum deles, exceto as três mulheres nuas, tivesse perdido a noção de onde estavam e do que estavam fazendo.

As três mulheres nuas, porém, estavam ~~no~~ transe completo. Wicca estendeu sua adaga ritual para a frente, e dirigiu toda a energia concentrada para elas. Os seus Dons se apresentariam em poucos instantes. Esta era a forma de servirem ao mundo, ~~o~~ ~~havia~~ ~~se~~ ~~depois~~ ~~de~~ ~~chegarem~~ ~~até~~ ~~ali~~. O mundo as havia testado de todas as maneiras possíveis; eram dignas do que haviam conquistado. Na vida ~~fatidiana~~ ~~continuariam~~ com ~~as~~ suas fraquezas, com seus ressentimentos, com as suas pequenas bondades e pequenas crueldades. Continuariam com a agonia e o extase, ~~em~~ todo mundo que participa de um mundo ainda em transformação. Mas, no seu devido tempo elas iam aprender que cada ser humano tem, dentro de si, algo muito mais importante que ele mesmo: o seu Dom. Pois nas mãos de cada pessoa Deus colocou um Dom - o instrumento que Ele usava para manifestar-se ao mundo, e ajudar a humanidade. Deus havia escolhido o próprio ser humano como o Seu braço na Terra.

Alguns entendiam seu Dom pela Tradição do Sol, outros pela Tradição da Lua. Mas todos terminavam aprendendo - nem que precisassem ficar algumas encarnações tentando.

nem H

como /

T
Iiuc
J

Iiuc

Wicca ficou diante da grande pedra, colocada ali por sacerdotes celtas. As feiticeiras, com suas roupas negras, formaram um semi-círculo ao seu redor.

Olhou as três mulheres nuas. Elas estavam com os olhos brilhantes.

3cic

- Venham até aqui.
As mulheres se aproximaram até o meio do semi-círculo. Wicca então pediu que se deitassem de frente no chão, com os braços abertos em forma de cruz.

O Mago viu Brida deitando-se no chão. Tentou fixar-se apenas em sua aura, mas era um homem - e um homem olha o corpo de uma mulher.

de/ Não queria lembrar. Não queria saber se estava sofrendo ou não. Tinha consciencia/ apenas uma coisa - que a missão de sua Outra Parte junto a ele estava cumprida.

"Pena ter ficado tão pouco com ela." Mas não podia pensar assim. Em algum lugar do Tempo compartilharam do mesmo corpo, sofreram as mesmas dores e foram felizes com as mesmas alegrias. Estiveram juntos na mesma pessoa, quem sabe, caminhando por um bosque semelhante a este, olhando uma noite onde as mesmas estrelas brilhavam no céu. Riu de seu Mestre - que ~~fez~~ ~~foi~~ ~~fizera~~ passar tanto tempo na floresta, apenas para que pudesse entender seu encontro com a Outra Parte.

Assim era a Tradição do Sol - ~~fazendo com que~~ cada um ~~aprendesse~~ aquilo que precisava, e não apenas aquilo que queria. Seu coração de homem ia chorar durante muito tempo - mas seu coração de Mago/ agradecia a floresta. ~~cultura de alegria e~~ ~~obrigando~~

ABRIR PÁGINA life c. 12/12



Wicca olhou para as tres mulheres deitadas ~~em~~ seus pes, e deu graç a Deus por poder continuar o mesmo trabalho ~~em~~ tantas vidas; a Tradição da Lua era inesgotável. A clareira no bosque fora consagrada por sacerdotes celtas num tempo ja esquecido, e de seus rituais havia sobrado pouca coisa - como, por exemplo, a pedra que estava agora as suas costas. Era uma pedra imensa, impossível de ser transportada por maos humanas - mas os Antigos sabiam como ~~fazer isto~~ através da magia. Construíram pirâmides, observatórios celestes, cidades em montanhas da América do Sul, utilizando apenas as forças que a Tradição da Lua conhecia. Tal conhecimento ja não era mais necessário ao homem, e ~~por causa fo~~ apagado no Tempo/. Mesmo assim, Wicca gostaria de saber, apenas por curiosidade, como faziam ~~isto~~ aquilo.

H por

→ move-las

para que não se tornasse destruidor.

força →

Alguns espíritos celtas estavam presentes, e ela os cumprimentou. Eram mestres, que não se reencarnavam mais, e que faziam parte do governo secreto da Terra; sem eles, sem a força de sua sabedoria, o planeta já estaria desgovernado há muito tempo. Os mestres celtas pairavam no ar, em cima das árvores que ficavam à esquerda da clareira, com o corpo astral envolto numa intensa luz branca. Séculos eles vinham ali em todos os Equinócios, para saber se a Tradição ainda era mantida. Simplicia Wicca com um certo orgulho, os Equinócios continuavam a ser celebrados mesmo depois de toda a cultura celta ~~haver~~ desaparecida da História oficial do mundo. Porque ninguém consegue apagar a Tradição da Lua - exceto a Mão de Deus.

Chavés des /
- /
cor +

/ -

3 cic

Ficou prestando atenção nos sacerdotes algum tempo. O que pensariam dos homens de hoje? Será que estavam com saudades do tempo em que frequentavam aquele lugar, quando o contato com Deus parecia mais simples e mais direto? Wicca achava que não, e seu instinto confirmava isto. Eram os sentimentos humanos que construíam o edifício de Deus, e para isto era necessário que vivessem muito, em muitas épocas, em muitos costumes diferentes. Assim como todo o resto do Universo, também o homem seguia seu caminho de evolução, e cada dia estava melhor que no dia anterior; mesmo que esquecesse as lições da véspera, mesmo que não aproveitasse aquilo que aprendeu, e reclamasse, dizendo que a vida era injusta.

ns /

funcion +

/ como que

Porque estas lições ficavam gravadas na Alma do Mundo e beneficiavam toda a humanidade. O que importava era que continuassem existindo pessoas como as que estavam ali aquela noite, pessoas que não tinham medo da Noite Escura da Alma, como dizia o velho e sábio San Juan de La Cruz. Cada passo, cada ato de fé, resgatava de novo toda a raça humana. Enquanto houvesse pessoas que entendiam que toda a sabedoria do homem era loucura diante de Deus, o mundo continuaria seu caminho de luz.

10 / E
↳ importantes

subentor

Teve orgulho de suas discípulas e de seus discípulos, capazes de sacrificar o conforto de um mundo já explicado pelo desafio de descobrir um mundo novo.

3 cic

Tornou a olhar para as três mulheres nuas, deitadas no chão de braços abertos, e procurou novamente vesti-las com a cor da aura que emanavam. Elas agora caminhavam pelo Tempo, e se encontravam com muitas Outras Partes perdidas. Aquelas três mulheres iam mergulhar, a partir desta noite, na missão que as esperava desde que nasceram. Uma delas devia ter mais de sessenta

① O Reino dos Céus é semelhante a uma semente que um homem planta no campo; ele dorme e acorda, de dia e de noite, e a semente cresce sem que ele saiba como.

anos; a idade não tinha a menor importância. Importante era que finalmente estavam diante do destino que pacientemente as esperava, e a partir daquela noite iam utilizar os Dons para evitar que ~~Atijos~~ importantes do ~~edifício~~ de Deus fossem destruídos. Cada uma daquelas pessoas chegou até ali por motivos diferentes - uma desilusão amorosa, o cansaço com a rotina, a busca do poder. Havia enfrentado o medo, a preguiça, e as muitas decepções de quem segue o caminho da magia. Mas o fato é que chegaram exatamente onde precisavam chegar, porque a Mão de Deus nunca abandona aquele que segue seu caminho com fé.

→ jardim

→ sempre guia

guardava / sentas →

P /

#

custe →

A Tradição da Lua ^é fascinante, com seus Mestres e seus rituais. Mas havia uma outra Tradição muito mais difícil, porque era mais simples, e as coisas simples parecem sempre complicadas demais. Seus Mestres estavam no mundo, e nem sempre sabiam a grandeza daquilo que ensinavam - porque ensinavam por um impulso que geralmente parecia absurdo. Eram carpinteiros, poetas, matemáticos, gente de todas as profissões e hábitos, que moravam em todos os lugares do planeta. Gente que em algum instante sentiu necessidade de falar com alguém, de explicar um sentimento que não compreendia direito, mas que era impossível guardar para si mesmo - e esta era a maneira que a Tradição do Sol utilizava para que sua sabedoria não se perdesse. O impulso da Criação.

10

Onde quer que o homem pusesse seus pés, havia sempre um vestígio da Tradição do Sol. Às vezes uma escultura, às vezes uma mesa, outras vezes os fragmentos de um poema transmitido de geração em geração por determinado povo. ~~Estas~~ pessoas através das quais a Tradição do Sol falava eram pessoas iguais a todas as outras, e que certa manhã - ou certa tarde - olharam o mundo e compreenderam a presença de algo maior. Havia mergulhado sem querer num mar desconhecido, e na maior parte das vezes se recusavam a voltar lá de novo. Todas as pessoas vivas possuíam, pelo menos uma vez em cada encarnação, o segredo do Universo.

→ as

Mergulhavam sem querer na Noite Escura. Pena que ~~geralmente~~ ^{quase sempre} não acreditavam em si mesmas, se recusavam a voltar lá. E o Sagrado Coração, que alimentava o mundo com seu amor, sua paz, e sua entrega completa, ficava de novo cercado de espinhos.

dire

#

Wicca ficou grata por ser uma Mestra da Tradição da Lua. Todas as pessoas que chegavam até ela estavam querendo aprender - ao passo que, na Tradição do Sol, a maior parte queria sempre fugir do que a vida estava lhe ensinando.

10 "pensou o Hago, com os olhos fixos em Buda, e com uma certa inveja de Wicca, que ia ficar por perto dela por muito tempo."

"Isto não tem mais importância", pensou Wicca. Porque o tempo dos milagres estava retornando mais uma vez, e ninguém podia ficar alheio às mudanças que o mundo ~~foi~~ experimentar daqui ~~para a frente~~. ~~Daqui a~~ poucos anos a força da Tradição do Sol ia manifestar-se com toda a sua luz. Todas as pessoas que não seguissem seu caminho começariam a ficar insatisfeitas consigo mesmas, seriam forçadas a escolher ^o ou aceitar uma existência cercada de desilusão e dor, ou entender que todo mundo nasceu para ser feliz. Depois ~~desta~~ ^{esta} escolha ^{feita} não haveria mais como mudar; e a grande luta, a Jihad, seria travada.

ABRIR PÁGINA

Life c. 12/12

Wicca

Lucy Com um movimento perfeito de mão, Wicca trouxe um círculo no ar usando a adaga. Dentro do círculo invisível desenhou a estrela de cinco pontas, que os bruxos chamavam de Pentagrama. O pentagrama era o símbolo dos elementos que atuavam no homem - e através dele, as mulheres deitadas na terra iam agora entrar em contato com o mundo da luz.

-Fechem seus olhos - disse Wicca.

As três mulheres obedeceram.

Wicca fez os passes rituais com a adaga, na cabeça de cada uma delas.

- Agora abram os olhos de suas almas.

Ilicie

Ilicie

Brida abriu. Estava num deserto, e o lugar parecia muito familiar.

Lembrou-se que já estivera ali antes. Com o Mago.

Procurou-o com os olhos, mas não conseguia encontrá-lo. Entretanto, não tinha medo; estava tranquila e feliz. Sabia quem era, a cidade onde morava - sabia que em outro lugar do tempo estava acontecendo uma festa. Mas nada disso tinha importância, porque a paisagem à sua frente era mais bonita: as areias, montanhas no fundo, e uma enorme pedra na sua frente.

- Bem vinda - disse uma voz.

Ao seu lado estava um senhor, com roupas parecidas as que vestiam os seus avós.

- Sou o Mestre de Wicca. Quando voce se tornar uma Mestra, suas discipulas irão encontrar Wicca aqui. E assim por diante, até a Alma do Mundo conseguir se manifestar.

- Estou num ritual de bruxas - disse Brida. - Num Sabbat. O Mestre riu.

- Você enfrentou o seu Caminho. Poucas pessoas têm coragem de fazer isto. Preferem seguir um caminho que não é delas.

"Todas possuem o seu Dom, e não querem enxergar. Você o aceitou - seu encontro com o Dom é o seu encontro com o Mundo."

- Por que preciso disto?

- Para construir o Edifício de Deus.

- Tenho uma vida pela frente - disse Brida. - Quero vivê-la como todas as pessoas vivem. Quero poder errar. Quero poder ser egoísta. Ter falhas, me entende?

O Mestre sorriu. De sua mão direita surgiu um manto azul.

- Não existe outra maneira de estar perto das pessoas sem ser uma delas.

300

O cenário à sua volta mudou. Já não estava mais no deserto, e sim numa espécie de líquido, onde várias coisas estranhas nadavam.

Assim ~~Assim~~ e' a vida - disse o Mestre. - As células se reproduziam exatamente iguais durante milhões de anos, até que uma delas errava. E por causa disto, alguma coisa era capaz de mudar naquela repetição infundável.

Brida olhava, deslumbrada, o mar à sua volta. Não perguntava como era capaz de respirar ali dentro. Tudo que conseguia ouvir era a voz do Mestre, tudo que conseguia lembrar-se era de uma viagem muito semelhante, que começara num campo de trigo.

/ Em mar.

- Foi o erro que colocou o mundo em marcha - disse o Mestre, -
Jamais tenha medo de errar.

- Mas Adão e Eva foram expulsos do Paraíso.

- E retornarão um dia. Conhecendo o milagre dos céus e dos
mundos. Deus sabia o que estava fazendo quando chamou a atenção
dos dois para a árvore do Bem e do Mal.

"Se ele não quisesse que os dois comessem, não teria dito
nada."

- Então porque disse?

- Para colocar o Universo em movimento.

#30c

O cenário mudou de novo para o deserto com a pedra. Era de
manhã, e uma luz cor-de-rosa começava a inundar o horizonte. O
Mestre se aproximou dela com o manto.

- Eu te consagro neste momento. O seu Dom é o instrumento
de Deus. Que você consiga ser uma boa ferramenta.

ABRIR PÁGINA

Life c. 1912

Illic

Illic Wicca levantou com as duas mãos o vestido da mais jovem das
três mulheres. Fez uma oferta simbólica aos sacerdotes celtas que
assistiam tudo, pairando com seus corpos astrais sobre as
árvores. Depois virou-se para a moça.

- Levante-se - disse.

Brida levantou-se. No seu corpo nu dançavam as sombras da
fogueira. Algum dia, um outro corpo fora consumido por estas
mesmas chamas. Mas este tempo havia terminado.

- Levante os braços.

A moça levantou os braços. Wicca a vestiu.

/ para a

#3c

- Eu estava nua - disse ela para o Mestre, assim que ele
terminou de colocar o manto azul. - E não tinha vergonha.

- Se não fosse a vergonha, Deus não teria descoberto que
Adão e Eva comeram a maçã.

O Mestre olhava o nascer do sol. Parecia distraído, mas
não estava. Brida sabia disto.

- Jamais tenha vergonha - continuou ele. - Aceite o que a vida lhe oferece, e procure beber das taças que estão na sua frente. Todos os vinhos devem ser bebidos - alguns, apenas um gole; outros, a garrafa inteira.

- Como posso distinguir isto?

- Pelo gosto. Só conhece o vinho bom quem provou o vinho amargo.

#3 cic

Wicca girou Brida e a colocou de frente para a fogueira, enquanto passava para a Iniciada seguinte. O fogo captava a energia de seu Dom, para que pudesse se manifestar definitivamente nela. Naquele momento, Brida devia estar assistindo ao nascer de um sol. Um sol que passaria a iluminar o resto de sua vida.

#3 cic

- Agora você precisa ir embora - disse o Mestre, assim que o sol terminou de nascer.

- Não tenho medo do meu Dom - respondeu Brida. - Sei para onde vou, sei o que tenho de fazer. Sei que alguém me ajudará. Já estive aqui antes. Havia pessoas que dançavam, e um templo secreto da Tradição da Lua.

O Mestre não disse nada. Virou-se para ela e fez um sinal com a mão direita.

- Você foi aceita. Que seu caminho seja de Paz, nos momentos de Paz. É de Combate, nos momentos de Combate. Jamais confunda um momento com o outro.

O vulto do Mestre começou a dissolver-se, junto com o deserto e com a pedra. Ficou apenas o sol, mas o sol começou a misturar-se com o próprio céu. Aos poucos o céu ficou escuro, e o sol parecia muito com as chamas de uma fogueira.

Illic

Illic

Estava de volta. Lembrava-se de tudo: os ruídos, as palmas, a dança, o transe. Lembrava-se de haver tirado a roupa na frente de todas aquelas pessoas, e agora sentia um certo constrangimento. Mas lembrava-se também de seu encontro com o Mestre. Procurou dominar a vergonha, o medo, e a ansiedade - eles iriam acompanhá-la sempre, e precisava se acostumar.

Wicca pediu que as três Iniciadas ficassem bem no centro do semicírculo. As feiticeiras deram-se as mãos e fecharam a roda. Cantaram músicas que ninguém mais ousou acompanhar; o som fluía de lábios quase fechados, criando uma vibração estranha, que se tornava cada vez mais aguda, até parecer o grito de um pássaro louco. No futuro também ela saberia como pronunciar estes sons. Aprenderia muito mais coisas, até se tornaria também uma Mestra. Então, outras mulheres e homens seriam iniciados por ela na Tradição da Lua.

formado pelas mulheres.

Illic

Tudo isto, porém, ia chegar no seu devido tempo. Tinha todo o tempo do mundo, agora que reencontrara o seu destino, tinha para ajudá-la. A Eternidade era sua.

alguém

Todas as pessoas apareciam com cores estranhas em volta delas, e Bida ficou um pouco desorientada. Gostava do mundo como era antes.

- As feiticeiras terminaram de cantar.
- A Iniciação da Lua está feita e consumada - disse Wicca. - O mundo agora é o campo, e vocês cuidarão para que a colheita seja fértil.
- Estou com uma sensação estranha - disse uma das Iniciadas. - Não consigo enxergar direito.
- Vocês estão vendo o campo de energia em volta das pessoas, a aura, como nos chamamos. Este é o primeiro passo no caminho dos Grandes Mistérios. Esta sensação vai passar daqui a pouco, e mais tarde eu lhes ensinarei como despertá-la de novo.
- Num gesto rápido e ágil, atirou sua adaga ritual no chão. Ela cravou no solo, o cabo ainda balançando com a força do impacto.
- A cerimônia acabou - disse.

Illic

Illic

Illic

Bida foi até Lorens. Os olhos dele brilhavam, e ela sabia de todo o seu orgulho e seu amor. Podiam crescer juntos, criar juntos uma nova maneira de vida, descobrir todo um Universo que estava diante deles, esperando pessoas com um pouco de coragem.

Mas havia um outro homem. Enquanto conversava com o Mestre, ela fez sua escolha.. Porque este outro homem saberia como segurar sua mão nos momentos difíceis, e conduzi-la com experiência e amor através da Noite Escura da Fé'. Aprenderia a amá-lo, e seu amor seria tão grande quanto o seu respeito por ele. Ambos caminhavam na mesma estrada do conhecimento, por causa dele havia chegado até ali. Com ele, terminaria por aprender, um dia, a Tradição do Sol.

Agora sabia que era uma bruxa. Aprendera durante muitos séculos a arte da feitiçaria, e estava de volta ao seu lugar. A sabedoria ~~era~~ partir desta noite a coisa mais importante em sua vida.

#Brida

Elu

- Podemos ir - disse para Lorens assim que chegou perto. Olhava com admiração a mulher vestida de negro à sua frente; Brida, porém, sabia que o Mago a estava vendo vestida de azul. Estendeu a sacola com suas outras roupas.
- Vá indo, veja se consegue uma carona. - Preciso falar com alguém.

Lorens pegou a sacola. Mas deu apenas alguns passos em direção ao caminho que cruzava a floresta. O ritual havia terminado e estavam de novo no mundo dos homens, com seus amores, seus ciúmes, e suas guerras de conquista.

O medo também havia voltado. Brida estava esquisita.
- Não sei se existe Deus - disse ele para as árvores à sua volta. - E não posso pensar nisto agora, porque também enfrento o mistério.

Sentiu que falava de uma maneira diferente, com uma segurança estranha, que nunca julgara possuir. Mas, naquele momento, acreditou que as árvores estavam escutando.

" Talvez as pessoas aqui não me entendam, talvez desprezem meus esforços, mas sei que tenho tanta coragem quanto estas pessoas, porque busco Deus sem acreditar nele. "

"Se ele existe, ele é o Deus dos Valentes. "

Lorens notou que suas mãos tremiam um pouco. A noite havia passado sem que pudesse compreender nada. Percebia que mergulhara em um transe - e isto era tudo.

→ Mas o tremor em suas mãos não era por causa deste mergulho na Noite Escura, como Brida costumava se referir.

Olhou para o céu, ainda cheio de nuvens baixas. Deus era o Deus dos Valentes. E saberia entendê-lo, porque valentes são aqueles que tomam decisões com medo. Que são atormentados pelo

1/5-2

demonho em cada passo do caminho, que se angustiam com tudo que fazem, perguntando se estão certos ou errados.

como + E, mesmo assim, agem. Agem porque acreditam em milagres, *também*, tanto quanto as feiticeiras que dançavam, aquela noite, em torno da fogueira.

Saic

Humidade + chance Deus podia estar tentando voltar para ele, através daquela mulher, que agora se afastava em direção a outro homem. Se ela fosse embora, talvez Ele se afastasse para sempre. Ela era sua chance - porque sabia que a melhor maneira de mergulhar em Deus era através do amor. Não queria perder sua chance de tê-lo de volta.

Respirou fundo, sentindo o ar frio e puro da floresta, e fez a si mesmo uma promessa sagrada.

Deus era o Deus dos valentes.

Saic

Brida caminhou em direção ao Mago. Os dois se encontraram perto da fogueira. As palavras eram difíceis.

Foi ela quem quebrou o silêncio.

- Temos o mesmo caminho.

Ele fez que sim com a cabeça.

- Então vamos segui-lo juntos.

- Mas você não me ama - disse o Mago.

- Eu te amo. Ainda não conheço o meu amor por você - mas te amo. Você é a minha Outra Parte.

O olhar do Mago, porém, estava distante. Lembrava-se da Tradição do Sol, e uma das mais importantes lições da Tradição do Sol era o Amor. O amor era a única ponte entre o invisível e o visível que todas as pessoas conheciam. Era a única linguagem eficiente para traduzir as lições que o Universo todo dia ensinava a aos seres humanos.

- Não vou embora - disse ela.- Fico com você.
- Seu namorado está esperando - respondeu o Mago.-

Eu abençoarei o amor de vocês.
Brida olhou-o sem entender.

- Ninguém pode possuir um nascer do sol como aquele que vimos uma tarde - continuou. - Assim como ninguém pode possuir uma tarde com a chuva batendo na vidraça, a serenidade que uma criança dormindo espalha ao seu redor, o momento mágico das ondas quebrando nas rochas. Ninguém pode possuir o que há de mais belo na Terra - mas podemos conhecer e amar. Através destes momentos, Deus se mostra aos homens.

1 ou
1 ou
1 existe

"Não somos donos do sol, nem da tarde, nem das ondas, nem sequer da visão de Deus - porque não podemos possuir a nós mesmos."

O Mago estendeu a mão para Brida, e lhe entregou uma flor.

- Quando nos conhecemos - e parece que eu sempre conheci você, porque não consigo lembrar como era o mundo antes - ~~eu~~ ~~eu~~ mostrei a Noite Escura. Queria ver como você enfrentava seus próprios limites. Já sabia que estava diante de minha Outra Parte, e esta Outra Parte ia me ensinar tudo que eu precisava aprender - foi para isto que Deus dividiu o homem e a mulher.

Brida tocava a flor. Era a primeira flor que via em muitos meses. A primavera havia chegado.

-As pessoas se dão flores de presente porque nas flores esta o verdadeiro sentido do Amor. Quem tentar possuir uma flor, verá a sua beleza murchando. Mas quem apenas olhar uma flor num campo, permanecerá para sempre com ela. Porque ela combinava com a tarde, com o pôr do sol, com o cheiro de terra molhada e com as nuvens no horizonte.

Brida olhava a flor. O Mago tornou a pegá-la e a devolveu para a floresta.

Os olhos de Brida encheram-se de lágrimas. Tinha orgulho de sua Outra Parte.

- Isto a floresta me ensinou. Que você nunca será minha, e por isso terei você para sempre. Você foi a esperança dos meus dias de solidão, a angústia dos meus momentos de dúvida, a certeza de meus instantes de fé! Porque eu sabia que minha Outra Parte ia chegar, me dediquei a aprender a Tradição do Sol. Apenas por ~~esta~~ certeza de sua existência é que continuei existindo."

1 um dia,
1 Ter

Brida não conseguia esconder as lágrimas.

-Então você veio, e entendi tudo isto. Você chegou para me libertar da escravidão que eu mesmo havia criado, para dizer que

eu estava livre - podia voltar ao mundo e às coisas do mundo. Eu entendi tudo que precisava saber, e te amo mais do que todas as mulheres que conheci na minha vida, mais do que amei a mulher que me ~~exilou~~, sem querer, para a floresta. Vou me lembrar sempre que o amor é a liberdade. Esta foi a lição que demorei tantos anos para aprender.

→ desvio

"Esta foi a lição que me exilou, e que agora me liberta."

3cie

As chamas crepitavam na fogueira, e alguns convidados retardatários começavam a se despedir. Mas Brida não escutava nada do que estava acontecendo.

- Brida! - ela ouviu uma voz distante.

- Ele está olhando para você, garota - disse o Mago. Era a frase de um velho filme que assistira. Estava alegre, porque havia virado mais uma página importante da Tradição do Sol. Sentiu a presença de seu Mestre - ele havia escolhido também esta noite para sua nova Iniciação.

- A vida inteira eu me lembrarei de você, e você se lembrará de mim. Assim como nos lembraremos dos entardeceres, das janelas com chuva, das coisas que teremos sempre porque não podemos possuir.

- Brida! - tornou a chamar Lorens.

- Vá em paz - disse o Mago. E enxugue estas lágrimas. Ou diga que foram as cinzas da fogueira.

"Não me esqueça nunca".

Sabia que não precisava dizer aquilo. Mas disse, de qualquer maneira.

148*

ABRIR PÁGINA, life e. 12/12

Wicca

Wicca reparou que três pessoas haviam esquecido seus garrafões vazios. Precisava telefonar para elas, e mandar que viessem buscá-los.

- Daqui a pouco o fogo se apaga - disse.

Ele continuou em silêncio. Ainda havia chamas na fogueira, e ele estava com os olhos fixos nelas.

- Não me arrependo de ter sido apaixonada por você um dia - continuou Wicca.

- Nem eu - respondeu o Mago.

Ela teve uma vontade imensa de conversar sobre a garota. Mas ficou calada. Os olhos do homem ao seu lado inspiravam respeito e sabedoria.

- Pena que eu não seja sua Outra Parte - ela tornou a puxar o assunto. - Teríamos sido um grande casal.

Mas o Mago não escutava o que ~~ela~~ estava dizendo. Havia um mundo imenso diante dele, e muitas coisas a fazer. Era preciso ajudar a construir o edifício de Deus, era preciso ensinar as pessoas a ensinarem a si mesmas. Ia encontrar outras mulheres, apaixonar-se, e viver intensamente esta encarnação. Naquela noite completava uma etapa em sua existência, uma nova Noite Escura estendia-se diante dele. Mas ia ser uma fase mais divertida, mais alegre, e mais perto daquilo tudo que havia sonhado. Sabia disto por causa das flores, das florestas, das meninas que chegam um dia governadas pela mão de Deus, sem saber que estão ali para fazer com que se cumpra o destino. Sabia disto por causa da Tradição da Lua

e da Tradição do Sol.

Wicca

Sardem

le

